



REVISTA LITERALIVRE[©]

Distribuição Gratuita

Ano 02 - Edição 08 - Mar/Abr de 2018

Literatura com Liberdade



Ano 02 - Edição 08 - Mar/Abr de 2018
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Conselho Editorial:

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Revisão: Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Freepik

Site da revista:
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/comoparticipar>

Contato: revistaliteralive@yahoo.com

Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

Endereço Corporativo:
Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antonio – Jacareí/SP
CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:

Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de “fair use” da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Edições (atual e anteriores):
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/edicoes>

© Todos os direitos reservados



(SHA256):5208fa8de9a9551cdd2156b3e9cc4506c1c2
4e3ec6714d79013a7511a3800ea0

Editorial

É muito bom estar novamente aqui, trazendo a 8ª edição da Revista LiteraLivre.

Hoje, antes das novidades e agradecimentos, quero chamar a atenção dos autores sobre uma questão importante: *nosso regulamento*. Infelizmente, muitos trabalhos ótimos acabam eliminados da seleção por não estarem de acordo com o regulamento; apesar de sermos pouco exigentes em comparação a outros concursos, observamos que muitos autores simplesmente "*ignoram*" o que pedimos e nos enviam trabalhos em formatações e formatos de arquivo absurdos, com mais de 20 páginas, no corpo de texto do e-mail, sem título e até sem o "nome"(??) do autor, ou qualquer coisa que o identifique... Quem faz isso desrespeita não só a revista e o nosso trabalho, mas a si mesmo como escritor e artista.

Por isso, fomos obrigados a nos tornar mais exigentes com os autores referente ao regulamento, que sofrerá algumas pequenas alterações nas próximas semanas, lembrando que quem já enviou seu trabalho não precisa reenviar, mas quem for enviar após o lançamento da revista, deve prestar atenção aos novos termos do regulamento para evitar uma possível desclassificação. Espero o apoio e a compreensão de todos.

Mudando de assunto, a revista deste mês traz mais uma convocatória do "Projeto A Arte do Terror", o lançamento do ebook "Sobre Todas as Coisas que Esquecemos de Falar", do nosso grande amigo, o escritor "Mickael Alves" e em homenagem ao Mês da Mulher trazemos o Artista do Mês (com a talentosa Carmen Miranda), a Coluna CULTÍssimo, que homenageia a incrível Dercy Gonçalves, a Revista Les Diaboliques, o lançamento da "I Coletânea Internacional Mulherio das Letras Pela Paz"(da qual tenho a honra de participar) e muita, mais muita "*Literatura com Liberdade*".

Agradeço aos autores que fazem a revista acontecer e aos leitores que mantêm vivo nosso sonho literário.

Obrigada e continuem conosco!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

A stylized, handwritten signature in black ink, which appears to be 'A. Rosenrot'.

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Mundo Afogado (foto).....	1
Coluna CULTÍssimo.....	2
A África é assim.....	10
A Bexiga e o Cacto.....	11
A Complexidade das Lembranças.....	14
A Farsa.....	16
A Morte da Liberdade.....	17
A Verdadeira História De Otelo.....	18
Acróstico.....	22
Adereços.....	23
Aldravias*.....	24
Amargo adeus!.....	26
Ame o próximo por apenas 9,99€*.....	27
Amoras.....	30
Ando Meio Bizarro.....	31
Anel de Lata.....	33
Ao Escrever teu Nome em um Rochedo.....	35
Argila.....	36
Artista do Mês.....	37
Assombração.....	39
Azinabrado.....	40
Bailarina.....	41
Barbatanas.....	42
Carta sem destinatário.....	45
Charlotte e Seu Casaco de Pele.....	46
Cinderela da Rua Amarela.....	48
Como eu me sinto?.....	50
Condenado.....	51
Crescimento Profissional.....	52
Desejos Dementes II.....	53
Devaneio.....	54
Duas noites e dois dias.....	55
Ébrio Louco.....	60
Eu.....	61
Fantasia.....	62
Filhos da Ditadura.....	64
Flor-de-Capitão.....	67
Força da União.....	69
Haikai Engraçadinho.....	70
História que ouvi contar.....	72
Jardim.....	74
Lágrimas.....	77
M K E A.....	78
Menina Inocente.....	79
Metamorfose Realística.....	80
Minha Sereia.....	81
Música da Escola Caiçara da Jureia.....	82
Na falta de eletricidade, reminiscências!.....	83
Na Terra Que Moro.....	86
Nariz Vermelho.....	88

Necróia.....	89
O Andarilho.....	96
O Dia do Yuri.....	98
O Dia Seguinte.....	102
O Hiato da Vida.....	105
O Homem que Chora na Tigela de Sopa.....	106
O Tapete Vermelho.....	109
O Tempo e o Moço.....	111
O Último Poeta.....	112
Óculos Escuros.....	113
Odor Indecisão.....	115
Orquídea.....	116
Os Idosos e o Abandono.....	117
Paisagens.....	119
Palpite.....	120
Pão e Circo.....	121
Poema.....	124
Poeminha das Coisas Felizes (Caleidoscópio Sensorial).....	125
Poesia das Dez.....	127
Ponteiros Ligeiros.....	128
Praia de Criança.....	129
Preciso de um poema.....	132
Prematuro.....	133
Presente.....	135
Prosopopeia de Sara.....	136
Próximos Pelo Lixo.....	140
Quando Eu Era Menina.....	143
Quase Nada Tem Tudo.....	145
Queimando aos Poucos.....	146
Quem Pôs a Pedra?.....	147
Radicalidade do Eu.....	150
Rainha.....	151
Retratos de Uma Mulher.....	152
Rosso - Terra das Bonecas Mortas.....	153
Sem Você.....	155
Sete Luas.....	156
Sete Vidas.....	157
Setembro 25.....	159
Sonho de Liberdade.....	161
Um banquete para Ana.....	162
Um Suspiro.....	165
Um Trem Sem Destino.....	167
Zé Caô.....	168
Convocatória: A Arte do Terror – Volume 5 - “A Arte da Guerra”.....	170
Ebook – Sobre Todas as Coisas que Esquecemos de Falar.....	171
Revista Les Diaboliques.....	172
Lançamento da I Coletânea Internacional Mulherio das Letras Pela Paz.....	173
LiteraAmigos.....	175



Mundo Afogado (foto)



Helder Guastti
João Neiva/ES



CULTíssimo

Ana Rosenrot

Coluna CULTíssimo

Ela já foi chamada de pimenta malagueta, Teda Bara, Pola Negri, malandrinha, PUTA, desbocada, perdida...

Mas o único título que faz jus a sua pessoa e a seu talento é um só: mito.

Afinal, de quem eu estou falando?



Da única e inigualável representante da cultura e da arte popular brasileira: *Dercy Gonçalves*.

Dolores Gonçalves Costa, a Dercy, nasceu no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Santa Maria Madalena, em 23 de junho de 1907 (dizia que seu nascimento ocorreu em 1905, mas que

foi registrada somente em 1907).

Originária de família pobre, era filha de um alfaiate e de uma lavadeira.

Seu primeiro trabalho foi como bilheteira de cinema, onde podia assistir aos filmes de graça e passou a imitar o cabelo e os trejeitos das estrelas, foi aprendendo a atuar e fazendo pequenas apresentações teatrais e musicais em hotéis da cidade. Enquanto isso sonhava em ser uma grande artista.

Sofreu com a violência do pai alcoólatra e com o abandono da mãe que deixou a família devido aos maus tratos que recebia do marido e nunca mais deu notícias.

Seu jeito moleca causava escândalo na cidade, fazendo com que fosse expulsa de eventos da comunidade e aos dezessete anos, fugiu de casa para Macaé e se juntou a uma companhia de teatro mambembe,



onde trabalhou e estreou em 1929, em Leopoldina, Minas Gerais, integrando o elenco da Companhia Maria Castro, na dupla "Os Pascoalinos", ao lado do cantor Eugênio Pascoal. Nascia nesse momento Dercy Gonçalves.



Fazendo teatro itinerante, a dupla se apresentou por várias cidades do interior do Brasil até tentarem a sorte em São Paulo, mas Pascoal contrai tuberculose e eles vão para Niterói, em busca de tratamento.

Sozinha, cheia de dívidas e vendendo perfumes que ela mesma fabricava para sobreviver, estreia em 1932 na Casa de Caboclo, no Rio de Janeiro, com o espetáculo Minha Terra, mas apesar do sucesso, tem que abandonar a temporada, pois também contraíra

tuberculose e precisava se internar. Nessa época conheceu o exportador de café Ademar Martins Senra, que pagou seu tratamento, os dois tiveram um romance, do qual nasceu sua filha única: Decimar.

Em 1934, já recuperada, ela retorna ao Rio de Janeiro, buscando retomar sua carreira na Praça Tiradentes, reduto artístico da época. Por lá, trabalha no Teatro República, Casa de Caboclo e em outros teatros da Praça Tiradentes, onde torna-se conhecida por suas interpretações improvisadas, debochadas, cheias de escracho e humor inteligente. Com seu talento, participou no auge do Teatro de Revista, trabalhando para as Companhia de Manuel e Walter Pinto.





Mas nem tudo eram luzes naquela época, os artistas, principalmente as mulheres, eram vítimas de todo tipo de preconceito e não contavam com nenhum apoio, segurança, ou direitos. Taxadas como escória, até o governo do Presidente Juscelino Kubitschek, as atrizes do Teatro de Revista eram obrigadas por lei a fazerem exames ginecológicos para detecção de DSTs e se aprovadas recebiam uma carteirinha de trabalho vermelha, que era a mesma carteira exigida das prostitutas e quem não a apresentasse era presa.



Em 1942, se casa com Danilo Bastos e em 1943 estreia no cinema com o filme *Samba em Berlim*, de Luís de Barros.

Faria ao todo 25 filmes, a maioria grandes sucessos de público (apesar de massacrados pela crítica, que desmerecia Dercy e as chanchadas) e bilheteria, pois, com sua linguagem sempre voltada para as massas, sua irreverência e versatilidade, o público lotava as salas de cinema de todo o país.

Censurada e perseguida pela ditadura, ela lutava por seu espaço, amparando-se no carinho e no amor do povo, que considerava seu maior aliado.

No teatro, montou a própria companhia, tornando-se produtora: a Companhia Dolores Costa Bastos, que bateu recordes de bilheteria e produziu *Burletas com Luz del Fuego*, *Elvira Pagã* e *Zaquia Jorge*. Produziu também grandes espetáculos e depois transferiu-se para São Paulo, no Teatro Cultura Artística.





Ao iniciar carreira solo, introduziu em suas apresentações o monólogo, muitas vezes autobiográfico, hoje conhecido como *Stand Up*. Foi para a televisão, participando do Programa Grande Teatro; mas o sucesso só chegou quando estreou em 1961 na TV Excelsior, no programa *Viva o Vovô Deville*, de Sergio Porto, no quadro *A Perereca da Vizinha*, e depois no teleteatro *Dercy Beacoup*, de Carlos Manga, que satirizava personagens históricos, chegando a ser a atriz mais bem paga do Brasil. Trabalha na Excelsior até 1964 quando vai para a T.V. Rio e depois para a T.V. Globo, a convite de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni). Seu programa na Globo, *Dercy de Verdade* (1966-1969), programa de variedades, utilidade pública e entrevistas, alcançava 70% de audiência aos domingos, mas foi tirado do ar com a intensificação da censura no país após o AI-5 (conjunto de leis que inaugurou um dos períodos mais cruéis da história brasileira). Ela continuou no teatro e só retornou a T.V. no final dos anos 80, com o fim da ditadura, passando a integrar corpos de jurados em programas de auditório, participou por 5

anos do quadro Jogo da Velha do Domingão do Faustão e também de novelas da Globo e do SBT.



Com uma categoria criada especialmente para ela, recebeu, em 1985, o Troféu Mambembe de "*Melhor Personagem de Teatro*"

Em 1991, é homenageada pela Escola de Samba Unidos do Viradouro, com o enredo "Bravíssimo - Dercy Gonçalves, o retrato de um povo"; gloriosa, Dercy desfilou (causando polêmica, como sempre), no último carro, com os seios a mostra.

Após uma visita ao Cemitério dos Deuses na Tailândia, ela disse ter ouvido um pedido do anjo Milahel



para que construísse um mausoléu de vidro em forma de pirâmide, na cidade onde nasceu. E depois de sofrer um acidente de carro e uma cirurgia para retirar um câncer de estômago, ela apressou a construção do túmulo, que rapidamente se tornou uma atração turística.



Considerada vulgar por dizer palavrões e expressar livremente sua opinião, na vida pessoal surpreendia por seu comportamento sóbrio e puritano, que beirava o moralismo. Com uma carreira de mais de 80 anos, conhecer sua história é conhecer a história do Brasil e da mulher brasileira. Pensando nisso a escritora Maria Adelaide Amaral, publicou em 1994 o livro "Dercy de Cabo a Rabo", baseada em documentos e no depoimento da própria Dercy.

Sua última aparição no palco foi em 2007 na comédia teatral Pout-PourRir onde comemorou "Cem Anos de Humor", numa noite inesquecível.

Fechando a vida com chave de ouro, participou do filme "Nossa Vida Não Cabe Num Opala", de Reinaldo Pinheiro, em 2008, meses antes de falecer vítima de uma pneumonia, aos 101 anos (de acordo com seu registro), em 19 de julho no Rio de Janeiro.

Ela foi enterrada (em pé) na cidade de Santa Maria Madalena com palmas e festa, em seu mausoléu em formato de pirâmide.

Dercy Gonçalves, a grande marginal da arte brasileira, foi uma mulher guerreira, com uma sensibilidade artística sem igual, exemplo de superação e persistência, um espírito puro, que driblou o destino, enfrentando um mundo machista, elitista e preconceituoso, uma adolescente que deixou uma vida sem futuro e fez seu próprio roteiro, desafiou os padrões e encantou plateias no Brasil e no exterior como uma humorista completa, representante máxima da figura da



mulher como artista: corajosa, independente, lutadora.



A mídia negligente e destrutiva do Brasil sempre tentou diminuir a importância da arte e da figura emblemática de Dercy Gonçalves, tentando fazer com que as pessoas a enxerguem como uma “velha desbocada”, motivo pelo qual a escritora Maria Adelaide Amaral fez de tudo para adaptar o livro *Dercy de Cabo a Rabo* para a T.V. e após muitas dificuldades (patrocinadores diziam não querer seus nomes ligados a “alguém” como Dercy) conseguiu lançar na Rede Globo a minissérie “Dercy de Verdade” em 2011, com direção de Jorge Fernando.

Em 2012, Dercy entrou para o famoso Guinness Book, o Livro dos Recordes, reconhecida mundialmente como a atriz que trabalhou mais tempo nos palcos e também como única atriz do mundo com mais de 100 anos a atuar num filme.

Sua figura tornou-se cult e icônica, apesar de ainda desmerecida e atacada pela mídia, que desdenha de seu legado, mas tenta se aproveitar do carinho que o público tem por sua pessoa. Um exemplo disso aconteceu em 2016, quando um certo “apresentador” (que me nego a pronunciar o nome), em sua guerra por audiência, “violou” o mausoléu onde ela está enterrada, para ver se seu caixão estava mesmo em pé, protagonizando uma das cenas mais vergonhosas e absurdas da televisão brasileira, que gerou revolta entre os expectadores e fãs.



Faz 10 anos que o Brasil perdeu a representante máxima do teatro e do humor e por isso, no mês da mulher, quis fazer essa singela homenagem, a uma mulher inesquecível, que sempre foi uma das minhas maiores inspirações como pessoa e artista,



resgatando sua verdadeira história, que vai além do escracho e dos palavrões, selecionei também dois filmes que marcaram sua carreira.

Mercy Dercy!!!

Obrigada a todos pelas mensagens de carinho e incentivo, na próxima tem mais!!!



Decimar e o Guinnes Book



A Baronesa Transviada - (Brasil, 1958) – Dirigido por Watson Macedo, conta a história de Gonçalves (Dercy Gonçalves), uma pobre manicure que descobre pelos jornais que pode ser a filha desaparecida de uma baronesa. Ela vai à casa de sua possível mãe, onde é reconhecida. Quando a baronesa morre, Gonçalves torna-se sua única herdeira e investe parte da fortuna num filme. Esta situação não agrada os demais integrantes da família, que planejam um golpe. Com roteiro de Chico Anísio, o filme critica a decadência dos Estúdios da Vera Cruz e conta com uma cena de dança hilária, que faz referência a Fred Astaire e Ginger Rogers.



Dona Violante Miranda - (Brasil, 1960) - Dona Violante (Dercy Gonçalves) é dona de um bordel e cria, com muito cuidado, a filha de uma de suas prostitutas. A menina viaja para estudar em Paris e quando volta, se apaixona pelo neto de um coronel muito conservador. Dirigido por Fernando de Barros, com um grande elenco composto por Dercy Gonçalves, Odete Lara e Mauro Mendonça.

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



A África é assim

Maílson Kleber Silva dos Santos

São João do Paraíso/MG

A África pede passagem.
Para mostrar tudo que tem.
Na época de São João ela nos traz a pamonha.
Feita de milho que tanto nos convém.

Sua cultura nos encanta a cada dia.
Do Leste, Oeste, Norte e Sul desse Brasil.
No seu DNA se encontra a alegria.
Presente nesse povo desde que surgiu.

A sua linguagem é uma fala dançante.
Que ritmiza e agita todo um lugar.
A folia estremece o seu semblante.
E convida o ser que olha a dançar.

Pode crer que esse povo é lutador.
É valente que enfrenta qualquer dificuldade.
Tudo busca com coragem e muito amor.
Pelas coisas que acreditam e engrandecem sua humanidade.

O brasileiro se movimenta e dialoga como o Africano.
As características que os aproximam estão além da alegria.
Pois nunca desistem, continuando sempre cantando.
Viva a África: povo rico em sabedoria.





A Bexiga e o Cacto

Verônica Lazzeroni Del Cet
Holambra/SP

Era uma história de amor pouco provável, daquelas que deixam dúvida se realmente vai dar certo e se os envolvidos no relacionamento estarão contentes com cada importante passo do comprometimento. Mas era o amor, o amor honesto e que nos deixa confusos, sem saber como reagir e até às vezes não ter reação, que mantinha Bexiga e Cacto apaixonados.

Um tinha espinho, daqueles bem pontudos e difíceis de alguém não reclamar de dor quando, por acidente, encostava. Era verdinho como a grama que depois de longos dias recebendo chuva se alegrava e retribuía a gratidão que sentia, exibindo a coloração mais verde que pode existir. Ficava em um vaso marrom sem graça, sem detalhe e a terra escura e adubada era o único conforto que tinha, até conhecer a Bexiga.

A Bexiga era vermelha, da mesma cor do sangue da gente. Era alegre e convidada primordial de festas de aniversário. Já havia enfeitado – junto de outras companheiras – celebrações especiais de crianças, casamentos e também já tinha visitado hospitais. Às vezes era vendida nas praças, outras vezes era perdida por alguma criança que durante um segundo de descuido a deixava escapar dos pequeninos dedos e então partia rumo ao céu sem saber onde chegaria.

Outras vezes, na verdade na maioria das vezes, ela ficava sem seu formato oval, dentro da embalagem de bexigas, junto com outras, esperando que alguém a levasse embora daquela prateleira tão sem graça, com os copos, garfos e chapéus de aniversário. Apesar de estar com outras bexigas, ela só queria alguém que a amasse mais do que apenas um aniversário, mais do que apenas o instante em que a criança da praça a comprava com alegria.

O Cacto, sozinho no quintal, tinha perto de si apenas velhas garrafas de vidro que em breve iriam para a reciclagem, mas quem disse que as garrafas vazias



são simpáticas? Possuem histórias de tristeza, alegria e superação para contarem, mas não são animadas para iniciarem a conversa. Deste modo, Cacto e Bexiga estavam sozinhos pelo mundo sem a companhia que sentiam falta. Não tinham coração, os humanos não os ouviam, mas eles sentiam que deveriam encontrar a felicidade que precisavam, que sempre precisaram.

Foi então, durante um final de tarde, que os dois ficaram lado a lado. O Cacto não acreditava na sorte que teve quando viu aquela Bexiga tão vermelha e redonda ao seu lado, amarrada em uma garrafa de vidro. Contara ela que tinha enfeitado a mesa de um noivado e ele que era propriedade dos futuros noivos. Juntos não acreditaram que estavam finalmente desfrutando do amor, do primeiro amor. Pela primeira vez não pensaram nem no aniversário seguinte nem na próxima gota de água que regaria a terra, apenas pensaram que o que faltava estava de uma vez por todas extinta.

Mas quem olhava esse amor de fora, de fora do coração deles (mesmo eles não tendo coração), julgava impossível dar certo. “Espinho na bexiga não dá!”, “Vai estourar a pobre coitada rapidinho”, e logo a Bexiga não estaria mais apta a participar de nenhuma festa. Cacto não ligou para o que os outros falavam, nem mesmo Bexiga, porque alguns amores precisam se desligar das opiniões alheias e viverem aquilo que estão predestinados a conhecerem como um casal, como uma dupla e ninguém mais. Opinião nunca vai faltar, ainda mais de quem diz que nos conhece bem, de quem nos leva para festa de aniversário ou de quem aduba a nossa a terra, mas independentemente de quem queira nos mostrar o que é o certo e o que não é, somos nós e foram o Cacto e Bexiga que provaram ao mundo que quando dois querem e estão envolvidos – digo apaixonados – nenhuma outra bexiga ou gota de água pode nos fazer duvidar do que sentimos. Seja o medo do espinho – porque a Bexiga sabia do risco – ou o medo de machucar quem nós amamos – porque o Cacto conhecia o risco de machucar sua amada – os corações conseguem amar onde às vezes não há possibilidade, pois o amor evolui onde quase ninguém acredita.

E quantas bexigas andam pelo mundo, na verdade flutuando, iludidas pelo aniversário seguinte, esperançosa de que encontrará alguém especial que aprecie



seu real valor, que não a intime a participar de mais festas, do agito do mundo? Quantas bexigas vão de praça em praça esperando alguém que as ame não só pela aparência linda e possibilidade de enfeite, mas pelo que ela é, pelo que ela representa? Quantas bexigas estão murchas, dentro do pacote, na prateleira, no mercadinho da esquina esperando a vida mudar com um grande e amoroso amor?

E quantos cactos estão bem adubados, mas infelizes com tudo o que não é essencial, apenas mero detalhe, porque sabem que sua resistência os permite ir além, arriscarem com força inigualável o que sentem e o que podem sentir? O mundo está repleto de cactos sedentos por amor, mesmo retendo a água que recebem, talvez por precaução, mas também por medo em arriscar. O mundo está cheio de cactos e bexigas que precisam de um ao outro, basta apenas o encontro acontecer e o coração entregar-se.

<http://journalistsjourney.blogspot.com.br/>





A Complexidade das Lembranças

Ana Carolina Machado

Belém/PA

A bola de plástico estava largada onde devia realmente ter ficado naquele último dia de brincadeiras. Ele já havia tido aquele sonho muitas vezes, mas dessa vez algo estava diferente. Tudo estava mais vivo e real. Era como se ele tivesse realmente voltado para aquela rua que existia somente nas memórias dele... Era como se tivesse voltado ao local de sua infância. Sabia que isso não era possível. Já haviam se passado muitos anos e mesmo se tivesse voltado para aquela rua ela não teria mais essa aparência. O progresso havia chegado e a sua infância havia ficado há muito para trás. Restavam apenas lembranças de um tempo tão bom.

Com passos trêmulos se aproximou do brinquedo e o tocou. Nunca uma coisa no mundo dos sonhos pareceu tão real. Não apenas a bola, mas tudo ao redor parecia igualmente real. Sentia o cheiro da terra recém molhada pela chuva. Ele não lembrava de ter chovido naquele dia realmente, mas queria acreditar que sim. Tudo ficava mais mágico com um pouco de chuva. Foi quando estava com o objeto em mãos que o viu pela primeira vez.

Havia um garoto lhe encarando fixamente. Logo reconheceu. A criança era ele mesmo com doze anos. Passado e presente se olharam fixamente. Havia tantas perguntas no ar, tanta saudade de outro tempo e era como se o seu eu criança questionasse suas escolhas de adulto. Poderiam ter falado muita coisa, porém preferiram o silêncio que foi quebrado por uma voz do passado que chamava o menino para jantar. Tudo se desfez lentamente.

Acordou na cama do asilo. O sonho não saía da sua cabeça. Tinha a sensação que havia realmente voltado ao passado. Levantou-se. Sabia que não conseguiria mais dormir. Uma vez acordado foi até o armário e retirou de lá uma foto antiga e já amarelada. Não era da sua infância, pois naquela época havia grandes dificuldades para bater fotos do cotidiano, as fotos eram reservadas para momentos muito especiais. Como o presente na foto: A formatura dele no secundário. O pai e a mãe assim como os irmãos presentes. Enquanto olhava a foto se lembrou de um tempo que não mais o pertencia. Lembrou do último dia em que ele e os amigos brincaram na rua. Do dia em que a bola ficou esquecida do lado de fora.



No dia em questão ele e os amigos brincaram como nunca. Apenas pararam perto de jantar, mas a brincadeira não acabou por conta do horário, terminou por eles perderem a bola. Em um chute forte que tinha como combustível a alegria infantil o brinquedo que era a principal estrela do jogo se perdeu em um terreno que não tinham coragem para entrar...

Mesmo com a perda da bola aquele momento teve um significado especial porque ele estudava na cidade grande. Voltava para a pequena vila somente nas férias escolares e aquele era o último dia antes das aulas voltarem. Naquele dia ele não sabia, mas aquele último dia de brincadeira foi como uma despedida. Na sua mente infantil pensava que nas próximas férias escolares voltaria e ele e os amigos jogariam bola como sempre faziam, porém ao voltar tudo estava diferente. Ele estava diferente. Novos caminhos haviam se formado na vida de todos. O tempo não para... Foi fácil notar que a infância ficou para trás junto com o brinquedo esquecido.

Tentou afastar essas lembranças da sua mente, porém a imagem do brinquedo continuava muito viva. Assim como a imagem da versão jovem dele. Durante todo o dia apenas se arrastou perdido em seus pensamentos. Ao seu redor os outros idosos se animavam com a proximidade do natal. O asilo receberia muitas visitas de voluntários que trariam inúmeros presentes. Sendo que o principal presente seria a simples presença dele. Era tradição cada idoso escrever o que gostaria que os voluntários trouxessem de presente... Foi quando a idéia surgiu. Escreveu seu simples pedido rapidamente.

Seus olhos brilharam ao receber o brinquedo que veio cuidadosamente embrulhado. Os voluntários ficaram muito surpresos. Nunca viram alguém tão feliz com um presente tão simples: uma bola de plástico. Não entendiam que para o idoso foi como um reencontro com a infância. Eles não entendiam a complexidade das lembranças.





A Farsa

J. Cordeirovich

São Paulo/SP

Qual uma navalha-falha
O destino vem
E nos corta jugular.
E eu verto este sangue,
Aceito a taça quente
Do veneno dele, o destino.

Talvez ele queria me ensinar
Com pedras e espinhos
Que a felicidade está reservada à outros
E não a mim

Eu aceito plenamente tudo isto.
Há mais dor no mundo que não-dor,
Mais ausência que existência,
Mais solidão e silêncio
Que barulho e festa

<http://poesiasanguesuor.blogspot.com.br/>





A Morte da Liberdade

Marlene da Silva Leal

Rio de Janeiro/RJ

A garota de Ipanema envelheceu.
O Pão de Açúcar desmoronou.
A Vista Chinesa e o Porto Maravilha viraram trincheiras
As ruas e túneis estão sob controle.
O Cristo Redentor nos abandonou.
Nossos governantes saquearam os cofres públicos.
O morro desceu com seu poderio bélico e nos aprisionou.
Os que deveriam nos proteger morreram ou mudaram de lado.
Estamos todos reféns do medo.
O terror queima a alma e os ônibus nas ruas.
"Tranquem suas portas e permaneçam em casa. Não ousem gritar nas praças.
Será inútil. Ninguém ouvirá. Não ergam bandeiras brancas, porque serão
manchadas de sangue".
O comando agora é a opressão dos fora da lei e da ordem.
Estamos todos reféns do medo.
O terror nos cala a boca e os pensamentos.
Ai de ti Copacabana com seu Réveillon.
Ai de ti Madureira com seu Carnaval.
Ai de ti que se rebelar contra o som das armas que lhe tiram a paz.
Seremos todos aniquilados, agrilhoados, imóveis, calados...
Porque a liberdade acaba de morrer.





A Verdadeira História De Otelo

Ricardo Ryo Goto

São Paulo (SP)

“...os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada .

...os personagens são forçados a agir segundo as leis do mundo em que vivem.”

- Pós escrito a O nome da Rosa – Umberto Eco

Uma de minhas colegas, médium de reconhecida capacidade, recebera a seguinte comunicação:

"Peço que em vossas cartas, quando relatardes esses fatos lamentáveis, faleis de mim tal como sou; nada atenuéis, mas nada agraveis. Se assim agirdes, deveis falar de um homem que não amou com sensatez, mas que amou excessivamente; de um homem que não foi tão facilmente ciumento, mas que, uma vez dominado pelo ciúme, foi levado aos últimos extremos".

Da mesma forma como psicografava tantas outras mensagens de desencarnados, este parágrafo pareceu-nos mera citação sendo feita por um espírito comunicante.

-Podeis entender a causa desses infortúnios ?

-Como ? Quem está falando ?- perguntei.

-Eu, Otelo.

-Otelo?

-Sim, também conhecido como o mouro de Veneza.

Eu, que não sou literata nem crítica, arrisquei:

-Da tragédia de Shakespeare ?

-Sim.

Entendi que a citação era sua própria fala numa das cenas daquela peça.



-O que deseja ? - disse com certa relutância, mas amável.

-Compartilhar convosco minha desdita, pois todos quantos visitam as páginas desse malfadado drama têm se preocupado apenas com seu aspecto artístico, dramaturgico, ignorando as implicações morais e existenciais entre os participantes da tragédia.

-Suponho que haja uma história por trás dessa história - adivinhando-lhe a preocupação.

-Correto.

-E qual seria ?

-Sabeis o quanto eu amava Desdêmona...

-Isso é público e notório.

-Porém não suspeitais de que vem de outras vidas essa paixão...

Acreditando na pluralidade das existências, concordei -Posso imaginar.

Quando começou?

-Até onde me lembro, há pelo menos duas encarnações imediatamente anteriores.

-E como aconteceu ?

-Pertencíamos a famílias ilustres que viviam se digladiando por qualquer motivo...

-Os Montecchio e os Capuleto ? - arrisquei de novo.

-Sim, eu me chamava Romeu,ela, Julieta.

-Vocês se suicidaram depois de verem frustrada a tentativa de se juntarem - lembrei-me vagamente.

-Os planos elaborados desde a Espiritualidade eram outros. O objetivo maior era o de conciliar os espíritos de nossas famílias, secularmente inimigos. Devíamos agir com mais sensatez e paciência, conquistando o apoio de cada membro das duas casas, evitando os confrontos e duelos, usando como intercessor frei Lourenço, mas os arroubos da juventude levaram-nos a precipitar aqueles acontecimentos que nos desgraçaram.

-No fim as duas famílias reataram seus laços de amizade... - querendo consolá-lo.



-Mas o duplo suicídio acarretou consequências graves para ambos. Arrastamo-nos pelas zonas umbralinas amargando o sofrimento dos que imolam sua vida em vão. Por isso, tivemos que nos submeter a reencarnações compulsórias para resgatar tais dívidas.

Como doutrinadora daquela casa espírita, eu compreendia perfeitamente bem as consequências desse gesto inútil, do ponto de vista da resolução dos problemas humanos, ao ouvir relatos desesperados de ex-suicidas.

-Em que situação retornaram ?

-No reino da Dinamarca, eu como Hamlet, ela como Ofélia.

-Que objetivos haviam sido traçados ?

-Além de apaziguar os espíritos desafetos, que não se irmanaram completamente naquele episódio da Itália, eu deveria me preparar moral e intelectualmente para reinar dignamente a Dinamarca.

-E por que não conseguiu ?

-Meu pai havia pertencido à família Montecchio, minha mãe à Capuleto. Deviam se casar a fim de se conciliar. Meu tio, um ex-Capuleto tramou o ardil em que matou meu pai e desposou minha mãe, assumindo o trono. A partir daí, em vez de buscar a paz, fui constantemente obsidiado pelo espírito de meu pai, levando-me inexoravelmente a vingá-lo. Mesmo amando Ofélia, minha sede de vingança falava mais alto. Ela enlouqueceu após o acidente em que matei Polônio acabando por suicidar-se.

-Tantos desatinos, mortes, traições e violência, só aumentaram suas dívidas com a Espiritualidade - disse-lhe fraternalmente.

"O que é mais nobre ao espírito ? Sofrer os dardos e setas de um ultrajante fado ou tomar armas contra uma mar de calamidades para por-lhes fim resistindo ?" - repetiu sua célebre fala nesta tragédia, como se me chamasse a atenção para a dificuldade em tomar decisões cruciais numa existência repleta de contradições.

-Novamente impuseram-nos uma reencarnação compulsória, onde nos veríamos a braços com nossos antigos desafetos - Iago era encarnação de Cláudio, Cássio de Horácio, Rodrigo de Polônio - numa tentativa de conciliação.



-No entanto,você, um mouro, elevado à condição de general, desfrutando do amor da bela Desdêmona não se deu conta de quanta inveja, ciúme e raiva despertava entre os seus convivas ? - perguntei-lhe.

-Fui presa fácil de minha própria ingenuidade e arrogância. Em vez de me dar por satisfeito pelas benesses alcançadas, e grato pela oportunidade de me apaziguar com esses espíritos, busquei desmedidamente um patamar que não me competia atingir.

-Esqueceu-se, sem dúvida, dos planos arquitetados no Além. Agora, o que reserva o futuro ?

-Breve voltaremos à vida corpórea. A Espiritualidade planeja-nos outra encarnação compulsória, dessa vez na Escócia, no reino de Duncan.

-Serão novamente marido e mulher ?

-Sim.

Depois de desabafar, o mouro afastou-se resignado.

Enquanto eu me refazia da surpresa pelo contato inusitado e quase surreal, minha outra colega dava passagem para William, que tendo ouvido os relatos de seu personagem, revelou-nos que eu e as outras duas também teríamos papel relevante nessa nova encenação.

Que disse ? Encenação ? Quis dizer encarnação. Como feiticeiras, profetizaríamos o futuro do casal, que, através de violentos artifícios, chegariam a reinar sobre o país.





Acróstico



Morgana Alencar

São Paulo/SP



Adereços

Maurício Régis
Camassandí (Jaguaripe)/BA

Beirando o litoral das rochas,
A salgada água chega ao encontro.
As montanhas longínquas
São de enormes as visões.

Gaivotas, andorinhas,
Garças brancas, garças cinzentas,
E aí, uma nascente do girassol!
As finas chuvas do céu descem,
Riscando o imaginário das vistas.

Pedras pequenas:
Trituradas, arredondadas,
Polidas, rústicas,
Pontiagudas, que desprezam,
Que ali usam adornos!

Em torno do pescoço,
Às voltas do punho esbelto,
A cintura, portanto está curvada.
Uma face desenhada,
Tal como o cacho viçoso de maçãs.

Eia, sorriso empinótico!
Galope cativo dessa bonança;
Como o sol de verão,

É a certeza da tão bela inspirável.

O emotivo meu presente,
Pulsa em cadência à reciprocidade.
Até quando a boca de nada a dizer?
O que está em falta, entretanto?

O gesto teu de carinhos,
É o que preenche lacunas.
E converte toda esperteza
Para uma segurança ingênua.

Ruído enjoativo da demora!
Mês procrastinado que demais teme
A travessia da ânsia!
Estão doloridas as pontas
De teus dedos.
Sobre a verde grama,
Com a delicada pisada,
Voláteis pegadas soltam-se.

Pulseiras: colares de safira,
De ônix, de pederneira,
De ágata, de jade,
E de distinto objeto imaterial.





Aldravias*

Amélia Luz

Pirapetinga/MG



*quando
nasci
nua
de
palavras
cobriram-me*



***Nota:** Aldravia, nova forma de fazer poesia. Seis versos univocabulares, emoção condensada com liberdade poética. Criada em Mariana/MG é a forma genuinamente brasileira de fazer poesia.



Amargo adeus!

Andrieli dos Santos

Coronel Vivida/PR

Cantou na minha janela um rouxinol, como eu tinha tanta certeza que era rouxinol, se eu não conhecia rouxinol? Mas rouxinol seria pássaro mesmo? Abri os olhos e não vi janela aberta, tão pouco com um pássaro cantando, o único barulho era o despertador.

Sonhar me fazia tão bem, sonhava acordada, imagina dormindo! Era "meia" louca!

Dei atenção às críticas dos outros e quando dei na alma ela já estava em outro corpo. Não em outro definitivo, no meu mesmo, mas em outro estilo. Tanto minha alma sofreu, chorou, sentiu, teve porém que aderir a mudança tão rápida quanto nova. Afinal, quem manda nela sou eu! Ela quis me abandonar, implorei que não fosse eu precisava dela agora tanto quanto ela precisava de mim, ela não se foi, mas parece que sim, vi que sua mudança afetava a mim tanto quanto a minha talvez a tivesse afetado.

Olhei para trás, mas não valia a pena voltar, quando algo se repete não é igual, até uma simples vírgula mudaria, imagino a experiência, mas o que vale muito é olhar o lado bom de continuar, como a água que sacia a sede, a lembrança sacia a saudade.

Adeus infância, sempre será parte de mim na lembrança. Passe bem até encontrar outro alguém, que a tenha com orgulho, e que enquanto a ter não veja o quanto a vida é curta!

escre-vidas.blogspot.com.br/



Ame o próximo por apenas 9,99€*

Ricardo Nunes Simões

Loures - Portugal

Sou alguém que se sente atraído, dia após dia, por dinheiro. Gosto tanto de dinheiro que preferia ter um irmão imaginário a ter dinheiro imaginário. Gosto tanto de dinheiro que, se a comida fosse feita de dinheiro, eu passava fome, porque comê-la seria deitar fora carcanhol. Gosto tanto de dinheiro que, se fosse o CEO da Nike, mudaria o slogan para «Just keep it». Para a maioria seria «Just spend it», mas a maioria é parva. Pareço estar a dar a impressão de que sou um puro sovina, e a verdade é que sou mesmo e essa é a minha melhor qualidade, para além de ser a única. Nenhum vício é saudável, mas ser viciado em dinheiro não é um vício, é uma lufada de ar fresco, porque sei que, quando realmente precisar, o meu porquinho mealheiro vai estar lá para mim, tão gordo como um peixe-balão sedentário, sem trabalho nem estudos para concluir. Exatamente, gosto de ter dinheiro, mas evito gastá-lo a todo o custo. Tal como um apreciador de drogas que não gosta de as consumir, só de as manter numa prateleira da despensa, para fazerem companhia. É o meu caso, mas com dinheiro. Para mim, gastar dinheiro é como doar cabelo. Estima-se, hidrata-se, põe-se amaciador, espalha-se baba de caracol uma vez por semana e, quando menos se espera, sai das nossas mãos para ir para as mãos de outra pessoa (há pessoas com mãos bem peludas), e esse não é um sentimento pelo qual eu consiga sentir empatia. Todos os meus amigos se enervam comigo por eu não gastar dinheiro em presentes ou por me esquivar de o gastar em algo desnecessário, quando vamos a algum lado, mas mal eles sabem que é tudo um plano para que, daqui a muitos anos, eu tenha carcanhol que compre a garrafa de champanhe mais cara do Lidl e possa beber um copinho com eles no ocasional *Réveillon*, debaixo da sua ponte. Parecem o meu avô, que me olha de lado por só beber água em vez de vinho tinto que, aparentemente, faz bens aos rins. O velhote sabe do que fala, frequenta adegas desde muito novo.



O que mais me surpreendia ao início, antes de me habituar ao caótico consumismo dos seres desumanos, era a forma como reprovavam o desdenho por dinheiro malgasto. Como se, quando quem quer que nos criou, pretendessem que gastássemos dinheiro para agradar, quanto mais para agradar o próximo. Aliás, sabem lá eles o que é dinheiro e, honestamente, julgo que preferem não saber. Quando alguém criou o Homem, agradar o próximo significava rabiscar animais e cenas de caça nas paredes das cavernas com sangue, saliva e carvão. E quem ilustrasse a cena mais tentadora e sensual conquistava a *Homo Erectus* mais grossa da tribo. Na altura, a mais grossa era que tivesse mais pelo, que era para aquecer. Ser aquecido pela macaca mais peluda era um privilégio, mas, se não se tivesse cuidado, o pelo erigido cortava a pele até chegar à carne. E, se ela fosse mulher a sério (qual Chewbacca), ainda cortava a carne, grelhava, virava e o jantar estava pronto. Com pena minha, o conceito de amor alterou-se quando o conceito de compra nasceu. O «ama o próximo» transformou-se no «oferece qualquer coisinha ao próximo, para não parecer mal».

Admito que todos os anos cedo e acabo por oferecer uma lembrança àqueles que me são mais próximos, quer pelo natal quer pelo aniversário. Perdi a batalha contra o ridículo gasto de dinheiro e foi uma batalha da qual saí perdedor, embora com dignidade e de peito erguido. Penso que, apesar de ter sido acorrentado pela equipa adversária, orgulhei todos os magnatas que combatem este tipo de crime, através de tentativas de amar o próximo que, honestamente, me deixam envaidecido. Aqui ficam alguns dos meus feitos. Tentei, inúmeras vezes – foi uma –, agradar através de pinturas rupestres, mas a minha namorada não achou piada nenhuma a que eu tenha ilustrado o duelo corpo a corpo entre a minha cadela e a gata dela na parede da sala. Já que tinham lutado, pelo menos aproveitei o sangue que sobrou para alguma coisa. Até hoje, a orelha esquerda da Mia continua a ser o brinquedo favorito da minha cadela. Já tentei ainda um outro esquema: esfregar pauzinho com pauzinho, a ver se pegava fogo, e a verdade é que pegou e, mais uma vez, o guru do amor não recebeu crédito. Sinceramente, não percebi porquê, a minha mãe não fica nada mal sem cabelo. Para além de que as horas em que se sentia prisioneira do secador, da escova e



dos amaciadores tornaram-se em pura liberdade. E é muito mais difícil de apanhar cancro e cabelos brancos, vejamos os pontos positivos. A minha última tentativa de amar o próximo à moda antiga teve lugar na esquadra e, enquanto um bando de matulões tentava fazer com que eu dissesse onde tinha escondido a bomba-relógio, eu imitava sons de primatas. Talvez tenha um bocadinho de culpa por não saber escolher os meus momentos, mas deixa-me triste que os primatas que um dia fomos hoje não nos sejam nada.

*Mais ou menos R\$ 40,00





Amoras

Gustavo Behr
Lisboa – Portugal

Não. O tempo das mudanças não chegou agora, outra vez. Ele, em verdade, nunca foi embora depois daquele dia. Algumas amoras estão espalhadas pela casa. Sente-se o aroma de novidade. Mantém-se, manteve-se.

Pela manhã percorro o empedrado da Rua do Diário de Notícias e parece-me que estou sempre a viver permanentes descobertas, desde aquele dezembro que por ali descí, um pouco sem querer, negligenciando o poder que o Bairro Alto contém e que pode eclodir em qualquer momento. Recordo que entrei naquele pequeno bar, clandestino, e foi como se nunca mais tivesse saído dali. Na verdade, o Bairro Alto invadiu-me a alma, tomou o meu ser. Saindo do bar, distraído, chutei aquele cesto de amoras, que rolaram para todos os cantos. Ainda juntei algumas. Mas nunca consegui juntar todas. Nunca. Até hoje. Neste momento olho para o banco de jardim à minha frente, e noto que há amoras a serem mordiscadas por pardais. As amoras nunca mais cessaram a sua correria, a sua fuga, ao mesmo tempo que permitem que eu as encontre.

Neste banco, nesta praça da Rua do Século, estavas ali. Lembro-me como se fosse hoje. Tinhas as unhas pintadas de vermelho e um vestido branco. Davas migalhas de um croissant aos pássaros e saboreavas o livro de um escritor latino-americano. Aproximei-me a pensar em amoras, a imaginar o quanto devias apreciá-las. Transporteí-nos para o futuro, para um banquete no Miradouro São Pedro de Alcântara: amoras em nossas mãos e a vista de Lisboa, como um quadro, aos nossos pés.

Com esta ideia sentei-me ao teu lado e antes de pensar em falar contigo, a minha boca disse *gostas de amoras?* Tu nem tiraste os olhos do teu livro. A primeira palavra que me disseste, por incrível que pareça, em todos os sentidos, foi *não*.

bairroaltocidadebaixa.wordpress.com



Ando Meio Bizarro

Lucas Santos de Oliveira

Niterói/RJ

Ando meio bizarro, puxo, tusso com
meu trago
Há dias trago comigo na boca o sabor do
escarro.
E a carruagem que sela meus 8 mil e
tantos dias
Traz alguns vinhos baratos e a carteira
vazia.
De dia e à noite encaro o tamanho do
estrago.
A cabeça aflita esquentando como motor de
carro
Empurrado na rampa sou como o fusca:
pesado
Aliás, minhas contas são de fato meu
escárnio
Pra muitos, só mais um com um jeito de
viver hilário
Otário, talvez, por desejar tudo de uma
vez
Queria deixar fluir o talento
Sentir o cabelo ao vento...
Mas sempre chega o fim do mês
Agora também no início, sério, anda
difícil.
A vida é um prédio que a gente sobe de
escada, cês sabem disso.
Festa com comanda que cê não paga a
entrada
Edifício. Vide Dubai.
De outro mundo mesmo é a insistência
da família:
"E o diploma quando sai?"
Pois é tia, pois é pai... Anda difícil, mas

uma hora vai
Sigo rumo a um sonho
quando o mundo tá no sentido
contrário.

Na gaveta os textos combinam com os
monstros do armário
Já fazem dias mas nem ligo pr'esses
seus calendários
Quero mais dias livres e me
aposentar,
Queria isso antes dos 100 e uma casa
na frente do mar
Mas isso pra mim já nem rola.
Já devo ser otimista e pensar que
terminei a escola
Na fio da navalha tive de me
equilibrar
Levantar mão pro céu apontando o
dedo
Pois se tô onde cheguei, meu trampo
começou bem cedo
Diariamente me entopem com cenas
que me causam medo
Os meus no meio fio, no frio
Ou no meio da Babilônia estalando
com os dedos.

Vagas aos montes, mas nos montes
pra buscar
Boatos que a calma de monge me
leva até lá
Eu busco na fonte tentando me
encontrar...



Falo com elefantes, hippies ou vikings e
com quem tiver pra falar!
Chama o gerente dessa bagaça! No SAC
da vida eu reclamaria
Ave Maria! Era eu o futuro da casa,
passado alguns anos a casa
Me abandonaria.
Normal, naturalmente a gente cresce...
E tem que se sentir igual o 'homem na
estrada', ou qualquer outro CD
que descreva as ciladas
que não evitei em me meter
Maturidade não é só assumir as merdas
que fez
É olhar pra algumas delas e saber que
faria outra vez
Sei o caminho que quero, que sigo,
avanço, e não me limito
Pra preta e pra mim quero conforto, um
quintal grande com um cachorro bem
bonito
Jogado na grama ou na cama, c'as
grama em cima de mim, contando a
grana da semana programando pro
'findi' um filmin...
... Com ela do lado.
Respirar aliviado e pensar
Que a geladeira tá cheia
E no Extra meu cartão vai passar.
Vai passar... Vai passar essa fase de só

almejar.
Calejadas estão as mãos já de tanto
cavar.
To indo fundo, vou chegar no Japão
Cansei de matar um leão por dia,
tragam-me o dragão.
Fazendo fumaça no vidro do box.
Me arrumo pra cada entrevista
querendo brilhar mais que as painéis
de inox
Da minha tia Maria. Otimista.
Oh, olha só quem diria, cá estou
novamente...
Falando desses laços que um dia me
fizeram mais gente
Que hoje.
Nesse contato através dum telemóvel
E na farsa do discurso de esperança
não me mantenho imóvel
Quero meu carro, minha grana e
minha casa
E sempre que saio na rua pra ela já
vejo preço dos móveis
E tudo mais.
Mas tudo é dinheiro. Dinheiro
primeiro.
Ando meio bizarro, e só estamos em
Janeiro.

<https://medium.com/@BARONG>





Anel de Lata

Aldenor Pimentel

Boa Vista/RR

Quando criança, ele colocava no dedo um lacre de lata de refrigerante e brincava que era seu anel de doutor. Décadas depois, após receber o diploma de médico, no fim da cerimônia de formatura, sua mãe lhe pôs em um dos dedos um anel dourado com uma pedra esverdeada. A mulher ostentava um vestido simples, mas digno, e o orgulho de ver Lázaro se tornar o primeiro médico da família.

Na hora, ouviam-se risos de galhofa vindos da primeira fileira do auditório, onde estavam os mais novos médicos da cidade, de beca, por cima de *black ties* feitos sob medida. Eram os mesmos que no primeiro dia de aula na faculdade riram de Lázaro, por ser ele o único da turma a não trajar jaleco branco e ainda chegar à sala com respingos de cimento na calça jeans surrada.

Na saída da cerimônia, lá estavam reunidos os mesmos de sempre. Quando Lázaro e sua mãe passaram próximo ao grupo, uma voz perguntou capciosamente:

— Lázaro, e aquele anel... é de ouro ou de lata? — A pergunta foi seguida de uma longa gargalhada geral da turma.

Lázaro olhou a mãe, visivelmente constrangida. Olhou o anel que acabara de ganhar e viu nele o reflexo de si próprio ao lado dela. Aquela imagem, na sua cabeça, se fundiu à outra, do passado: o jovem enxergou-se, ainda criança, acordando cedo para ir à escola com a mãe. O colégio ficava a quilômetros de casa. Lázaro passava o dia todo lá. Antes de anoitecer, ela voltava para pegá-lo, na mesma bicicleta adaptada para coletar latas de alumínio. Depois de um longo dia de trabalho, o meio de transporte e sustento da família estava repleto de latinhas.



Lázaro subia no guidão e, ao longo do trajeto, contava empolgado o que aprendera naquele dia. Em casa, ajudava a amassar as latinhas que a mãe vendia para a reciclagem.

Foi graças a esse dinheiro que Lázaro ganhou seu primeiro tênis, seu primeiro caderno e comeu salada pela primeira vez. Foi com aqueles trocados que ele pôde pagar, por anos, o ônibus para frequentar o Ensino Médio e depois garantir a inscrição no vestibular e comprar os livros recomendados pelos professores da graduação.

Inegavelmente, a lata fazia parte de sua vida mais do que ele pensava: estava em tudo o que Lázaro tinha, sabia e havia se tornado. Ia além dos copos de alumínio que sua mãe fabricava artesanalmente para juntos tomarem café todas as manhãs. Não fossem as duas, sua mãe e a lata, Lázaro não teria chegado tão longe.

Com a pergunta do “colega” a lhe martelar a mente, ele segurou forte a mão da mãe e ergueu a cabeça. Olhou nos olhos daquele que lhe perguntava se seu anel era de ouro ou de lata e respondeu:

— É de lata, com muito orgulho!



artedealdenorpimentel.blogspot.com.br



Ao Escrever teu Nome em um Rochedo

Fábio Daflon

Vitória/ES

Marília venha ao mar que sou a ilha
mas sei que junto somos continente,
a vida pode ser a maravilha
só se você vier pra me fazer contente,

sou ilha há pouco tempo desde que um mar
de sentimentos claros me fez exigências
de mais que mar e ilha que eu fosse amar
nas areias do tempo e das contingências

não mais de navegar somente pela bússola,
de navegar agora pelo sol e as estrelas
por ser navio a ilha e a ilha navio;

não mais sou a aventura do mar que me isola,
desejo incoerente de que desatrelas
tudo que há de errado e me fez tão ínvio.





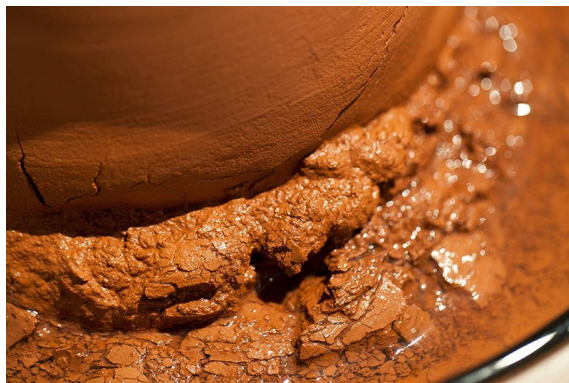
Argila

Eduarda Bringmann

Santa Cruz do Sul/RS

Eu sou como uma argila
moldada de decepções
que vez ou outra se rende
aos belos formatos
Mas no final de tudo
desmancho-me
e viro aquele monte de barro
abstrato

Acho que estou destinada
a provar de várias formas
mas nunca poderei ser aquilo
que moldam de mim



<http://ebringmann.wordpress.com>



Artista do Mês

Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Carmen Miranda
(cantora e atriz luso-brasileira)
(texto Ana Rosenrot)

Maria do Carmo Miranda da Cunha, conhecida mundialmente como Carmen Miranda, nasceu cidade de Marco de Canaveses, Porto (Portugal) em 09 de Fevereiro de 1909, com quase 1 ano de idade, veio com os pais para o Brasil e foi morar no Rio de Janeiro.

Cantora nata, gravou seu primeiro disco em 1926 e menos de um ano depois já era considerada "a maior cantora brasileira".

Em 1936 estreou o filme *Alô, Alô Carnaval* e após se apresentar no Cassino da Urca e em turnês pela Argentina e no transatlântico *Normandie*, em 1939 assinou um contrato para trabalhar no Estados Unidos, estrelando o musical "Streets of Paris", em Boston, fazendo sucesso imediatamente.

Seu sucesso atravessou fronteiras e a "Pequena Notável" tornou-se conhecida mundialmente, gravando seu nome na calçada da fama em 1940.

Em 1946 era a artista mais bem paga de Hollywood.

Em 1947, se casou com o americano David Sebastian e isso marcou o início de sua decadência, pois, seu marido alcóolatra e violento assumiu seus negócios e a incentivava a usar barbitúricos e a abusar do álcool.

Em 1954, ela retornou ao Brasil para tentar se desintoxicar e fazer tratamentos médicos, mas apesar da melhora e do retorno aos palcos em 05/08/1955 com 46 anos de idade, Carmen é encontrada morta vítima de um infarto fulminante.

Cerca de meio milhão de fãs compareceram em seu enterro no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, entoando a música "Taí", uma de suas canções mais populares.



<https://www.facebook.com/apocastudios>



Assombração

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere Baião
Portugal

Vais bater àquela porta
Sem saberes quem aí mora
Abrem-te a porta sorrindo
Reconheces o diabo
Não te lanças em corrida
Fugindo da assombração
Antes encaras com denodo
O rei da dissimulação e do deslumbre
Não vais nesses encantos
Ficas em sentinela
Sem perderes pitada à cena
Convida-te o soberano
Para entrares no seu castelo
Senta-te com ele à mesa
Convida-te a partilhar do repasto
Mostra-te os aposentos
Os quadros que retocou
Estende-te a mão para dançares
Em dolente bailado
Julgas ver estrelas a piscar
Pensas que o demónio te enfeitiçou
Enganas-te redondamente
O príncipe das trevas é perspicaz
Não usa argumentos estafados
Quer mostrar que vale a pena
Sonhar ao som das suas baladas
Quer prender-te sem te obrigar
Tem cautela com tamanhas mordomias
Não deites por terra a tua alma...

<https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3>



Azinabrado

Osvaldo Duarte

Vilhena/RO

não há ninguém em minha cidade
que, gloriosamente,
não tenha azinhavrado
o caramujo do fracasso.

o João fica aí de aí,
fazendo um sapo bor bo bu lhan do...
enfim, irrompe em prejuízo
e sai lesmando os raios do sol
: brilha dolorido, que brilho reluzgente e cega
a pedra nojo, a pedra gosmão!

mas asseguro-lhes o rumo
de que não há segurança alguma para a vida
na cronologia sedentária dos amores
que trincam.

... o amor é trinca de túmulo,
uma vocação a bicho rastejante
naquelas horas cruéis e longas de tumulto.

sei que perdi meu dia na procissão de arrimo
e outrora-agora
quem veio-vem beijar-me a esmo?



Bailarina

Eni Ilis
Campinas/SP

Bailarina sem ensaio
Bailarina sem porquê
Arde bruxuleia
E num de repente
Prevalece.
Bailarina em palco minimalista
Bailarina em ritmo silêncio
Permanece
Repete
Permanece em cada gesto
Talvez um sopro a finde
Talvez dedos lhe encerrem
Talvez seu palco a afogue
Talvez, talvez
Talvez caia e fuja e se alastre
Pode ser também
E ai outra coisa será...





Barbatanas

David Ehrlich

Curitiba/PR

Daniela não sabia como foi parar no meio do precipício. Em um instante, ela estava junto com suas amigas, olhando a vista para o mar lá de cima; no instante seguinte, sua mão, agarrada à rocha, era a única coisa que a impedia de cair.

- Daniela! – Camila gritou do alto – Segure firme!

Samanta apenas olhava enquanto Camila deitava na beira do precipício e esticava o braço. Não era por preguiça: Camila era alta, tinha braços longos e fazia academia, enquanto Samanta era magrinha.

- Só mais um pouquinho... – Camila se arrastou apenas dois centímetros para frente, para conseguir agarrar os dedos de sua amiga.

Foi o suficiente para perder o equilíbrio e cair em cima de Daniela.

Samanta até tentou segurar Camila pelas pernas, mas como era fraca demais, acabou sendo arrastada junto para baixo.

As três caíram ao mesmo tempo na água. Olharam em volta: A rocha na base do precipício era lisa demais. Não havia como escalam de volta para cima. Teriam que nadar até alguma praia ou coisa parecida.

Começavam a nadar quando viram a enorme barbatana se projetando para fora da água.

As três nadaram furiosamente. Mas para onde? Onde poderiam escapar da barbatana? Daniela viu então uma pontinha escura brotando sobre a água. Parecia uma ilha. Nadou naquela direção. Camila e Samanta a seguiram. A barbatana também.

Daniela foi a primeira a alcançar a ilha, embora chamar aquilo assim era exagerado – era só uma ponta de rocha brotando para fora da água. Mas uma vez em cima dela, a barbatana não poderia pegá-las.

Camila chegou logo em seguida. Daniela a ajudou a subir. Olharam então para a terceira amiga, e entraram em desespero: Samanta nadava devagar, desajeitada, e a barbatana estava perigosamente perto dela.

- Rápido, rápido! – Gritavam.

Samanta conseguiu chegar perto o suficiente da rocha para esticar os braços e ser puxada para cima, exatamente no mesmo instante em que duas fileiras de dentes surgiam perto de suas pernas. Elas desapareceram assim que



seus pés tocaram a rocha. Alguns segundos depois, a barbatana afundou para dentro d'água e sumiu de vista.

Samanta arfava. Daniela olhava para a costa, surpreendentemente longe. Como é que as três foram parar ali?

- Aquilo era um tubarão? - Samanta perguntou. Tremia de medo e cansaço.

- Não me importo com o que era. - Camila respondeu. Olhava assustada para a água - Só sei que era grande, tinha dentes e nadava atrás de nós. - Virou-se para Daniela - Alguma ideia do que fazer agora?

- Bom... Acho que vejo uma praia lá, - Daniela apontou para o que parecia uma faixa de areia - Mas é longe pra caramba. E tem mais. - Apontou para a água. Entre a praia e a rocha, nadava a barbatana - junto com outras três.

- Ah, ótimo! - Camila resmungou - E agora? Ficamos aqui até alguém nos ver?

- Nem adianta. Viajamos para cá justamente porque é um canto quieto, esqueceu? Vai demorar dias até alguém aparecer.

- Então... É nadar e torcer para não ser comida, não? - Camila suspirou - Está bem. Eu vou. Posso nadar até a praia, depois de lá ir até algum lugar e pedir ajuda.

- Não, eu vou. Eu que fiquei perto do precipício, eu que assumo o risco.

- Eu que assumo o risco... - Camila imitou com desprezo - Estamos falando de coisas que podem arrancar pedaço teu! Não venha com essa de "é tudo culpa minha", não vou aceitar!

- Então vamos juntas. Nado tão bem quanto você, e com duas de nós há mais chance de uma chegar lá.

- Eu vou junto. - Samanta disse.

- Não. - Daniela retrucou - Não tem como você nadar no nosso ritmo. É melhor ficar aqui até conseguirmos ajuda.

- Mas... - Daniela apontou o indicador para Samanta, mostrando que não queria discussão. Samanta ficou quieta, embora preocupada.

- Vamos. - Daniela disse para Camila. Juntas, pularam na água e nadaram, deixando a amiga para trás.

Mal começaram a dar braçadas, as quatro barbatanas se voltaram para elas.

- Vá para lá! - Gritou Camila, fazendo gestos com a mão para Daniela se afastar. Esta, obediente, separou-se de sua amiga.



As duas agora nadavam paralelamente, com vários metros as separando, em direção à praia. A ideia era fazer com que as barbatanas dividissem-se para caçar as duas. Não havia muita lógica por trás disso além de certo senso de justiça entre elas.

As quatro barbatanas, porém, voltaram-se para Camila. Podia-se entendê-las: Camila era mais alta e musculosa – logo, mais carne.

Ao ver as barbatanas nadando em sua direção, a garota controlou-se para não entrar em pânico: Continuou nadando o mais rápido que conseguia, tentando desviar dos predadores. Mas não adiantava: Estes apenas mudavam de direção, e eram mais rápidos que ela.

Daniela, vendo aquilo, nadou para tentar ajudar, mas quando chegou perto já era tarde: Camila estava cercada pelas barbatanas, cujos dentes lhe rasgavam o corpo.

Daniela perdeu o controle. Meteu-se entre as barbatanas, e começou a dar socos em seus corpos, arranhá-los, até mesmo mordê-los. Os animais, sendo criaturas que agem por instinto, perceberam que aquela presa não valia a pena, e foram embora, deixando o corpo ensanguentado de Camila para trás.

- Vá na frente... – Camila conseguiu ainda dizer para Daniela – Eu consigo te seguir... – Daniela não queria abandoná-la, mas acabou cumprindo a ordem, afastando-se, sabendo que Camila não a seguiria.

Estava a poucos metros da praia, pensando em Camila morta e Samanta abandonada na rocha, quando sentiu uma forte mordida na perna. Uma das barbatanas, mais faminta, decidiu voltar.

Daniela chutou e socou a criatura, até por um acaso furar seus olhos com os dedos. A barbatana, com dor, largou-a e foi embora, deixando sua perna rasgada e inutilizável.

A garota ainda fez um último esforço para alcançar a praia. Arrastou-se pela areia, incapaz de se levantar. Mas estava em terra firme. Poderia fazer uma tipoia, mancar até algum lugar e...

- Você... – Falou, ofegante – Está... Brincando...

Pouco além da areia, estava o paredão da costa. O que separava a ilha em que Daniela estava da terra firme era uma faixa de água, impossível de atravessar com uma perna.

<https://www.facebook.com/david.ehrlich.52>



Carta sem destinatário

Vivian Melo

Olivença/ AL

Você deve estar se perguntando o porquê desta carta e não tem um motivo em específico. Só estive pensando como o tempo muda as coisas, não o tempo em si, mas as circunstâncias que ocorrem durante o decorrer dele. As novas pessoas que conhecemos, os novos lugares que andamos, até as pessoas que nos afastamos e as novas que começam a fazer parte do nosso dia-a-dia. É inevitável que mudanças aconteçam, mas quem nunca teve saudade de momentos, lugares ou pessoas que fizeram parte da nossa vida, coisas que eram tão boas de ter por perto, sorrisos que nos faziam sorrir, abraços que nos faziam sentir seguros...

Assim como as coisas acontecem, muitas vezes perdemos a oportunidade de dizer o quanto as pessoas são importantes para nós, perdemos a oportunidade de eternizar momentos, de solidificar aquilo que custamos tanto para cativar. E hoje resolvi aproveitar esse momento e ter a chance de eternizar tudo aquilo que me faz bem, e isso é o carinho que tenho pelas pessoas que amo.

Queria poder levar as pessoas que amo sempre comigo, queria que a distância não fosse capaz de fazer com que, nos esqueçamos das pessoas boas que em nossas vidas passaram, queria que os afazeres diários não fizessem com que, faltasse tempo para dedicar a quem amamos todos os dias, queria que pudéssemos nos importar mais uns com os outros, queria que...

Penso que a tendência da vida seja essa, os anos vão passando e você vai pensando mais nas coisas que fez, no que ainda quer fazer, nos sonhos que almeja, no emprego dos sonhos ou até encontrar um amor. E sem querer querendo velhos amigos vão ficando de lado, até caírem no esquecimento.

Estou tentando lutar contra a maré, não quero desejar felicidades só em aniversários, ou desejar paz, amor e saúde somente no natal, quero dizer "eu te amo" em um dia qualquer. E este é o meu dia "qualquer". Eu te amo.

Instagram de escritos: @todoafeto

<https://www.instagram.com/todoafeto/>

Instagram pessoal: @vivianmeloo

<https://www.instagram.com/vivianmeloo/>



Charlotte e Seu Casaco de Pele

CCS
São Paulo/SP

Todas as manhãs Charlotte bebia água morna
e vestia apenas um casaco
de penas de avestruz
no calor ela não usava nada por baixo
e no frio ele a esquentava bem

Ainda de manhã ela assistia
pela janela as flores
se inclinando sob o vento
e desejava que seu corpo
fosse ou soubesse fazer
umas curvas daquelas também

O que ela mais gostava –
era do vento tocando seu corpo
sem encostar nele Quando ela vê os dois –
flor e vento dançando –
tinha certeza de que nunca
havia amado alguém

Ela não conseguia acreditar
em nada que levasse mais tempo
do que se leva para ler essa linha –
ou que durasse menos
do que a decisão exigida pelo paradoxo
que surgia quando o segurança
parado na porta dizia
"Você não pode entrar com este casaco, moça"
"Você também não pode entrar nua"

Ela só tinha aquele casaco
mas pensando melhor
ela não iria cambalear muito
caso o jogasse fora
e se vestisse com seus ossos
e engolissem a própria pele –
quem sabe assim
seria mais fácil se curvar
como a flor da manhã sob o vento



que bate agora em seus ossos
e não os faz tremer tanto –
não tanto assim
quanto fazia
naquelas angustiadas
e mornas manhãs

Seu esqueleto à mostra
é o caminho
pelo qual ela andava –
sem curvas sinuosas

Ela está um pouco mais
onde sua vida diz estar –
o lugar no qual as trevas
que toda esquina encerra
e que traz em si um brilho
que nem toda esquina
enterra



www.ccsvernacular.com

www.facebook.com/ccsvernacular



Cinderela da Rua Amarela

Plínio Giannasi

Regente Feijó/SP

ELE é retirante, veio num trem das Alagoas até aqui, algumas décadas passadas.

Guardador de carros, aceita qualquer quantia por um espaço público que tomou para si, quando outro desafortunado foi flagrado por extorsão. E não é questionado, melhor não contrariar. Sem nome, tal e qual a ocupação que lhe sobrou.

Malandro conhecidíssimo.

Contam que quando chegou ainda era criança, com relatos de fugas de instituições, famílias substitutas, e que até de um convento de freiras havia sido expulso. Sabe-se que é adulto devido aos anos que está aqui, porque o tamanho aumentou pouco desde a chegada. A vestimenta não passa de uma bermuda surrada e camisa de campanha política, mistura tosca daquilo que consegue nas entidades assistenciais, associações, igrejas. Nos pés, sandálias de tiras de couro cru, típicas da terra natal. Comprou na feira, com algumas economias planejadas para este fim. Comprou ontem.

Seis da tarde, fim de expediente. Poucos carros estacionados e muitas vagas sobrando. O comércio já fechou e os trocados atirados com desdém, são raros. Começa a anoitecer na Rua Turíbio de Olivença, que recebe alguns contornos lúdicos devido às lâmpadas de vapor de sódio usadas na iluminação pública, que emitem luz amarela. Quando o relógio da catedral anuncia sete da noite, tudo passa a ser mais lento, o alarido estonteante da civilização aos poucos se acalma. Oito horas, e até os bares estão fechando. O malandro se vai com seu ganho diário.

Agora é a Rua Amarela. Apenas duas quadras, menos de duzentos metros. A rua tem este nome devido ao luminoso pálido, ambiente amarelo-fosco-aveludado entre a fumaça de cigarros baratos e o som do declamar sem nexo de poetas embriagados. Não se sabe ao certo desde quantas luas e de quantas primaveras existe a tradição da Rua Amarela, em um trecho desde sempre delimitado. Nove horas no sino da catedral, táxis já evitam este espaço, surgem os seres da noite.

Surge ELA, com o dom natural de despertar lascívia. Dormiu o dia todo, trabalha na noite. Apertada naquele curtíssimo vestido vermelho, é muito popular no espaço de boemia informal. Contam que chegou aqui ainda criança, com os tradicionais relatos de fugas de instituições, famílias substitutas, sobrevivente nata. Tentou resistir sem família, que nunca conheceu. Sabe-se que é adulta devido ao corpanzil sempre sobrando aqui e ali, dentro de tão pouca roupa. O que encontra ainda tão cedo é um galanteador das antigas, que intenciona levá-la para uma vida decente, que não fosse se entregar ao primeiro que lhe pagasse uma bagatela cobrada por prazer rápido e efêmero.



Ela sabe que é lorota, o hálito de cerveja barata denuncia. Mas dá uma moral.

A catedral cantarola que são dez horas. Diferente das outras noites, ELE retorna ao local de "trabalho" na Rua Turíbio de Olivença, agora Rua Amarela, de banho tomado, barba feita, perfumado, outros trajes. Calça, camisa, relógio de pulso. Nos pés, as inseparáveis sandálias de couro cru, novinhas. Lembrança das Alagoas.

Os seres do lugar, jogadores, ladrões, loucos de toda a sorte, não conhecem o malandro, que só está aqui durante o dia. ELA também jamais lhe notara a presença, pois durante o dia dorme, enquanto ELE é flanelinha com espaço cativo. Histórias de vida semelhantes, ELE do dia, ELA da noite, não se conhecem. O sino sussurra onze vezes para anunciar que a Rua Amarela pode ferver mais uma hora. Quisera fosse um baile, eles têm uma hora para se conhecerem.

O malandro intimidado com o galanteador que não desgruda dela. Passa ao lado, pelas costas, gesticula, e ninguém lhe percebe a intenção. Ela entende a aliança na mão esquerda do inoportuno namorador, e pergunta se ele é casado. Um indiferente virar as costas e sair. Tem início o encontro que há séculos estava marcado, sem nuances de arrancar suspiros de moças casadoiras, quiçá um final feliz. Momento de duas almas cândidas se tocarem, dançarem como se houvesse música, e que os demais noctívagos fossem convivas na festa. ELE é malandro do dia, não conhece da noite, e tudo parece tão óbvio. ELA tem conhecimento da noite e do lugar, vantagem indiscutível. Sem regras, passam-se os minutos, dez, vinte, meia hora naquela dança sem orquestra, abraçados no meio de um borbulhar de gatunos, viciados em roubar, agredir, é o crime.

O relógio já se foi, quarenta minutos depois de iniciada a valsa fantasiosa, carteira e camisa arrancadas sem dó ou piedade, e restam dez minutos. Mas não se soltam, dançam como se fosse o fim de seus dias, música imaginária. ELA, num arroubo de honestidade, é ousada o bastante para desafiar o bando, alerta o malandro para que se solte dela e corra até a viela de cima, fuja dali, pois é desastroso o que vem por aí.

Um beijo.

Despretensioso e ingênuo como todo o clássico recontado, ao som das doze badaladas do sino da catedral, e ele dispara rumo à salvação, perseguido pela multidão em fúria. Aquelas sandálias de tradição até que são práticas, mas não para uma fuga em estado de necessidade. Na confusão de agressões e tentarem tirar-lhe o que já não tem, a sandália esquerda se solta do pé, fica por ali.

Meia-noite e meia, todos se foram com a chegada da polícia, que finalizaria aquela balburdia, para a manutenção da ordem. No meio da sujeira toda, um silêncio soberano, iluminado pelo amarelo da rua, e uma sandália de tiras de couro de número indeterminado. Sem o esperado "e viveram felizes para sempre", porque não se sabe o que foi feito daqueles dois, a história há de ser recontado daqui há muitas luas, e outras tantas primaveras.



Como eu me sinto?

Beth Fallahi
Poços de Caldas/MG

Em tempos onde pessoas só veem política
Corrupção e muita falação
Justificar a falta de atenção
Vejo aqueles que amam sem distinção
Embora a internet seja uma enrolação
Hipócritas do novo mundo
Vendem a alma ao imundo
Terei o corpo ideal para o advento?
Ou preciso usar de photoshop para ser isento
Isento de acusações de pessoas sem noções
Para iludir falsos intelectos
Dos ditos cujos prediletos?
O que é mais corrupto?
A falta de caráter dos que julgam
Ou quem julga todo esse caráter?
Ou você é ladrão, ou você é político?
Ou você é magro, ou você é rico
Ou você defende a liturgia
Ou você é contra ela
Hoje só existe a política do mimi
Gêneros ou não tudo vira mimi
Não posso beijar um homem
Não posso beijar uma mulher
Não 'posso beijar um gay
Não posso beijar um padre
Mas posso beijar o demônio da política
Mas posso fazer acordos insanos
Matando inocentes e incapazes por anos
Pois somos humanos
Desumanos
Não se preocupam com os danos
Pois é assim que eu vejo
É assim como eu me sinto
Prisioneira no meu próprio mundo.

<http://www.facebook.com/dancadoventrevinhedo>



Condenado

Leandro Martins de Jesus
Itapetinga-BA

O sujeito há anos guarda no peito
Um coração que bate imperfeito
Ao lembrar-se da fatídica visão.

Que sujeito que se sujeita
A viver sem jeito
Por não ter solução?

Só pode ser desígnio divino
Sentir próximo ao mediastino
Uma pitada de amor

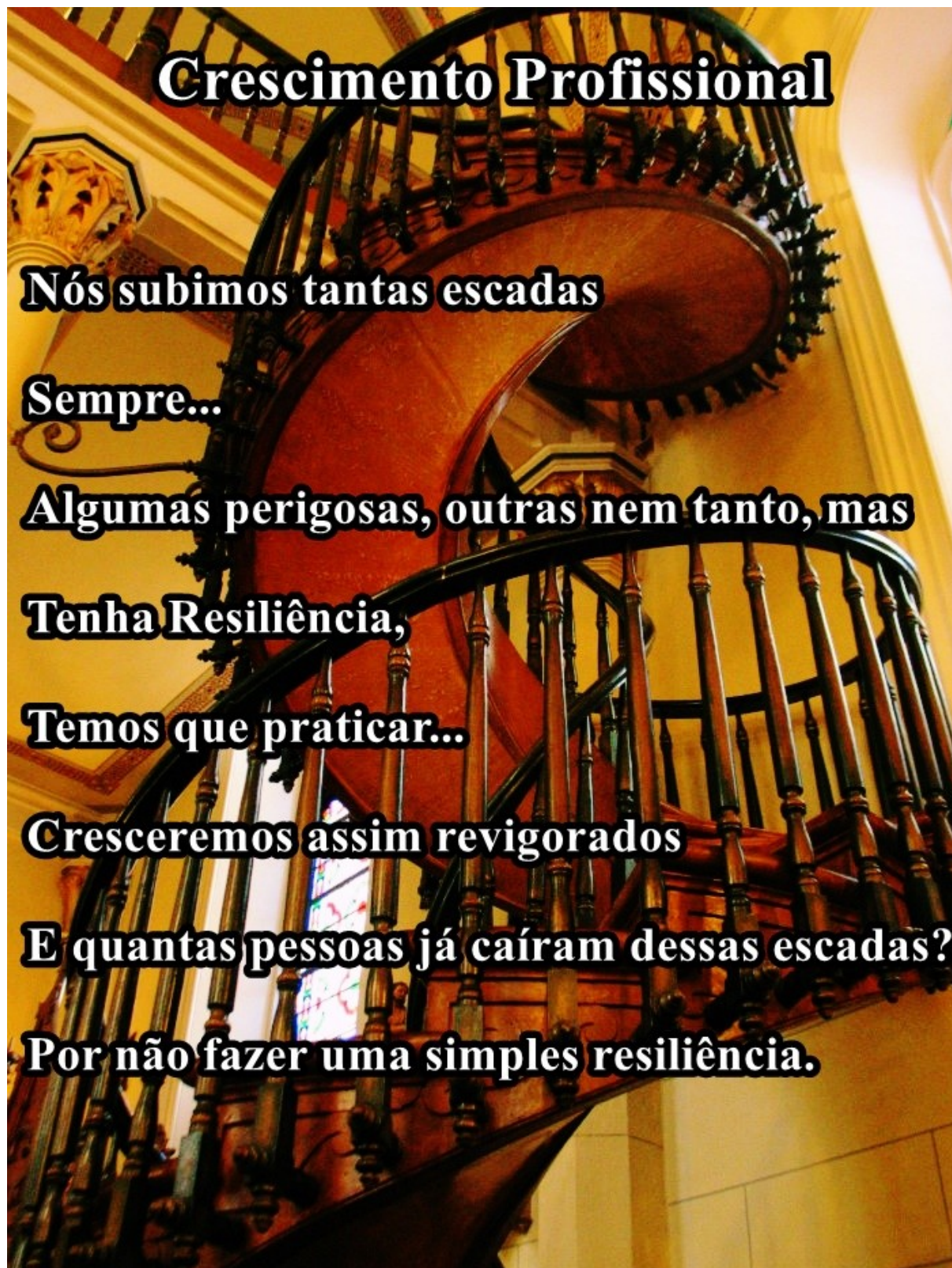
Amor? Ou seria ilusão?
O tempo já disse
Se aquiete sujeito
Em seu calabouço

Estás condenado
A viver para amar
Sem jamais auferir
A mesma afeição.

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/leandromj>



Crescimento Profissional



Crescimento Profissional

Nós subimos tantas escadas

Sempre...

Algumas perigosas, outras nem tanto, mas

Tenha Resiliência,

Temos que praticar...

Cresceremos assim revigorados

E quantas pessoas já caíram dessas escadas?

Por não fazer uma simples resiliência.

Lenilson de Pontes Silva- Pedras de Fogo/PB



Desejos Dementes II

Erick Muguliua
Maputo-Moçambique

Como seiva
Que transborda fotossíntese
Eis minha alma

Coração aperta
Quando o vento
Da solidão sopra

Escancarados ficam
Meus pulmões
Dando vontade de enfarte,
Talvez sobre um alísio
Ou um ciclone,
Sei lá um furacão
Com a fúria
Possa levar consigo
esta solidão,
Talvez uma erupção
Que saiba?
Explodam essa lembranças

Talvez seja um caçador
Ou um colecionador
Possa juntar
Todos momentos prazerosos e
Separe os ruins,
Ou seja, talvez exploda
Nesta erupção...

<https://www.facebook.com/salvadorrafael.muguliua>



Devaneio

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Preciso ser muito franco
diante da página em branco

A falta de inspiração
impede qualquer ação

Mas não se pode escrever
sem refletir sobre o viver

ou deixar de lado registros
feitos por muitos em livros

pensar apenas na estrutura
sem trabalhar uma abertura

Poderia até usar a semiótica
para uma elaboração lógica

Desconstruir a única objetividade
que se contrapõe à subjetividade

Ficar bem distante do elitismo

e também longe do populismo

Texto é uma construção da realidade
mesmo diante desta impossibilidade

de chegar-se à verdade pela
intersubjetividade
buscada e trabalhada com grande
intensidade

Não procura revelar ou esconder o
real
mas não é uma representação do real

apresenta a realidade
com ampla liberdade

A virtude está no meio
defende o meio devaneio

A César o que de César
Esta é para Ana Cristina Cesar



<http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr>



Duas noites e dois dias

Luanda Gomes dos Santos Julião
São Paulo/SP

Eu não me lembro de ter ouvido os ruídos do motor do carro se aproximando e nem mesmo o instante exato de quando as balas começaram a zunir. As caixas de som estavam no volume máximo e tocava um rap, cujas batidas impediam inclusive a atenção de qualquer arrancada forte ou ronco de motor. Eu mesmo, entre um copo e outro de cerveja, viajava solitário nas letras do mestre Sabotagem, enquanto deixava o efeito do álcool atravessar meu corpo. Era quase meia noite e pra mim nem era tarde, era sábado, fazia um calor do caraio e àquela hora ainda havia muita gente não só no bar do Zecão, mas também nas vielas, em outros botecos, nas portas dos casebres, enfim, na quebrada toda. Gente que chegava do trampo, como eu, e fazia uma fita no Zecão pra relaxar, torcar ideias e tomar umas brejas antes de seguir para casa, gente que estava ali o dia todo jogando sinuca, baralho e dominó, gente que passava ali antes de descer pro fluxo.

Além disso, era aniversário do mano Pepê, um dos moradores mais querido e respeitado na área. Ele havia improvisado uma churrasqueira com uns tijolos e assava uns espetinhos de carne para os parças mais chegados. Os manos comiam e bebiam enquanto trocavam ideias sobre o surto de dengue na área, até aquele dia quatro moradores tinham morrido na quebrada. Falavam também da falta da coleta do lixo. Pepê, semianalfabeto, vociferava contra o prefeito e a omissão do

governo e os parças, desatentos, nem se ligaram quando uma Parati, preta e filmada, parou em frente ao bar do Zecão. Eu voltava do banheiro, um pequenino cômodo que ficava na parte externa e lateral do bar, quando vi as portas do veículo serem destravadas rapidamente e descerem cinco homens encapuzados, com sangue nos zóio, disparando sem hesitar os seus fuzis contra todos ali.

Sim, eu me lembro de que quando as metralhadoras começaram a ser disparadas contra nós pra arregaçar, sem dó. No desespero, trombamos nas coisas que estavam a nossa frente e também uns nos outros, a ponto de olharmos um nos olhos do outro o desespero com a proximidade da morte. Zecão, o dono do bar, enorme e robusto, olhou para mim em silêncio com os olhos esbugalhados de medo, antes de tombar ao chão. Sim, me lembro perfeitamente. De sua cara decepada por dois projéteis, escorria uma poça de sangue. Zecão estava irreconhecível com o rosto desfigurado. Os outros fregueses, homens e mulheres, adolescentes e até crianças, todos trôpegos de medo gritavam, pediam clemência a Deus, enquanto eram furados pelos projéteis.

Os tiros provocaram uma fumaça azulada que era cortada pela linha de fogo. Não dava para distinguir muita coisa, não dava para se pensar muito a não ser correr ou se proteger o quanto o seu corpo



aguentasse. Minha primeira reação foi proteger os meus ouvidos e me jogar ao chão, então me protegi na mesa de sinuca, mas a rajada de tiros e os disparos ficaram cada vez mais próximos e mais frequentes.

Baixei o máximo que eu pude a cabeça e procurei retornar ao fundo do bar, que dava para um terreno baldio e descampado, que os moradores faziam de lixão. Os fuzis não paravam e eu me encolhia o máximo que podia e praticamente me arrastando no chão, eu consegui correr para o terreno baldio e escuro. Mas um dos homens me seguiu. Enfurecido, ele atirava a esmo na escuridão e mesmo com todo o breu que me ajudou a escapar dos tiros, eu sentia que a qualquer momento eu seria atingido. Eu ouvia o tilintar das balas que atingiam o mato, o entulho e o lixo, cada vez mais próximo de mim. Com a escuridão era difícil se desviar de tantos obstáculos no chão e o medo fazia com que eu tropeçasse várias vezes. Os projéteis passavam perto, muito perto, cada vez mais perto. De repente, senti uma pressão, uma pancada na cabeça e caí. Os gritos e os tiros foram ficando cada vez mais raros, longe, inaudíveis. Tudo havia silenciado. Fui atingido, vou morrer, eu pensei. Esse foi meu último pensamento antes de tudo desaparecer.

Eu jamais me encontrara numa situação tão estranha e jamais sentira a morte tão próxima. Despertei algum tempo depois, ainda era noite, e percebi que eu estava deitado em cima de um amontoado de sacos de lixo. O cheiro era forte, horrível. Algumas baratas roçavam suas patas e antenas na minha pele. Não sentia nojo. Estava confuso demais para sentir qualquer ranço, mas sentia um desconforto terrível por não conseguir me mexer ou gritar por socorro. Como num sonho, meu corpo

não obedecia aos meus comandos e isso me angustiava.

Ouvia os zunidos das moscas, o movimento das ratazanas e das baratas, e assim o tempo passava. Eu estava ansioso por um rastro de luz. Como havia caído de bruços imaginei que se me virasse de costas conseguiria ver ao menos as estrelas no céu e isso me acalmaria. Decidi então fazer um esforço imensurável para me movimentar e sair daquela situação, mas sequer consegui me mexer. Uma dor aguda, lancinante atravessou meu corpo dos pés à cabeça e outra vez tudo desapareceu.

As primeiras luzes do dia começaram a raiar quando eu acordei. Sentia uma forte ardência na lateral da cabeça, perto da orelha, que escorria sangue em meus olhos e lábios. Estava trêmulo, confuso. O que havia acontecido? Como eu fora parar ali naquela situação? Por que não conseguia pedir socorro? Eu estava baleado e iria sangrar até morrer.

Novamente tentei me movimentar. Dessa vez consegui mexer levemente o braço esquerdo e a perna direita. Tentei me virar, pois a posição que eu me encontrava era incômoda demais. Sentia muita dor, era como se todos os meus ossos estivessem partidos e sem muita força não tinha jeito, tive que continuar, ao menos por enquanto, de bruços. Com muito custo levei meus dedos à perna que doía muito. Era uma dor intensa, aguda e interruptiva. Ainda em estado de choque eu compreendi então que eu estava bastante ferido. Só em minha perna direita havia três perfurações. Eu sentia os projéteis alojados queimarem. Meus ombros também doíam, o que dificultava ainda mais meus movimentos. Além



disso, minha cabeça estava inchada e ardia constantemente. O sangue havia parado de escorrer, mas eu a sentia aberta. Meus pensamentos estavam obscuros, desconexos. Relembrei calmamente o que se passara comigo. Eu havia parado no Zecão para dar um abraço no mano Pepê. Tomei quatro ou cinco latinhas de cervejas e já estava me preparando para ir para casa. Fui ao banheiro e quando voltei tinha tiro para tudo quanto é lado. Saí correndo para o terreno baldio, para o lixão e corri na escuridão até cair onde então eu me encontrava.

O sol foi esquentando e o cheiro do lixo começou a me incomodar profundamente. Precisava levantar o corpo, mudar de posição ou ao menos conseguir virar a cabeça. Eu tentei várias vezes e nessas várias tentativas de perder o fôlego e sentir todo o corpo queimar, eu chorava desesperadamente. Estava prestes a desistir, quando num golpe só, numa dor indescritível, consegui virar de costas. Vi então que acima de mim o sol e senti os meus olhos arderem. Tentei abri-los, mas o pouco que eu enxergava era cinza e nebuloso. Eu sentia minha garganta ressecada e uma sede imensurável. Com um esforço penoso, sobre-humano, consegui me apoiar em algum resto de coisa, em algum lixo e consegui me sentar reclinadamente. Assim, aos poucos eu conseguia distinguir em que parte do terreno eu me localizava. Percebi então que estava no centro, exatamente onde restos de materiais de construção, pneus velhos, carros abandonados e queimados e lixo orgânico eram jogados, abandonados e às vezes carbonizado ou enterrado. A minha frente, a uns trezentos e cinquenta metros de onde eu estava, havia um córrego poluído e

contaminado, onde uma ponte com restos de madeira fora improvisada pelos próprios moradores para ligar os dois lados da comunidade. Nas minhas costas, a mais ou menos quatrocentos metros de mim, estava o bar do Zecão. Como é que eu havia ido parar naquele amontoado de lixo se me acertaram na área descampada? Eu havia me arrastado até ali? E por que agora eu mal conseguia me mexer?

O calor era insuportável. Eu sabia não sobreviveria muito tempo sem água. As moscas, atraídas pelo odor fétido do lixo e pelo meu sangue coagulado na pele, me atormentavam e eu não tinha muita força para espantá-las. Às vezes, sons estranhos chegavam aos meus ouvidos, ruídos de vozes, gritos de crianças que me chamavam. Eu sentia a cabeça pesada e dormente. Tentava responder as vozes, gritava o mais que eu podia, mas elas não respondiam como ou quando eu queria. Meu Deus, eu estava delirando. Não havia ninguém ali, a não ser eu, as baratas, os ratos e as moscas.

Entrei em desespero e comecei a chorar. Foi nesse momento que eu vi um cão em decomposição a uns seis ou sete passos de mim. Os vermes famintos faziam festa com a fartura, fervilhavam atravessando a sua carne que se desmanchava. Ainda dava para ver que o cão era grande e gordo. Logo seria o meu fim, logo eu estaria morto e sendo devorado pelos vermes igual ao cão que fedia ao meu lado. Com a temperatura aumentando o cheiro tornava-se cada vez pior. Será que alguém o abandonara pra morrer ou lhe jogaram morto? Será que, como eu, ele agonizara em seus últimos momentos de vida? Eu me



sentia mais desgraçado que ele, pois via que depois de devorarem o cão, os vermes me devorariam e eu federia igual até ser reduzido a ossos.

Eu estava deitado há tempos e havia fechado os olhos para ignorar o cão morto que brilhava com a luz forte do sol. Embora minhas sensações se restringissem ao mal cheiro e ao zumbido das moscas, meus pensamentos estavam a todo vapor. Lembranças, aflições e incertezas consumiam a minha mente. Seria bom que assim como o meu corpo o meu cérebro tivesse parado, eu pensei. Mas ele estava intacto e em pânico, debruçando-se sobre sentimentos ruins e desenterrando memórias.

Deus, eu nem tava na treta, nem tenho currículo de bandido e agora estava pagando o pato. Eu e os outros inocentes que haviam morrido. Os homens fizeram uma carnificina, vieram muito loucos na crocodilagem. Mó covardia. Haveria mais algum sobrevivente? Não quero morrer assim, num lixão qualquer, como indigente.

Com certeza os jornais escreveriam algumas linhas e a internet faria algumas postagens sobre a chacina, a quantidade de mortos, os suspeitos, a violência urbana, enfim, sem ao menos imaginar que eu agonizara por intermináveis horas (talvez dias, não sei) no lixão ao lado. As pessoas leriam indiferentes as postagens e reportagens e no outro dia estariam novamente sedentas por novas notícias e tragédias, pois é assim que a multidão age: primeiro aglomeração, comoção, depois dispersão. Os investigadores e a polícia arquivariam o processo por falta de provas e os mortos jazeriam no silêncio da impunidade. É assim que sempre foi e sempre será.

Tudo isso continuaria, todo o mundo, mas agora sem mim.

Ontem, numa manhã parecida, eu estava feliz. Feliz sem qualquer motivo ou por qualquer motivo, mas simplesmente feliz. Havia conseguido vender duas dúzias de garrafinhas de água no farol, o que me garantia quarenta reais no bolso. Tinha sido um dia bom. O trânsito parado fazia com que os motoristas sentissem mais calor e bebessem mais água. Agora cada lembrança, cada memória recriada e revivificada pela saudade adquiria pra mim um sabor agridoce. Era me muito custoso cada movimento, cada pensamento. Eu agonizava num descampado usado como depósito de lixo, tampouco impedido de afligir-me com a iminência da morte.

Abri os olhos e novamente encarei os restos mortais do cão. Com certeza ele estava numa situação melhor que a minha. Nada sentia, não mais existia e sofria. Morrer faria desaparecer todo o meu cansaço, todo o meu desespero. Meus pensamentos me perturbavam e exausto de lutar contra eles e contra o sol quente que queimava minha pele, eu adormeci.

Quando despertei já era noite, mas tudo estava como antes: dor, solidão, desespero, calor e sede, muita sede. Eu já estava praticamente há vinte e quatro horas ferido. O tempo ia passando e eu sabia que horas a mais ou horas a menos eu iria morrer, sem tampouco saber o que isso significava. Minha garganta seca queimava a ponto de me incomodar mais que a dor no corpo. Da escuridão em que eu me encontrava era possível ver as luzes dos casebres que não estavam tão distantes. Será que a



minha mãe e minha Preta já tinham dado minha falta? Oh, Deus e o meu pivete? Quem iria sustentar o meu pivete? A essa altura algum vizinho já deveria ter dito que eu também estava no bar. Haveria mais sobreviventes? Elas estavam apavoradas a minha procura? Eu provavelmente seria dado como desaparecido e anos mais tarde ao lotearem ou limparem o descampado achariam a minha carcaça e pensariam que tratava-se de uma desova.

O cheiro do lixo me nauseava. E o cheiro de carniça tornara-se insuportável. Eu precisava me arrastar dali a qualquer custo assim que o sol nascesse. Mas será que eu conseguiria? Como deslocar um corpo pesado e quase imobilizado?

Assim que o dia começou a clarear comecei a me arrastar como uma minhoca pelo lixo. Passei praticamente toda a manhã sufocando a dor e me rastejando, mas tendo em mente que precisava sair daquela situação. A dor era forte, imensurável, mas era a sede que eu sentia que me torturava. Como uma fera usei minhas unhas para procurar entre os sacos de lixo, algum resto, algum resquício de algum líquido. Havia perdido tudo aquilo que se pode chamar de pudor ou dignidade. Estava imundo, sujo de sangue, suor e restos de alimentos podres e fezes. O sol estava a pino e eu estava completamente fraco, esgotado, a ponto de me dar por vencido, quando milagrosamente uma garrafa pet reluziu

em meus olhos com quatro dedos de refrigerante. Eu não tive dúvidas, virei goela abaixo. O líquido estava quente e insosso, intragável, mas ainda servia pra me dar um pouco de força.

Passei o resto da tarde gemendo, lamentando minha má sorte e tentando me recompor. Quanto tempo mais eu vou resistir? O líquido quente e açucarado que havia bebido aumentou a minha sede. Soprava um ar menos carnicento ou já nem notava mais o cheiro. Eu não ouvia mais nada, não sentia mais nada. Olhava para o céu com poucas estrelas e pensava que sem água morreria em breve. A dor aumentara, minha perna estava inchada e latejando com a hemorragia interna. Via vultos na escuridão, acho que eu estava delirando. Essa noite, com o todo o desconforto foi passada em claro. O dia amanhecia quando eu apaguei.

Completamente sem forças eu acordei com o sol quente queimando meu rosto. Estava esgotado, quase sem sentidos. De repente, escutei vozes. A princípio julguei que estava delirando. Mas, não. Eram vozes de duas ou três mulheres. Comecei a gritar, a pedir socorro o mais alto que eu conseguia, mas da minha boa saiam gemidos e lamentações. Achei que elas não veriam. E de repente, pela misericórdia divina, elas me viram e me salvaram.



Ébrio Louco

Evandro Nunes da Silva
São Luís/MA

Depois que este triste ébrio morrer,
Não quero lágrimas, cravos e nem velas,
Para adornar o meu último leito.
Quero apenas semblantes de respeito,
Pois nunca os vi no meu viver.

Quero apenas
Que ébrios loucos como eu
Venham a minha campa e depositem
Seus afetos,
Por um louco que entre eles já viveu.

Quero que deixem,
Deixem que os vermes devorem
As frias carnes do meu cadáver,
E que na dor da saudade, apenas rezem.

Deixem que borrachos e prostitutas
Bebam e cantem sobre o meu túmulo.
Não quero rosas, lírios, nem dalias;
Quero apenas garrafas vazias
Espalhadas sobre a minha tumba.

<https://www.facebook.com/evandronunesdasilva.d.dasilva>



Eu

**Flora Salvador Tito
Luanda - Angola**

Choro

Choro a dor do silêncio, no latir do cachorro

Na expressão do meu olhar

Do sorriso deixado por manifestar

Eu ainda choro,

Por não ter-te chamado pai, amigo e irmão

Soluço palavras entaladas na garganta, queria-te comigo

Eu desejei chamar-te pai amigo e irmão

Longe de mim estão teus olhos, castanhos da cor do mel limão

Ainda sinto a quentura do teu abraço

Eu apenas queria chamar-te pai, amigo e irmão

Mas você partiu antes que eu conhecesse o sol

Eu apenas queria chamar-te pai, amigo e irmão

Reconhecer-te pelo cheiro e depois tua voz

Dar-te um abraço miúdo e beijar tua mão

Eu!

"Dedico este poema a todos os filhos que não conheceram fisicamente seus pais."





Fantasia

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Nunca quis ser professora. Admirava a profissão, mas acreditava que, para ser, era necessário ter-se o “dom” de ensinar e eu não o tenho; nem o dom, tampouco boa vontade para tal.

Por falta de opção, estudei Pedagogia. Não sabia ao certo o que queria da vida, e minhas cogitações eram rapidamente anuladas por pessoas que não me julgavam capaz de exercer outra profissão considerada de maior dificuldade.

Quando criança, desejava muito ser médica, sonho de muitos que não sabem ainda o que querem. Na adolescência, pensava em ser psicóloga, admirava a capacidade que esses profissionais têm de conseguirem ajudar as pessoas a conhecerem a si mesmas, a ouvi-las sem julgamentos. Até hoje admiro, porém, para eu ajudar alguém, seria necessário, antes, ajudar a mim mesma.

Tenho muitas incertezas, muitas angústias e um vazio que parece não ter fim. Certamente, se eu fosse psicóloga, identificaria-me com cada um que chegasse em meu consultório relatando que não sabia o sentido da sua vida, não sabia que direção tomar em diversos aspectos. Identificaria-me com o paciente que não sabia perceber se determinadas atitudes tomadas eram consideradas certas, erradas ou precipitadas demais.

Como conseguiria ajudar alguém, se em cada consulta, inevitavelmente, traria à mente todo o meu passado, toda a minha história. Como ouvir calada o relato de um adolescente revoltado, que se julgava injustiçado por ser tratado com indiferença pela família, pelos amigos e, por mais que gritasse por socorro, de todas as formas que conhecia, era sempre julgado como mimado e rebelde e deixado mais de lado ainda. Como ouvir a queixa de uma criança chorosa que implorava pela presença do pai, que abandonara a família para viver com outra mulher, deixando-a para trás. E os apelos daquela adolescente que dizia ser muito sozinha, mas não conseguia se aproximar das pessoas, culpando-as por todo seu sofrimento e solidão.

Eu me enxergaria, certamente, em cada adulto que entrasse ali com a mente ainda imatura, que não evoluiu conforme a idade, que não vivia o presente, ainda estava no passado, comportando-se como uma criança indefesa a cada dificuldade que se deparava; em cada adolescente revoltado que quisesse chamar a atenção dos pais, como um grito de “eu existo, eu estou aqui e preciso de ajuda”; em cada menina que, com ciúmes dos irmãos, passava a invejá-los, desejando ter nascido menino.



Eu seria aquela mulher que, sentada á minha frente, diria que passara uma vida inteira tentando ser alguém, tentando chamar atenção das pessoas, querendo ainda a proteção dos pais, que ao invés de protegê-la quando precisava, deixavam-na de castigo, isolando-a ainda mais.

Ainda agora, adulta, eu queria ser protegida do mundo, das pessoas más, dos maus conselhos, dos monstros que teimam em perturbar meu sono, dos fantasmas que ainda gritam ao meu ouvido que eu não sou ninguém nem nunca chegarei a ser.

Eu seria aquela mulher desesperada que, aos prantos, diria-me que não dava conta de cuidar dos filhos, nem da casa, pois quem precisava de cuidados era ela, quem precisava de atenção, conselhos, distrações ,que contassem histórias antes de dormir, que a protegessem dos homens perversos, que cuidassem da sua alimentação e dissessem todo dia o quanto ela é importante e que jamais a abandonariam, que seriam seus pais para sempre, independentemente do que ela fizesse na vida era ela. Não conseguira ser mãe, nem esposa, nem amiga, era ainda a menina que precisava de cuidados e atenção.

As pessoas procurariam minha ajuda e tudo que eu desejaria era estar no lugar dessas pessoas, desabafando, contando meus medos, minhas aflições. Não queria ouvir o que as pessoas teriam a dizer ,queria somente falar, mas não tinha ninguém para escutar.

Sendo assim, melhor ser professora mesmo. Assim, criaria uma realidade diferente, junto aos alunos. Daria textos, como contos de fadas, em que todas as crianças tinham um lar, eram amadas e felizes. Contaria a eles histórias irreais, tais quais ela gostaria que tivesse existido. Ensinaria-os tudo o que ela gostaria de ter aprendido e, mais do que uma professora, seria amiga, não deixando que ninguém os fizesse mal. Inventaria histórias só para fazê-los rir.

E, assim, viveria de tal forma que ninguém a descobriria, tentaria dar o melhor de si, mesmo desejando não estar ali e saindo exausta, como quem deixa para trás um personagem e precisa agora estar de volta à vida real.

E na vida real, tudo que ela menos queria era ser professora, mas ali estava, por falta de opção e por não saber, na verdade, onde realmente desejava estar.





Filhos da Ditadura

Luisa Costa Cisterna
Calgary/Alberta - Canadá

As histórias da infância de quem ainda não cresceu nunca serão tão estapafúrdias quanto as dos que foram criados no cenário da Ditadura. Deus é testemunha que meu tio coronel dizia para seus filhos e sobrinhos – eu sendo um deles, - que essa coisa de tortura não passava de uns choquinhos no traseiro. De qualquer forma, os adultos de bom senso tinham o cuidado de evitar tocar em materiais impuros, segundo o critério de impureza dos censores da ditadura.

Eu e meus irmãos vivíamos nessa época de forma despreocupada; sabíamos o Hino Nacional, o da Bandeira e da Independência de cor e salteado, nossa contribuição para com a ordem e progresso. Além dos Hinos, sabíamos de cor as músicas dos Secos e Molhados. Minha mãe pintava o rosto dos meus irmãos *a la* Ney Matogrosso e juntos dançávamos alucinados na sala de casa “o gato preto cruzou a estrada, passou por debaixo da escada” até que meu pai chegasse do trabalho. No momento em que ouvíamos o carro chegar na garagem, os Secos e Molhados recolhiam-se à sua insignificância. Silêncio!

Mas um dia, entre rebolados e requebros ao som de “O Vira,” a campainha de casa tocou. Suspeitando ser um vizinho reclamando da vitrola alta, minha mãe abaixou o som e nos pediu que ficássemos quietos. Obedecemos. Ela abriu apenas uma fresta da porta, cochichou com alguém e lentamente fechou a porta, mas trazendo nas mãos um LP (para os mais novos, um LP é uma versão rudimentar do CD, mas não tenho tempo para dar detalhes sobre a vida antes do Google).

“Venham aqui,” disse ela em um sussurro para nós. “Comprei este LP. Vamos ouvir, mas não contem para seu pai.”

“Por que não, mãe?” quisemos saber.



“Porque é uma música perigosa. Se nos pegarem ouvindo isso, vamos para o xilindró.”

“E se o pai souber?” perguntamos amedrontados com a possibilidade de nossa mãe ver o sol nascer quadrado.

“Ele só vai saber se vocês contarem ou se cantarem a música em casa.”

Como meu pai só gostava de música clássica e não permitia que cantássemos em sua presença, não seria um grande problema.

“Venham, vamos ouvir a música, mas vou colocar bem baixinho.”

Ouvimos a música várias vezes, e assim como as músicas dos Secos e Molhados, logo aprendemos essa nova canção proibida. Ainda a canto hoje em dia; e bem baixinho, como de costume – “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer.” Bem baixinho...

Minha mãe correu para a porta ao ouvir a campainha ao mesmo tempo que fez um final para que abaixássemos o volume estridente da vitrola que tocava um LP dos Secos e Molhados. Belo Horizonte, anos 70, no auge da ditadura militar. Meus dois irmãos mais novos, vestidos de Ney Matogrosso, pararam de dançar a música “O vira” assustados com a exortação da nossa mãe.

_ Silêncio! Deve ser um vizinho reclamando do som alto. Vou ver quem é.

Mamãe abre apenas uma fresta da porta, conversa alguns minutos com alguém e fecha a porta trazendo com ela um outro LP.

_ Que é isso, mãe? perguntei.

_ Um disco novo. Ela titubeou.

_ Podemos ouvir agora? Queremos dançar, perguntou um dos meus irmãos.

_ Acho que agora não dá. Seu pai vai chegar daqui a pouco.

_ Mas mãe, se o pai chegar não vamos mais poder ouvir nada. Ele não gosta de música, só música chata sem letra, argumentei.



- _ Não essa música. Muito perigoso ouvir essa música agora. Se seu pai chega...
- _ Mas ainda falta um tempo para ele chegar. A gente desliga quando ouvir o barulho da carro dele na garagem.
- _ Que chateação vocês! Já disse que agora não dá. Vamos esperar até amanhã. Seu pai não iria gostar nada dessa música.
- _ Aposto que é porque o tio é da polícia. Se a música não for boa, a polícia pode prender a mãe, ponderei, pois já tinha ouvido o tio coronel militar dizendo que certas músicas e livros eram proibidos e quem as ouvia levava choque na bunda no quartel e ficava preso numa cela escura.
- _ Deixem de história! Calados. Vamos ouvir amanhã e ponto final. Mas não fale nada para seu pai do disco. Não contem nada dessa história. Ele vai bater em vocês, ela nos alertou.

Fomos dormir chateados. De manhã, quando ouvimos o pai sair, corremos para a sala e ligamos a vitrola.

- _ Mãe, já ligamos a vitrola. Vamos logo ouvir a música, eu disse.
- _ Tá bom, mas essa música só podemos ouvir bem baixinho.

Ela pega o disco, coloca na vitrola, abaixa o volume. Nos assentamos próximo ao aparelho e atentamente ouvimos a tão perigosa música, cantem baixinho, bem baixinho; e aprendemos a letra que nunca cantaríamos na frente do meu pai. "Vem vamos embora que esperar não é fazer, quem sabe faz a hora não espera acontecer... caminhando e cantando, seguindo a canção..." Bem baixinho!





Flor-de-Capitão

Regina Ruth Rincon Caires

Araçatuba/SP

O quarto menor da casa era reservado para as visitas. Apenas a cama e um velho baú de madeira, reforçado com tiras de metal, compunham a mobília. As alças do baú já não existiam, sobraram apenas os sinais do encaixe. A chave ficara perdida em algum lugar, nas muitas mudanças. Colocado sobre pilhas de tijolos, que o erguiam do chão, ficava protegido das constantes lavadas do chão. E guardava segredos. Ali ainda ficavam umas poucas vestes da avó, trazidas de além-mar. Acomodava velhas cobertas feitas no tear, roupas de dançarina, xales enormes, o pente com o véu. E as castanholas.

O deleite da menina era revirar aquilo tudo. Perdera a conta de quantas vezes fazia o mesmo ritual de desdobrar e dobrar as peças, passar os dedos pelos bordados, espetar o pente nos ralos cabelos, arrastar o véu e os xales pelo chão. Sempre sob o olhar saudosos e atentos da avó.

Um dia, percebeu que, sob as pesadas cobertas, havia um embrulho. Curiosa, quis saber do que se tratava. A avó, pacientemente, contou que eram sementes de flor-de-capitão, e recomendou que a menina não mexesse ali, que elas não poderiam ser plantadas, nunca. As sementes foram dadas pela comadre da avó, com a sugestão de que fossem semeadas no entorno da horta. A florada traria borboletas, abelhas e as hortaliças ficariam mais viçosas e saborosas. Mas, depois de uma conversa com o avô, ficou terminantemente proibida a semeadura. Irritado e em desacordo, ele havia falado que aquilo era uma praga, que infestaria as plantações, as pastagens. Enfim, era uma ordem: as sementes não poderiam ser espalhadas.

A menina, pouco convencida, fechou o baú. Foi para o terreiro, brincou, chegou mesmo a esquecer do embrulho sob as cobertas. O dia foi quente, mas a tarde começou a ficar carrancuda. Enormes nuvens espalhavam-se pelo céu, nuvens negras. E, junto com o baixar do sol, veio a lembrança das sementes.

Correu até lá. Aproveitou que a avó estava ocupada com a cata dos ovos, distante dali, abriu o baú, retirou tudo com muito cuidado e encontrou o saco de papel abarrotado de sementes. Pegou o pacote, colocou-o no chão, voltou as roupas no lugar, tudo arrumadinho. Abraçou as sementes, olhou de um lado, do outro e saiu em disparada antes da chegada da avó.

Lá fora, o tempo havia fechado por completo. Trovões, relâmpagos. Começou a ficar espantada. Queria abrir o pacote, mas precisava voltar para casa. Andou um pouco na direção do cafezal, ajeitou-se sob a saia do pé de café



e começou a desembulhar as sementes. Eram muitas, excessivamente frágeis, parecidas com minúsculas folhinhas secas.

Um relâmpago intenso clareou o céu, um trovão ensurdecedor ecoou e a menina, de susto, quase engoliu a língua.

- Tinhoca! Tinhoca! Anda menina! A chuva vai ser braba!

De longe, as vozes da mãe e da avó gritavam o nome dela. Precisava ir, e precisava guardar as sementes! Como?!

Não teve saída. Acomodou o embrulho no tronco do pé de café, planejando que voltaria na manhã seguinte para buscá-lo. Feito isso, saiu desembestada para casa. No caminho, o vento a deslocava do chão. Bastou colocar os pés no alpendre, a chuva veio feito dilúvio.

À noite, deitada, imaginava como iria secar e embalar as sementes para guardá-las novamente no baú. E, arquitetando, conjecturando, dormiu.

Acordou com o mugido do gado no curral. Correu para a porta da cozinha, a chuva havia parado, a umidade cobria tudo. Mal trocou de roupa, passou a mão num embornal e rumou para o esconderijo das sementes.

Não havia pacote, não havia sementes. Vasculhou tudo, andou por várias fileiras de pés de café, pelos carreadores. Nada. Tudo era barro vermelho, lama. A chuva de vento varrera toda a roça, desfolhara o cafezal.

E as sementes?! Como explicaria?

Ficou pensativa por alguns dias. Depois, esqueceu...

E os dias corriam. A menina não teve mais vontade de mexer no baú. Quando lembrava, empurrava a ideia. Nem passava pelo quarto.

As chuvas se foram, o sol reinou escandaloso, as plantas pareciam ainda mais verdes, as flores coloriam tudo. As flores?!

- Tinhoouoooooooooca!!!





Força da União

Wagner Trindade

Poeta Arara Azul/MS

Deus escolhe os filhos
e nasce nossos irmãos
todos de mãos dadas
pela força da união

As agruras da vida
rompem a corrente
e a fonte de equilíbrio
se torna opressão

sozinho não há luz
disse o senhor da paz
o homem não entende
e se isola mais e mais

quando chora um irmão
murcha a linda flor
que veio da semente
do mestre do amor

sair da solidão
é limpar o coração
ir aos necessitados
com a fonte do perdão

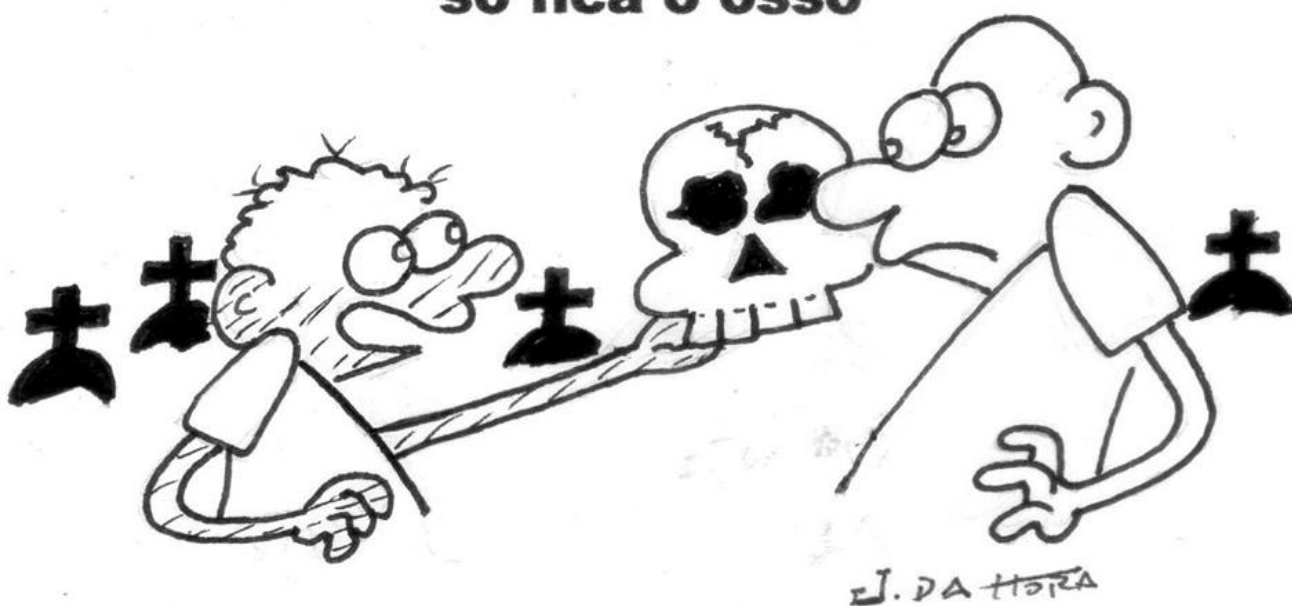
pense meus amigos
se houvesse união
a lágrima que cai
enxugada pelas mãos!



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Viu aí, moço?
depois que morre
só fica o osso**





HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Pelos encantos da meretriz
pagou o preço
e foi feliz**



J. DA HORA

Jorginho da Hora

Simões Filho/BA



História que ouvi contar...

Gilberto Moura
São Luís/MA

O que a fome é capaz não tem limite

Nas estradas que percorri ouvi muitos relatos de fatos ocorridos na vida das pessoas, dentre os quais alguns me comoveram, como o que vou contar aqui.

No sertão do Piauí uma família composta pelo casal e mais seis filhos pequenos, onde o último aproximava-se aos 2 anos e o primeiro não havia chegado aos 12 anos. Crianças com idades seqüenciais com intervalos de 1 a 2 anos, tipo “escadinha”, como se diz no nordeste.

Família humilde que dependia unicamente do trabalho “braçal” do pai, pois a mãe tinha como atividade única, que por sinal, muito laboriosa, cuidar da casa e dos filhos, serviços que ia desde pegar a lenha no roçado, para colocar na trempe para cozinhar a alimentação de toda a família; ao cuidado da higiene de todas as crianças, das quais, quatro eram meninas e dois meninos.

O senhor Pedro muito trabalhador, homem disposto e prendado nas atividades rurais, fazia de tudo para dá conta da alimentação. Plantava de tudo no seu roçado: mandioca, milho, arroz quando o chovia bem, tinha muita fartura, mas nem todos os anos o “inverno” era bom o suficiente para ter uma boa colheita para atender a demanda da família, durante o ano inteiro até chegar a nova safra.

A Dona Virtu, como se chamava a mãe da criança, pois seu nome mesmo era Maria Virtuosa. Para dá conta da casa, acordava às cinco da manhã e só ia dormir quando a última criança já estava acomodada em sua rede, já bem tarde da noite.

Devido às dificuldades, muitas vezes impostas pela própria natureza, região do semiárido, com a escassez de chuvas, a alimentação das crianças invariavelmente, ficava comprometida e o seu Pedoca tinha que se virar para não deixá-las com fome, e com a consciência de sua responsabilidade, pegava a rede de pesca, a tarrafa e ia aventurar algum peixe para resolver em parte, a fome que rondava a sua família.

Um dia ao chegar a casa estava uma tristeza só, pois não tinha nada para as crianças comerem, então ele foi ao quarto onde guardava todos os seus materiais de trabalho, já era mais de 20h, embora noite sem luar, se mandou para a lagoa com uma rede de pesca já bastante puída pelo tempo. Ao chegar pegou o coxo e atravessou para o outro lado, pois lá era comum encontrar



peixes com mais facilidade. Armou-a e voltou para esperar a rede se encher de peixes. Deu um tempo e ouviu uma grande movimentação no local onde havia estendido a armadilha, vez que a escuridão não o deixava ver nada. Percebendo os movimentos, partiu pra lá, pra ver o que estava acontecendo, quando se deparou com uma grande sucuri que havia entrado na rede para comer os peixes presos na mesma. A cobra ao sentir a presença do pescador, cuidou-se em desvencilhar-se da mesma, a qual ficara em situação deplorável e sem nenhum peixe. De imediato ele cuidou em recolher o que havia sobrado da e voltou para casa, para a luz de lamparina (vela), tentar remendá-la.

Quando chegou a casa estavam todos acordados à espera de algum alimento, o ambiente de expectativa de repente transformou-se numa desilusão profunda ao ouvir a notícia da fracassada pescaria.

Apesar de tudo, o Sr. Pedoca não perdera as esperanças, cuidou em encontrar os materiais, como linha, agulha, sovela, faca, para remendar a rede que a cobra havia rasgado. E ele ali sentado pôs a remendar a rede, ficando na sala apenas o Matheus, o penúltimo dos filhos que contara apenas 4 aninhos, sentadinho do outro lado da sala, encostado na parede, quase de cócoras, com as mãos segurando as pernas, a observar o trabalho do pai. Enquanto que os demais irmãos haviam se acomodados em seus respectivos lugares habituais de dormirem todas as noites. De repente aparece Dona Virtu, que por conta do desespero de ver a fome atormentar seus filhos, pois sempre é a mãe a mais cobrada, por ser ela a que fica mais em casa e que no entendimento das crianças é ela a responsável pela comida pronta. Então passou a transferir com palavras essa "culpa" ao seu marido. E ele caladinho fazendo o seu serviço para ao concluí-lo retornar à lagoa e tentar novamente conseguir o tão almejado jantar. E sua companheira continuou a falar, coagindo-o sem trégua, numa pressão sem fim. Quando de repente ele se levantou com a faquinha afiada que a utilizava para cortar as pontas de linha de nylon e perguntou acintosamente: - Virtu, carne serve? - Passou a faca na sua própria coxa que o sangue espirou!

-A criança que observava o trabalho do pai e assistiu o fato, correu para cima chorando em estado de desespero. Os outros filhos se levantaram todos, e foram ver o que havia acontecido. Dona Virtu em estado de choque, sem saber o que fazer começou a chorar e pedir desculpas!

O menino que quietinho no canto da sala que observava seu pai fazer o trabalho de remendo da rede, era um dos personagens desta história, que ao lembrar começou a chorar, então o pedi para não continuar o relato, pois não vale à pena sofrer por um passado triste. Suas últimas palavras sobre o assunto foram às seguintes: "(...) desde esse trágico episódio, nunca deixei de trabalhar um dia sequer, e sempre me dediquei a ajudar meus pais, para nunca mais uma sena desse tipo se repetir diante de mim!".



Jardim

Marcella Pires
Goiânia/GO

Chegou bêbada em casa naquela manhã do sábado mais frio, chuvoso e melancólico do qual sua memória guardava lembranças. Bêbada, drogada e triste, seguiu com muita pressa rumo ao banheiro do segundo andar, subindo a larga escada de madeira disposta na sala daquela casa imensa. Chegando ao banheiro, retirou suas roupas sujas e encharcadas de álcool, mantendo-se muda enquanto observava por alguns largos minutos a juventude do reflexo de seu corpo nú, guardado ali, dentro daquele espelho inerte, semelhante a um lago estagnado de prata. À exceção de um coração steampunk tatuado em seu peito esquerdo, todo seu corpo era coberto por flores (rosas, tulipas, gérberas, crisântemos...), cravadas com tinta colorida bem no fundo da sua pele pálida. Ela era um buquê, e cheirava a primavera e álcool. Já era de praxe ouvir muitos comentários indelicados acerca das suas numerosas tatuagens, sempre acompanhados de olhares cínicos e mal-encarados. "Meu corpo não quer sua opinião", era o que invariavelmente dizia. Enquanto contemplava seus seios fartos no espelho, os quais sempre rendiam-lhe algumas bebidas grátis nos bares da vida, sua cabeça deu alguns giros, a tontura tentando puxá-la bruscamente para baixo. O coração no peito direito do reflexo deu um salto de súbito. A cada pulo, um penetrante sibilo ecoava pelo cômodo. A tatuagem movimentou-se ainda em mais 12 sístoles e 13 diástoles ritmadas, até se imobilizar por completo em sua carne. Sentiu, por fim, umas pontadas agudas na cabeça e, logo em seguida, o som de um sino reverberando dentro de sua mente perturbada. Foi então que irrompeu por todo o corpo um formigamento excruciante, que grassava por cada centímetro de derme.

Sucumbiu em completa agonia, lançando-se com uma pancada contra o chão duro e frio. Suas unhas grandes e afiadas -- como era moda entre as garotas "dark" -- se mostraram de grande serventia nesses instantes de tormento. Enterrou-as na carne esbranquiçada, esfregando a dor com afinco, na esperança de estancá-la. Logo, sangue vertia por todo o jardim de seu corpo, deixando manchas rubras naquelas flores multicoloridas, e formando uma nojenta poça vermelha no piso do banheiro. Grandes pedaços de carne dos braços, pernas e quadris já haviam sido estraçalhados. Centenas de pétalas, arrancadas. Desvencilhadas de seus receptáculos, encontravam-se agora caídas sobre o piso imundo, submersas em poças vermelhas. Ainda assim, não conseguia aplacar a dor que impregnava, inelutável, os sentidos. Suas duas mãos



já estavam completamente pintadas de puro vermelho, e todo aquele cheiro de sangue tirava-lhe o fôlego, comprimindo sua garganta com verdadeiro horror. Alcançou, com muita pressa, a pia logo à frente e deixou a água escorrer violentamente. Grande foi a surpresa ao perceber que a dor, o sangue e os rasgos de suas mãos e pulsos sumiam assim que entravam em contato com o líquido, sem deixar sinal ou cicatriz. "Só as águas acalmam". Lembrou que escrevera alguma coisa do gênero em um poema apenas algumas semanas atrás, em um papel amassado encontrado jogado sobre o criado-mudo do quarto. Correu até a banheira, enfiou-se em seu interior e ligou a água fria. Conforme o líquido subia, alívio e êxtase percorriam suas veias. A água gelada limpava seus machucados, sarava suas feridas e a confortava com beijos. As flores de seu jardim tornaram-se exuberantes e intensas novamente, assim como o fazem na primavera. A temperatura baixa resfriava seu corpo e adormecia sua mente com cantigas de ninar. Recebeu um convite para um sono profundo, e foi ter com Morfeu, ao toque das papoulas. Enquanto refugiava-se dentro de si mesma, uma suave corrente elétrica cortava caminho por entre dois pontos de seu cérebro, e causava-lhe uma impressão confusa. Um zumbido elétrico ecoava levemente ao pé do ouvido, e mesmo quando mergulhava sua cabeça completamente para dentro da água, o barulho permanecia inabalável. Já na terra dos sonhos, boiava, inerte, sobre um extenso oceano gelado, cujos limites sumiam do alcance da visão. O céu estava repleto por nuvens, e o sol brilhava timidamente no horizonte. Demorava-se em uma devota contemplação daquele astro, seu deus, quando notou que ele tornava-se, a cada instante, mais vivo. Seus raios, até então fracos e impotentes, intensificavam-se majestosamente. Acompanhando essa transição, o clima ao redor tornava-se mais e mais temperado, assim como as águas aqueciam-se prontamente. Os raios incidiam impiedosamente sobre sua pele exposta, onde formavam com muita pressa tumores acinzentados, que cresciam como uma massa fermentada. "Só as águas acalmam". Mergulhou dessa vez todo o seu corpo radioativo no fundo do mar, em busca de proteção. Lá embaixo o oceano havia perdido toda a vida. O assoalho marinho tornara-se um necrotério de corpos coloridos de todas as formas, as cores anunciando a vida que uma vez existira naquele lugar agora tão sombrio. Em meio àqueles corpos sem vida nadava ainda um único peixe. Achatado e em forma de disco, com contrastantes faixas em preto, branco e amarelo, e uma longa barbatana dorsal; uma visão perfeitamente singular. Seguiu implacável em sua direção, até posicionar-se em frente ao seu rosto e dizer-lhe as seguintes palavras, em um tom penetrante: "Vá, a vida está se esvaindo, sua viagem astral termina aqui". Ao abrir os olhos percebeu que ainda estava submersa dentro da banheira. Sobrelevou-se com um salto e engoliu largas golfadas de um ar cortante, demorando ainda alguns segundos para recuperar o fôlego.



Só então notou que a temperatura da água havia se elevado excessivamente, de algum modo misterioso, e agora fervia suas pernas e quadris, que ainda se encontravam imersos. Retirou-se com pressa de lá, buscou a toalha pendurada na parede ao lado e cobriu seu corpo com ela. "Mas o que diabos está acontecendo?" Voltou, desorientada, seu olhar novamente para a banheira, e mais uma vez faltou ar em seus pulmões. Fez, novamente, a si mesma a pergunta de agora a pouco, só que, dessa vez, com mais desespero, e com uma voz ainda mais vacilante. Ali dentro, imersas, haviam se materializado, inexplicavelmente, dezenas e dezenas de flores, brancas, vermelhas, rosas, roxas e azuis. A água já não era mais límpida, estava suja com a essência das cores, que, juntas, formavam algo próximo ao púrpuro. Em um ímpeto, atirou a toalha ao chão, ainda impregnado de sangue e, aterrorizada, procurava por suas tatuagens, que não estavam mais ali. Nenhuma. Não deixaram nem marcas. Sua pele agora era limpa, sem graça e macilenta.

Chorou por causa de suas flores perdidas. Por causa do seu eu que se perdia para sempre naquele momento. Estava agora de joelhos, inclinada sobre a banheira, e tentava, com a esperança de uma criança, pregar algumas das rosas e crisântemos de volta à pele, mas isso de nada adiantava, elas se foram. Que angústia... precisava colocar um fim a todo aquele sofrimento. Pousou a mão direita sobre o peito esquerdo, e notou que seu coração também já não estava mais lá. Seguindo a lógica irracional dos últimos acontecimentos, ele devia estar ali, nas águas, em algum lugar escondido por tantas pétalas. Enfiou as duas mãos por entre elas, Tateando e despedaçando várias, até que sentiu um músculo, oculto por diversas lágrimas de cristal brancas amontoadas em um canto. Era seu coração, seu próprio coração, batendo, vacilante, em sua mão esquerda. Os olhos marejados miravam aquilo surpreendidos. "Não faça isso, é um caminho sem volta". Mas ela queria, precisava, mais do que tudo, pois já não era mais a mesma. Tinha que ir embora. "Para sempre, sempre, sempre..." ecoava entre as quatro paredes, cantado por macias vozes desconhecidas. Cravou, inicialmente, apenas suas unhas compridas dentro daquela carne. Depois, introduziu seus dedos por completo, até que ela parasse de bater, e o mundo ficasse negro. A partir daí, sua alma estava entregue à overdose, que a levou consigo para um lugar de onde não se volta. Nunca mais.

<https://atabularosa.wordpress.com>





Lágrimas

Aldirene Máximo

São Paulo/SP

Se nunca chorei na sua frente
Foi porque sabia
Que a tristeza que eu sentia
Tornou-se sua dor.

Não queria te fazer sofrer
Chorar, só lágrimas de Amor!
Amor vivido e sentido
Escondido no espinho da Flor.

É intenso o que sinto
Ferido foi, meu coração
Mas, na escuridão da noite,
Encontrei a Luz, a direção.

Você cicatrizou cada ferida
Com lágrimas, as fechou
Hoje posso caminhar segura
Meu coração se acalmou.

Não soltarei a sua mão
Ela trouxe-me as respostas...
Você escreveu comigo
Um poema a cada encontro.

Os versos soltos em sua voz
Desataram meus nós
A canção aqui ouvida,
É a que enfeita a minha vida!

Lágrimas?
Só se for de Amor!

<https://www.facebook.com/Escritora-Aldirene-Máximo-316951448745863/>



M K E A

Denis Vitor

Olinda/PE

Ela é complexa em si mesma.

Não sabe se foi

ou se está voltando

ou o que quer.

Ela me surge, cheia de incertezas

como uma criança que o mundo tenta destruir
aos poucos.

Ela é mágica

e ela se afunda em seus próprios truques.

Eu teria pena dela

mas na verdade, tenho medo

daqueles lindos olhos puxados.

Naqueles olhos estão todos os mistérios

que nunca desvendarei...

Ela sempre cai diante dos errados

e nos erros permanece

sem saber o motivo.

Eu acho que ela é apenas louca,

mas, porra, qual mulher nesse planeta não
é?

hahahaha...

E eu gostaria de ser devorado por sua
loucura,

mas sei, ela não é minha.

Não me pertence.

Não deveria.

Não poderia pertencer.

Um vento a trouxe para mim

e esse mesmo vento a levará.

Mas e essa saudade

de quem nunca tive?

o que é?

por favor,

diga-me você...





Menina Inocente

Davyd Vinicius
Curitiba/PR

A menina quer ser princesa
E aguarda ansiosa pelo dia do castelo desmoronar.
Deleita-se no seu brado de inocência,
Perdida no seu mundo de sonhar.

O príncipe de papel
Se esvai com o rastro do passar.
No início, uma história bonita
Até quando tudo acaba.

O amor era inocente,
A história também.
Tinha um mundo em sua mente
Que à aprisiona e torna sua própria refém.

[_HTTP://facebook.com/escritordv](http://facebook.com/escritordv)





Metamorfose Realística

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

A realidade nada é sem observadores;
Não existe no limbo simplesmente;
A realidade não foge aos seus tutores;
Quando se entra em cena tudo se torna incandescente...

Esta espiral não pode cessar;
Para o bem dos registos históricos;
Para o mal de tudo que nos faz pecar;
Inusitados factos insólitos...

Teremos tempo para sermos surreais?
Há que mergulhar nas curvas do tempo;
Sem perecermos pela falência dos nossos ideais;
De escárnio está o universo isento...

Tenho forte convicção;
Que quando conseguirmos atravessar a aurora boreal;
Seremos transportados para a dimensão;
Que nos elucidará com clarividência, acerca do bem e do mal...





Minha Sereia

Delson (Bebé)
Salvador/BA

Eu não morava na areia,
Nem me mudei para o sertão,
Mas quando lhe conheci,
Entreguei o meu coração,

Que bateu forte fazendo-me sentir
Uma agradável sensação,
Como se o céu descesse à terra
Para festejar nossa união.

Morreram nossos planos infantis
Foram sonhos, tudo em vão,
Pois assim o destino quis
Que nós vivêssemos na solidão.

Tempo passou; ontem nos vimos
Você me beijou, soprando na mão.





Música da Escola Caiçara da Jureia

Paulo Cesar Franco

Iguape /SP

A Escola Caiçara da Juréia,
É um projeto discutido,
Nasceu da necessidade,
De se preservar os antigos.

Os antigos são histórias,
Tradições de nossa gente,
São memórias caiçaras,
Que hoje estão presentes.

O presente dessa história,
Encontra-se ameaçado,
Pois depende das pessoas,
Querer preservar o passado.

O resgate da cultura,
Não se faz de papeladas,
Mas depende da vontade,
Que vem da comunidade.

A memória de um povo,
É sua própria identidade,
Quem não tem memória curta,
Nunca esquece o passado.

O passado da Juréia,
Tem história para contar,
Começa lá nos Antigos,
Que não podemos ignorar.

Antes dos maus grileiros,
Que lá foram atormentar,
Os Antigos Caiçaras,
Plantavam para se alimentar.

Com o projeto da usina,
Veio a proibição,
A Nuclebrás tirou a lavoura,
E o feijão de nosso chão.

Quando veio a Ecologia,
Nova história começou,
Dessa vez foi a mandioca,
Que da roça se acabou.

Hoje o povo na cidade,
Lembra o tempo dos avôs,
Tenta matar a saudade,
Pelo som de um gravador.

Mas, caiçara é aguerrido,
Mesmo sendo de vagar,
Costume do povo indígena,
Que nunca ficou pra trás.

O projeto da escola,
Visa a história resgatar,
Conservando a natureza,
Sem medo de labutar.

A memória dos antigos,
São as nossas tradições,
São forças e ferramentas,
Que estão em nossas mãos.

Vamos nessa companheiros,
Nossa história continuar,
Somos nós os pioneiros,
De essa história partilhar.



Na falta de eletricidade, reminiscências!

Ronelson Campelo Silva

Porto Velho/RO

Como minha esposa encontra-se viajando a trabalho, programei algumas atividades para realizar esta noite. Após o jantar, organizarei alguns papéis do meu trabalho, lerei algumas páginas de um romance e finalizarei a noite com uma série de televisão. Entretanto, enquanto estou na estante selecionando o livro da noite, meus planos acabam por serem frustrados. Motivo: Acabou a energia. Todo o cômodo da casa fica escuro, a não ser pela fraca luz da noite, que entra através dos vidros da janela. Logo penso: "Difícil acreditar, que nos dias de hoje, ainda tenhamos problemas de energia aqui na capital". Apesar de ser uma situação que dificilmente ocorre no prédio onde moro, penso: "Preciso de velas". Lembro que alguns meses atrás, quando fui ao supermercado, comprei por impulso um pequeno pacote de velas. Agora, resta saber onde foi guardado, e como encontrá-lo nessa escuridão. Minha esposa e eu combinamos de sempre guardar os materiais úteis como velas, pregos, parafusos e fitas adesivas, na primeira gaveta do armário da cozinha. Então saio da sala e dirijo-me à cozinha. Tomando como guia as paredes e os móveis pelo caminho, chego à cozinha e começo a vasculhar a "gaveta de utilidades". Apesar da dificuldade de enxergar, encontro bem no fundo, atrás de caixas de fósforos o saquinho de velas ainda lacrado. Pego no balcão da pia um copo de vidro, emborco, acendo a vela, e espero um pouco da parafina derreter. Com o derretimento, pingo um pouco do líquido no copo, e coloco a vela em cima desse líquido, para quando a parafina secar, a vela grude no copo, e não solte com facilidade. Enquanto realizo esse procedimento, há muito tempo esquecido, me vem à mente a época da minha infância. No bairro em que eu morava quase todos os dias enfrentávamos noites sem energia. Era dito e feito, e como já contávamos com a noite sem eletricidade, durante a tarde realizávamos todas as atividades possíveis, como



tomar banho e preparar o jantar, com consciência da dificuldade que seria realizar essas simples atividades no breu da noite. De tantas vezes faltar energia, considerávamos normal, era algo a se esperar, fazia parte de nossa rotina. E sempre quando a energia retornava, comemorávamos dando gritos de alegria e satisfação. Esses momentos eram bem alegres e engraçados, pois escutávamos a rua inteira comemorando, semelhante quando a seleção fazia um gol na rival, nos anos de copa do mundo. Nessas noites, para variar sem energia. Lembro de minha mãe, dentro do quarto olhando pela janela, observando a noite e a rua com o olhar perdido, como se esperasse a todo o momento alguém virar a esquina - naquela época minha mãe era super magra - esse alguém era o meu pai. Ele trabalhava em um garimpo do interior do estado. Lembro que na época, quase todos os pais dos meus amigos se aventuravam na busca do ouro para trazer o sustento a seus lares. Era uma profissão muito difícil, pois além de desgastante, meu pai era obrigado a constantemente viajar para o local, onde estava sendo extraído o minério. Às vezes, ficava meses fora de casa, e o único contato era por meio de conhecidos, que voltavam antes do meu pai, ou então pelo envio de cartas. E em todas as noites minha mãe - sempre forte e otimista - esperava meu pai voltar olhando pela janela, torcendo que a viagem tenha sido um sucesso, que não tenha acontecido nenhum acidente nas estradas e que tenha conseguido trabalhar o suficiente para trazer o sustento da casa. Com toda calma e paciência ela o esperava, dia após dia, cuidando de mim e de meus outros 03 irmãos. Até hoje não sei como eram as atividades no garimpo, meu pai sempre foi um homem de poucas palavras. Sempre que retornava trazia algum dinheiro. Como na época eu não entendia muito o valor do dinheiro, não sei informar a quantia exata que ele recebia. Posso deduzir que a quantia não era das melhores, pois vivíamos "apertando o cinto", economizando cada centavo, até que meu pai retornasse novamente. Enquanto ele não retornava, lá estava minha mãe observando pela janela. Minha mãe apenas interrompia esse ritual, quando ele chegava.

Agora sentando no sofá, fico imaginando, porque minha mãe esperava em pé olhando pela janela, sozinha? Por que não sentada ou deitada na cama?



Refletindo sobre nossa situação da época, penso que ela escolheu aquele local, porque era mais reservado; Lá era o espaço dela, onde podia desabafar, pensar, quem sabe até às vezes chorar, sem que nós percebêssemos. A escuridão dentro de casa - devido à falta de eletricidade - contribuía ainda mais para esconder as emoções da minha mãe. Alheio a tudo isso, eu e meus irmãos brincávamos, fazendo a maior algazarra na sala. Contando histórias e balançando na rede que ficava no centro do cômodo. Todos na expectativa da luz retornar, para que pudéssemos dar o nosso grito de praxe, apostando quem gritaria mais alto, em comemoração à chegada da eletricidade. Nem se quer imaginávamos que eram tempos difíceis.

Apesar de às vezes faltar o pão, o amor e o companheirismo em nossa família sempre esteve presente. Meus pais até hoje estão casados, são mais de 40 anos juntos. O que nos dias de hoje é quase um milagre. De lá pra cá, minha família cresceu, meus pais tiveram mais duas meninas. Meus irmãos já estão todos casados, dando a felicidade a meus pais com netos e netas, possuem bons empregos, e escolaridades bem elevadas. Penso que apesar da infância e educação humilde que tivemos, soubemos contornar a situação com garra e sermos vencedores.

Protegendo a chama da vela com a palma da mão, dirijo-me até a sala, onde deixo o copo com a vela, em um local alto. Para que a claridade se espalhe por todo o interior do cômodo. Sento no sofá ainda com aquele sentimento de nostalgia, quando de repente a luz retorna. Meus olhos ardem com a luz branca irradiada pelas lâmpadas do tempo, e inconscientemente, encho meus pulmões de ar, e dou um grito de comemoração. Acho que dessa vez eu ganharia dos meus irmãos.

<https://www.facebook.com/ronelsonolepmac.olepmac>



Na Terra Que Moro

Lusandro Oliveira Leite
Santa Inês/PB

Minha terra já foi a mais cruel de todas, germinou
Monstros mornos, mitos e Lampião.
Mistura seca, fome, esperança, consciência, barbárie e desejo.
Aviva a magoa eterna, gotejando raízes do sofrimento pelo tempo!
Estamos sempre esperando reunidos?
Moramos no pueril deserto, aguardando o dócil inverno,
Até agasalhos compramos, nutrimos os últimos anseios,
A água que bebemos!
Doce água!
Água Boa!
Santa terra de horrores é meu sertão!
Como um guerreiro, lutamos indivisivelmente,
Contra o verão, admirando o sol a reluzir nossos sonhos caindo
Das nuvens no Nordeste Brasileiro.
Estamos sempre esperando reunidos?
Conversando e batendo nos galhos secos das árvores que não florescem,
Nos agachamos por um tempo.
Disse-lhe, ainda, temos, Nelson Rodrigues
Augustus dos Anjos e Ariano Suassuna!
A terra que moro, não é indiferente com as demais.
Quando éramos jovens e medrosos,
Na casa de meu avô sonolento que sempre aconselhava, Pedro,
Leia, leia e leia...
Na terra que moramos... cavalgamos por tempo, em florestas
Sem vida... o que ainda restava, da vida...
Essas são as flores das montanhas,
Durante infinito verão, doce sertão!



Mas... é...

Mas... é...

Mas... é...

Na terra que moro que já fui de tudo um pouco,
Já fui menino traquino, já mendiguei o pão,
Já trabalhei nas minas, já fiz até carvão, quando saia do forno,
Minha avó até gritava: - lá vem! Preto que nem o cão!
O preto não me incomodava! Mas, sim, o cão!

<https://www.facebook.com/lusandro.oliveiraleite>.





Nariz Vermelho

Alberto Arecchi
Pavia - Itália

Um nariz vermelho
uma máscara sem rosto
um passo de samba
um homem com o acordeão.

A dança do urso
uma estátua falsa
enfarinhada como um peixe
para fritar.

A carruagem de fogo
vai escorregando
em uma corda longa
como teleférico.

Costumes costurados
de papel crespo,
feitos para durar
apenas uma noite.

A fonte
gorgolhando
para lavar pintura
e remover a lágrima
de rímel escorrendo.

Alegria ostentada
e tristeza real
onde se afoga
a solidão.



Necróina

Gerson Machado de Avillez
Rio de Janeiro/RJ

“A Diferença entre o remédio e o veneno é a dose.”

Paracelso – Médico e físico do século XVI.

A maioria dos narcóticos surgiram bem-intencionados a partir de propriedades peculiares isoladas da natureza o qual o benefício seria de exclusivamente melhorar a qualidade de vítimas de pacientes em todo mundo ou para estudar aspectos peculiares da cognição. Quem poderia imaginar assim que no começo do século XX a cocaína fosse vendida em drogarias, similantemente o ecstasy e LSD fossem crias laboratoriais utilizadas para estudar aspectos da mente, tendo o uso recorrente entre acadêmicos e mesmo soldados em guerra até sua posterior marginalização mediante perigos potenciais de seu uso e dependência. Daí surgiram uma legião de dependentes químicos os quais pareciam dispostos a tudo para manter o frenético vício iniciado por convenções sociais pouco conservadoras.

A partir da decadência narcótica ela passou ser usual a marginais e seitas que buscavam modo de elevar a consciência e ativar partes da mente consideradas adormecidas através do uso de alucinógenos e outros narcóticos como uma herança latente e inconsciente dos antigos ainda em estado tribal, dos que faziam uso da cannabis entre outros.

Porém, um cientista químico conhecido por seu papel no desenvolvimento de drogas para sanar divergentes mentais em suas variadas patologias psiquiátricas parecia caminhar alucinado pelas ruas tal como seus pacientes. Seu nome era Carlos Bennet, filho de brasileiros com uma norte-americana o homem de títulos era tido como confiável, credível e de alta reputação por seus títulos de doutor por Yale.

Todavia Bennet ruborizado parecia transpirar abundantemente pelas ruas frias de Boston onde mantinha um laboratório para seus experimentos medicamentosos. Como sob efeito de narcóticos ilícitos num torpor de euforia típico de um estado de consciência alterado o homem caminhava a passos largos entremeados de edifícios e constantemente fintando atrás de si como se além de embebido no suor estivesse mergulhado num estado paranoico como típico efeito colateral de alguma droga experimental.

Porém, ao adentrar no comércio como se fugisse de alguém topou aterrorizado com um rosto sombrio dentre a pequena multidão de consumidores, um rosto temerariamente familiar a ele. O homem então mudou de direção quando um carro freando bruscamente parou em sua frente antes que ele atravessasse a rua. Angustiado o homem estancou qualquer movimento e paralisado fintou seus perseguidores com grandes olhos esbugalhados até que um golpe penetrou suas costas por um punhal. O homem virou-se e viu o que parecia ser um garoto que saíra correndo enquanto os perseguidores agora



fingiam-se de socorristas ante todos até que o jovem sumisse na multidão como sua vida esvaindo-se nos braços de seus algozes. Bennet não estava drogado, mas realmente perseguido por sinistros e misteriosos homens atrás de uma descoberta.

Todavia o homem tinha um seguro ante a poderosa descoberta por ele desvelada, algo que disponibilizou na internet em casos de infortúnios como aqueles. Uma droga potencialmente revolucionária o qual não era capaz de alterar o estado de consciência como a maioria dos alucinógenos, mas amplia-la de um modo inesperado. Droga esta capaz de dar vislumbres supostamente do post mortem, algo que ele agora experimentava em caráter definitivo.

Não demorou para que a morte de Bennet fosse anunciada nos telejornais e que alguns descobrisse e replicassem a fórmula com propriedades químicas de fácil acesso mudando para sempre os estudos da morte na história humana. Tão logo o narcótico chamou-se necróina e inicialmente popularizou-se entre grupos esotéricos e seitas, mas vindo a cair no gosto posteriormente de celebridades e intelectuais. Foi na onda de um amigo intelectual o qual teve experiências transcendentais e fora do corpo o qual foi tomado pela curiosidade de algo que tinha implicações filosóficas antigas e primordiais.

Os relatos eram difusos, mas pareciam curiosamente ter confirmação científica não somente por leituras cerebrais e neurológicas do cérebro sob seu efeito, mas dos relatos extrassensoriais que batiam com o ocorrido durante o período o qual o indivíduo aparentemente projetava sua consciência sensorialmente adormecida fora dos espaços naturais a seu invólucro de carne. As implicações eram enormes. Das projeções astrais o qual governos temiam do uso para espionagem as visões que relacionavam diretamente a contemplações espirituais de anjos e entidades jazidas de outrora. Fosse reais meramente delírios senis e psicóticos de mentes letárgicas num torpor de quase coma.

Obviamente que antes do uso dessa singular e revolucionária droga estudei todos os artigos relacionados do doutor Carlos Bennet assim como estudos secundários que embasassem uma segunda opinião não menos surpreendente. Aquela droga lançava a consciência num estado similar ao do sono REM, porém, emitindo ondas cerebrais ainda mais intensas ao demonstrar uma atividade cerebral incomum em determinadas áreas do cérebro como o pineal e hipotálamo.

Não havia uma única hipótese sobre aquilo e seus efeitos aparentemente de relatos condizendo ao mundo desperto. Dentre elas havia de que a droga ampliava a capacidade auditiva em seu estado aparentemente inconsciente de modo a conseguir perceber movimentos e objetos no local onde estava, mas esta hipótese foi logo deixada para trás quando testes indicavam que o homem num estado de quase morte conseguia visualizar desenhos em cartas assim como mencionar fotos de rostos vistos no período de adormecido.

A Navalha de Ockham era clara, uma vez eliminando o óbvio restou apenas o impossível, provas circunstanciais de uma mente flutuante e temporariamente desencarnada ante um corpo que apresentava aumento de atividade cerebral similarmente ao notado em alguns casos de pessoas que jaziam de fato. Havíamos descoberto um novo patamar da consciência, a hiperconsciência.



Doravante por demais tentado a utilizar-se do fármaco infame e discutido agora por todas religiões mediante suas óbvias implicações aquilo parece ter levado a um aumento exponencial de membros de igrejas das mais variadas como se atestasse a justificativa da fé. Assim naquele dia deitei-me num leito confortavelmente ao lado de minha amiga Roberta e relaxei após inserir uma cápsula da droga. Respirei fundo e fechei os olhos sob os sussurros da doce voz de minha amiga de viagem e sob a trilha sonora de Pinky Floyd.

Inicialmente não senti nada a não ser a expectativa gerada pelo uso da droga ainda aquém de seus efeitos até que repentinamente me sobreveio uma sonolência pesada, mas nada diferente do que era normal, mas apenas aparentemente. Tão logo uma profusão de imagens difusas me sobreveio até que vi Roberta Conrad sentada diante de mim no tapete. Ele contava no relógio o tempo suposto do efeito da droga quando então levantou-se e pegou um macho de cartas de baralho. Ela os misturou e misturou até tirar uma carta ajeitando com graciosidade seus cabelos encaracolados e me mostrou adormecido um As de Kopas. A seguir a jovem na maior cara de paul trocou de roupa na minha frente vestindo um top azul. Ela sorria como tudo não passasse de uma brincadeira adolescente ainda meia descrente naquilo tudo, todavia enquanto me projetava pelo quarto tendo a inóspita sensação de ver meu corpo de fora de mim, atravesssei a janela e finteí um terreno baldio que havia próxima a casa dela.

Era noite e as ruas estavam desertas, tendo as trevas como cenário tipicamente noturno apenas irrompido pelas luzes artificiais de postes e das janelas de casas de pessoas os quais ainda não adormeceram. Parecia voar sem asas usando os ventos como degraus de um caminhar ao céu quando um grito irrompeu o silêncio noturno fazendo-me fintar abaixo de mim. Ao contemplar o que vislumbrei era contrastante e terrífico em contraponto a sensação de liberdade única de ter minha alma (ou consciência, se preferir) voar livre pelos céus como se a gravidade invertesse e me convidasse a subir até o paraíso como nos relatos de pós-morte.

Porém, agora senti a sensação angustiante de uma empatia que me fazia sentir a dor de algo que proferira o grito e ao olhar pra baixo, sob o terreno baldio pude presenciar uma mulher agora sufocada com pano em sua boca para ser violada por dois homens que nutriam um prazer doentio num sexo a força, vulgo estupro.

Paralisei nos céus angustiado com a cena terrível que se desvelou ante mim numa visão que não usava olhos na concepção material, mas que talvez justificasse a glândula pineal em sua hiperatividade nesse estado. Aterrorizado tentei dizer algo, mas sem boca para falar relutei de modo que por empatia aquele quase sonho se tornou pesadelo como se a vítima daquele crime hediondo e profano fosse algum conhecido próximo de mim. Desci ferozmente em direção aos captores da vítima, todavia parecia apenas transpassar seus corpos de modo que meus chutes e socos eram inúteis. A agonia perdurou por longos minutos até que subitamente senti-me puxado por algo que me atraía de volta para a casa de Roberta Conrad, uma âncora que se tornou meu corpo ao gradualmente despertar.



Despertei na cama ruborizado. Embebido no meu suor ergui-me como de um pesadelo indagando Roberta sobre gritos supostamente ouvidos. Calmamente, Roberta riu e me perguntou.

— Pare de bobagens, são comuns relatos de sonhos antes da projeção. Diga-me que carta você viu no baralho.

— As de Kopas. — Respondi secamente levando ela dar um sorriso luminoso. — Mas você também trocou de roupa durante o sono colocando um top azul.

— Muito bem, passou o efeito e agora será a minha vez! Incrível isto!

— Espere! — Vociferei com ela ainda nervoso. — Vi um crime! Um estupro enquanto estava fora de meu corpo!

— Não diga isto... — Completou ela sorrindo como se eu mentisse para ela, mas naquele instante os sons de sirenes irromperam o silêncio noturno exterior vindo parar com suas luzes oscilantes entre azul e vermelho no terreno baldio.

Roberta engoliu seco ao presenciar que aquele lugar havia se tornado uma cena de crime. Saímos da casa dela e presenciámos a verdade, uma mulher não somente havia sido violentada como morta por pervertidos sexuais o qual não fazia a menor ideia de como mencionar a polícia num crime o qual a única testemunha havia sido uma 'consciência flutuante'.

— Muito bem, você me dirá como eram esses homens! — Indagou ela perplexa com o ocorrido, afinal a jovem morta era uma vizinha amiga do colegial de Roberta.

Pensava que aqueles homens talvez estivessem sob efeito de uma outra droga agora ilícita, a cromoína, que aumentava exponencialmente a libido tornando as imagens percebidas multicoloridas e fantasiadas. Essa droga terrível havia levado até mesmo um homem ser estuproado por seus perpetradores algozes verem ele como uma linda loira que rebojava ainda que fosse calvo e de barba. Os usuários dessa perigosa droga tinham invertia as polaridades – inclusive morais – de sua personalidade e num estado semelhante de loucura matava, agredia ou estuprava pessoas apenas por serem honestas e integras, ou meramente talentosas. Sua proibição fora justa e inquestionável. Aquela arriscada e venenosa droga criava danos cerebrais que gradualmente tornava seus usuários como psicopatas ao obscurece a empatia tão necessária para que se colocassem no lugar de suas vítimas. Tudo que é certo é verdadeiro, mas nem tudo que é verdadeiro é certo.

Tão logo notei que minhas hipóteses eram verídicas com a perícia criminal, mas o que mais me deixou surpreso era o fato de que a jovem em questão era, por coincidência, filha do Dr.Bennet, criador da necroína. Perplexo ao relatar a aparência a minha amiga Roberta não menos estupefata com o caso nos levou a pesquisar na internet através de um programa online da darknet de identificação de rostos a partir de parâmetros e características do rosto do indivíduo e para nossa surpresa um dos homens era uma pessoa que nas redes sociais era amigo e líder de uma seita intitulada necro gnose. Não sabíamos como levar esses dados a polícia sem levantar suspeitas, mediante as circunstâncias extraordinárias do testemunho não fomentaria provas aceitáveis em tribunais e



levaria, no máximo a intermináveis discussões sobre o potencial vidente da necroína.

Meu corpo pedia pela necroína. Relatos esparsos e experiências inconclusivas indicava que um percentual baixo de usuários da droga que apresentava os efeitos mais incríveis e acentuados criava dependência e possíveis efeitos colaterais e até em alguns casos provocou morte cerebral por sobrecarga neural como se as mentes se desligassem de vez do cérebro. Aquilo me preocupou, mas tentado pelas oportunidades que oferecidas resolvemos pôr em prática um plano audacioso.

Portando as drogas localizamos o endereço da seita em questão e sabendo os dias de reuniões as portas fechadas como toda seita, nos hospedamos num hotel aos arredores do Templo dos Mortos, como era chamada a sede da necrognose onde seu alegado guru dizia-se dominar todas as habilidades consequentes da necroína.

Passamos horas no quarto do hotel discutindo as possibilidades de tal droga a conduzir a humanidade a um próximo passo evolutivo ao não somente expandir a consciência à hiperconsciência como aumentar os potenciais de um sexto sentido tido oficialmente pela ciência apenas como hipotético e crendice. Mas a medida que os experimentos avançados combinando relatos os tabus caíam e a mistificação desvelada tornava-se uma a ciência da morte com potencial promissor como uma nova disciplina da mente.

Roberta deitou-se na cama fingendo o teto de modo que distraidamente me peguei contemplando os contornos graciosos de seu corpo até seus seios que erguiam-se ao arfar dos pulmões enquanto pronunciava palavras de sua doce voz. Alheio ao dito por ela, a jovem virou-se para mim e fingendo meus olhos questionou se havia ouvido por ter-me entregue a um silêncio sepulcral.

Ela virou-se de lado na cama e pegando minha mão me disse.

— Talvez seja melhor eu usar a necroína dessa vez, não quero que sua mente se perca no limbo. Não quero perdê-lo.

— Não quero que você se arrisque, se estou no percentual que demonstram melhores resultados será eu a quem usar. — Respondi de modo enfático segurando firma a mão dela.

Roberta sorriu-me e viu meus olhos brilharem deixando claro que o motivo engendrado por mim era apenas uma quimera para ocultar meus sentimentos e possibilidade de perda daquele o qual não tinha mera amizade.

Aquilo fora o bastante para que ela me beijasse com seus lábios úmidos e quentes. Beber de seu néctar dos lábios era como encontrar uma fonte de água no deserto. Nossos corpos se abraçaram ardentemente e inflamados numa profusão de desejos pareciam emaranhar prazerosamente seus delicados contornos a meu corpo. Particularmente considerava que a relação sentimental consumada perfeita consistia em pensar (mente), amar (coração) e desejar (sexo) a seu par, a sua contraparte. De modo que ela representava tudo de mais belo numa mulher, muito além da mera volúpia, afinal sem coração bom e inteligência a beleza é apenas uma casca, um rótulo enganoso e contraditório a seu conteúdo.



Porém o prazer fora de súbito interrompido ao interromper nossos suspiros de paixão pelo ruído dos homens obcecados com sexo que eram aqueles membros que adentravam o templo. Contrariada Roberta colocou a mão a tirar seu cabelo do rosto vestindo-se enquanto ia a varanda do quarto no hotel. Fintei o templo quando percebi que justamente os homens que havia visto naquele fatídico dia adentrava ao lado do suposto guru. Ao término de todos adentrarem o recinto as portas se fecharam.

Tão logo retornei tomando duas cápsulas da infame droga. Deitei-me e agora me pegava com Roberta acariciando minha cabeça em tom de preocupação. Mas respirando fundo fechei os olhos não sem antes ela me dar um carinho e prolongado beijo de boa sorte. Tão logo adormeci o que não era difícil na agradável e confiável companhia dela.

O que era sonho então parecia tornar-se real a perceber-me flutuando fora do meu corpo enquanto via Roberta acariciando ainda minha cabeça. Vaguei inicialmente pelo corredor do hotel e ao transpassar as paredes de um quarto peguei um casal de gays transado entre palavras depravadas por parte deles.

— Adoro te comer, Wilson!

Ignorando isto, passei a diante vários outros quartos tendo a consciência de meu objetivo – se isto for possível num estado como aquele – e por vários cômodos contemplando os demais desejos profanos de seus hóspedes, coisas por vezes impronunciáveis como detalhes sórdidos das práticas de um velho obeso transando com uma jovem de 19 anos, sabe-se lá como.

Ao irromper os limites do hotel vi-me sob os postes transpassando os fios de energia e como tomado por uma turbulência quase perdi o controle de meu milagroso voo desencarnado. Vi um carro parando na esquina e adentrei uma casa onde uma bela mulher tomava banho. Curiosamente naquele estado não estava tentando as mesmas intempéries de meu corpo material de modo que mesmo sendo a mulher formosa não senti-me tentado. Emplumei então meu voo em direção ao Templo dos Mortos o qual tinha duas estranhas quimeras com crânios humanos no topo e irrompi por sua cúpula central descendo exatamente pelo meio.

O que vi a princípio eram sombras compridas e oscilantes lançadas por luzes trêmulas de um ambiente débil e mal iluminado. Havia um círculo no meio daquele encontro profano o qual as pessoas vestiam roupas negras e tenebrosas de modo a ocultar-lhes seus rostos com capuzes. Quando aproximei-me vi que no centro havia uma mulher nua sob efeito da neurocaína enquanto os demais proclamavam o poder da cromóina num cântico bizarro sob suas consciências profanas que diziam que a combinação de ambas era o caminho da libertação espiritual.

Quando encontrei o guru o homem proclamava que o andamento da proibição da droga parecia sucedido a eminência ao fraudar supostas pesquisas e mesmo criar casos obscuros de mortes provocadas pela mesma. O objetivo do nefasto homem era com que a proibição tirasse a possibilidade da fórmula ser produzida legalmente a não ser em casos experimentais o que por contatos de outros membros tornaria passível através de doutores e outros homens da ciências comprometidos imoralmente com a corrupção. Por fim tudo aquilo visava



o monopólio não conseguido originalmente com a morte do Dr.Bennet que não queria ceder a patente aqueles inescrupulosos homens o que levou fatidicamente a sua morte.

O silêncio tomou o templo quando um punhal perfurou o peito da mulher exatamente no coração dilacerando-o de seu peito assim como qualquer amor que ela sentisse. Tão logo os homens que vislumbrava a morte da indefesa mulher tomavam mais uma cápsula da droga, dessa vez a necróina que combinada criava efeitos repulsivos o qual segundo o homem tornava possível eles possuírem corpos alheios uma vez desencarnados. A ojeriza era inevitável, aqueles homens ao desencarnarem se transformariam em demônios.

— Ergam-se almas imortais e conduzam a alma desse cordeiro ao abismo!
— Vociferou o guru tenebroso enquanto o sangue da jovem escorria pelo chão. — Tomemos posse de uma sacra criação por mãos profanas, a necróina. Nem mesmo a jovem gazela da filha de Bennet pode impedir! Conduza a alma desse cordeiro ao abismo como fizeram com a filha de Bennet!

Os homens deitaram-se e fintaram diretamente ao alto de onde observava em sua concepção torpe que tornava o vulgar em sagrado e o sagrado em vulgar. Temerário senti antecipadamente um empuxo de minha consciência em direção ao meu corpo. Subitamente então recobrei consciência e vim com Roberta olhando dentro de meus olhos sacudindo-me na cama.

— Acorde, Elijah, acorde! Eles estão tentando entrar no quarto.

Ainda tonto pelo efeito da necróina vi-me confundido e ainda com a visão nebulosa segurando-me no braço de Roberta. Sentei-me na cama e vi a maçaneta da porta mexer-se insistentemente. Ligamos para a polícia temendo que nos tornássemos a próxima vítima daquele culto profana mente pagão.

— Como, como podem saber que estamos aqui? — Indaguei temerário.

O fato é que Roberta enquanto falava com o atendimento do hotel a ligação da polícia apenas tocava sem resposta e atendimento. Até que o homem do hotel enviou dois seguranças até a porta e ao abrirmos nada vimos. Estupefatos com aquilo sentimos profundo medo como se a assombração desencarnada das almas profanas da impiedade pudessem ter vindo atrás de nós. Sem saber o que fazer apenas nos tornamos testemunhas incólumes do que não se prestava aos tribunais, pois no dia seguinte notícias decretavam o início do fim de tal formidável descoberta do jazido Dr.Bennet enquanto o culto preparava secretamente mecanismos para o tráfico daquela droga tal como com a cromóina. Estávamos contemplando o começo de uma narcocracia onde mesmo aqueles agora traficantes pagãos dominam uma complexa rede que incluía de juízes corruptos a policiais.





O Andarilho

Joedyr Bellas
São Gonçalo/RJ

Eu o conheci nos anos 1970.

Estávamos em uma dessas viagens doidas. Não, não se tratava de LSD. Era uma dessas viagens de jipe, de abrir a garagem, entrar no carro, colocar o pé no acelerador e deixar seguir.

Qual é o seu medo?

A mochila nas costas. Ou melhor, no chão do jipe, no lugar do banco do carona, que não tinha carona.

Era eu e o vento na cara.

Os pais ficavam meio apreensivos, mas entendiam a época e a rebeldia do filho querer sair, de querer conhecer o mundo, de querer saber o que era liberdade.

Uma calça Lee? Um cigarro no canto da boca? Os pés descalços na areia da praia? O vento na cara?

Não tinha porto nem paradeiro.

Destino?

O chão era um convite e tanto.

A estrada sem fim.

Os malucos nas fazendas comunitárias, os hippies vendendo seus artesanatos nas calçadas, os colonos cuidando da roça, a fruta madura logo ali em um esticar de braço, um prato de comida.

Senta aqui com a gente.

A comida servida, a prece em agradecimento, a água fresca da fonte, um novo amigo, um cochilo na rede, e devia seguir adiante.

Os laços existiam.

Dentro do peito se guardavam os beijos, o aperto de mãos, a palavra singela, uma história contada debaixo de uma árvore frondosa, a pinga para abrir o apetite, a salada de batata-baroa, o moleque que ficava me olhando meio desconfiado, um afago na cabeça, um aceno, as mãos estendidas, e às vezes



uma vontade louca de retardar os passos, de deitar no colo da cabocla e ficar por aqui mesmo, nessa casa com teto de sapé, nesse aconchego da relva verdinha, no cheiro do mato molhado.

Mas a necessidade era outra.

Sempre havia uma necessidade que chamava, que era urgente, que me atirava de novo na estrada.

As ruas se multiplicando.

O chão, o pó, a poeira.

A alma.

Tem medo de quê?

O andarilho só queria seguir. As perguntas não faziam parte do seu dia a dia. Era só a estrada e a vida se oferecendo. Quem eu sou? O que vai ser amanhã? Como fará dinheiro? Como constituirá família? Será feliz? Qual filme prenderá a sua atenção na frente da televisão? Quem compreenderá a sua necessidade de ter o mundo girando dentro de si?

Só o mundo.

E hoje estou aqui. Sentado, escrevendo uma história, tentando ser lido ou tentando compreender.

Estamos aqui, eu e o andarilho, eu e parte do que fui um dia, o andarilho e parte do que nunca se preparou para ser.





O Dia do Yuri

Anderson Shon
Salvador/BA

Olá, meu nome é Yuri Machado Souza Damásio, um nome incomum contrastando com um garoto muito comum. Tenho 12 anos, estou no 8º ano do ensino fundamental, sempre fui uma criança muito inteligente, por isso minha mãe exigiu que as séries iniciais me adiantassem, evitando o que ela chamava de “perder tempo pintando figuras do Mickey”. Não sou daqueles que ama a escola, as coisas ainda são do mesmo jeito, os professores brigam com a tecnologia e arrumam a sala obedecendo uma ordem alfabética, o que me deixa na última carteira, atrás somente de um Yuri Alencar. Sempre torci que na minha sala estudasse algum Ziraldo, Zeca, Zeferino... mas essa sorte nunca me alcançou.

As horas aqui dentro passavam lentamente e a minha triste inadaptação a essa falida convivência tornava tudo ainda pior. Aquele clichê dos populares acéfalos passeava pelos corredores, as aulas não instigavam, pelo contrário, pareciam canções de ninar, o chato é que sempre havia um diretor que te dedurava aos seus pais dizendo que não conseguia entender por que as crianças não valorizavam aquele espaço de ensino. A aluna da sala que ganhou o meu coração não fez questão de aproveitá-lo, ele estava tão colorido, com hidrocor na borda, feito com todo amor, mas ela mostrou para suas amigas, deu risada e o jogou fora. Eu daqui, do fundo da sala, vivia e revivia tudo isso na minha memória, pensava nessa realidade ansiando a hora de me despedir, de dizer tchau, a escola nunca foi um lar para mim, por isso, minha maior vontade é que chegue o dia em que eu possa me despedir.

- Sâmara...
- Presente!
- Tamires...
- Presente!
- Victor Conceição...
- Tô aqui.
- Responda, presente, por favor.
- Presente.
- Victor Almeida...
- Presente.

- Yuri... – eu nunca sabia se ele estava me chamando, chamando os dois juntos, ignorando a presença de alguns de nós ou só com preguiça mesmo. Como sempre respondíamos juntos, posso concluir que ele aproveitou dessa saída para exercer sua fadiga tradicional justificada pelo baixo salário e por aquele discurso



de profissão mais importante do mundo. Até concordo, em partes, mas isso não é um motivo para ele optar por não gastar a voz falando um nome a mais. Já era o fim da aula e pudemos ouvir o som que indicava que havia chegado os trinta minutos mais tortuosos do dia; o intervalo.

– Todo mundo para fora, eu tenho que trancar a sala – a faxineira dizia isso com uma autoridade temporária. Não sabia o real motivo de ser obrigado a sair da sala, aqui é ou não é a minha segunda casa? Será que estão me obrigando a criar uma sociabilidade? Mas sociabilidade forçada não presta, não funciona, acho mesmo que eles têm medo de manter os alunos em sala para que eles não roubem os pertences dos que não estiverem lá. Isso seria um tiro no pé, seria a comprovação que a escola não acredita na sua própria educação.

Durante o intervalo, eu só fazia fugir daquilo que me afligia; fugia dos valentões no corredor, das meninas que riram da minha cara, da diretora que ficava vigiando se tinha alguém fazendo algo errado, dos professores furando a fila da lanchonete, estava dentro da escola para fugir dos males sociais que eu encontrava aqui, algo paradoxalmente contraditório. Eu sempre subia para o último andar e ficava lá sentado nos degraus esperando o tempo passar. Meu incomodo eram os casais que iam para lá aproveitar do mesmo isolamento do qual eu procurava. Eles se beijavam de forma enlouquecida, era quase a preparação para o sexo, e o pior, não me respeitavam, minha estadia ali era completamente ignorada, parece que jovens com ímpeto sexual não conseguem ver nada ao seu redor, juro que no próximo intervalo eu trarei um pacote de camisinha e um painel luminoso indicando a minha presença. O sinal do intervalo bateu, era hora de voltar para sala.

– Todos vocês estão lembrados na nossa semana de conscientização dos males da depressão – um professor magrelo girando uma caneta esferográfica e andando de um lado para o outro falava – nós teremos palestras, vídeos, apresentações artísticas, leituras de texto – ele era o padrinho da nossa sala, estava mais preocupado em parecer um bom orientador do que na produção dos trabalhos, pois eu vivia com a mão levantada para conseguir que ele corrigisse o meu texto e nunca fui atendido – todo mundo já sabe a sua função, vamos começar com a leitura dos textos em sala, seus pais estarão presentes, então caprichem. Ele deu continuidade à aula e o dia escolar, finalmente, havia chegado ao seu fim. Fui andando para a casa, morava bem perto, mais ou menos, atrás quadras dali. Passei por alunos que, surpreendentemente, ostentavam um sorriso de satisfação por todo aquele ambiente, algo inimaginável na minha cabeça. O que me fazia sorrir era essa breve caminhada, pois podia aproveitar de uma paisagem arborizada e de ar puro, duas coisas que estão entrando em extinção.

Minha casa era quase uma caverna; pela manhã estava completamente vazia, pela tarde via somente a minha presença e lá pelo meio da noite meus pais chegavam. Eles não andam muito bem, tentam me blindar das frequentes brigas, mas o número de lenços encharcados de lágrimas pelo chão é um sinal de



como a relação dos dois está se deteriorando. Não sabia o que fazer, como ajudar, por conta disso, fazia nada.

A ideia de ter minha mãe vendo minha leitura (meu pai trabalha muito e nunca pode faltar) era excitante, talvez acabaria um pouco com a má impressão escolar formada nos últimos anos. Por conta disso, fui melhorar o meu texto, ver como poderia deixá-lo mais atraente, mais mágico. Entre na biblioteca do papai, procurei por mais referências, já podia ouvir os elogios do professor e a turma me aplaudindo de pé, seria fantástico, minha mãe me presentearia com um sorriso lindo de gratidão e orgulho. Uma explosão de ansiedade me invadiu, fiquei tão focado na minha missão que nem vi o dia passando em uma velocidade imensa.

Já era noite, corri para o quarto da minha mãe para avisá-la de amanhã, mas ela estava dormindo, roncava alto, parecia ter tido um dia bem longo. Deixei um bilhete do lado do seu celular, tudo bem explicado e esmiuçado e em um local no qual tinha a certeza de que ela veria. Agora era hora de voltar ao trabalho...

O sol raiou, as luzes atravessaram as cortinas e invadiram o meu quarto, me mandando sair da cama, já havia algum tempo que minha mãe não vinha me acordar, estava querendo que meu senso de responsabilidade despertasse o mais cedo possível. Corri para o quarto dela e vi que nem o celular, nem o bilhete e nem ela estavam lá, espero que tenha lido. Tomei um café rápido e revisei – pela milésima vez – o meu texto. Em anos, foi a primeira vez que sentia novamente uma vontade impressionante de estar na escola. Tranquei a porta com um belo sorriso, aquele seria um grande dia.

Poucos alunos haviam chegado, mas a sala já estava aberta. Entrei, dei bom dia, ninguém me respondeu, dessa vez era justificável, as pessoas estavam tão focadas nos ajustes finais que não conseguiram tirar a atenção dos seus afazeres. Fiquei olhando pela janela e tive uma grata surpresa, ou melhor, duas; não só minha mãe veio me ver, meu pai também. A sala foi enchendo aos poucos, os pais já estavam posicionados em seus lugares e o professor se preparava para dar início às atividades:

- Antes de abirmos o dia nacional de consciência dos males da depressão, vou pedir para a aluna Laura ler um texto especial que ela mesmo fez e me pediu para usar como abertura do evento. Eu queria ser o primeiro, mas não tem problema, Laura escreve muito bem, não será nenhum sacrifício ouvi-la. Ela começou:

- Hoje é o dia de conscientização dos males da depressão, mas nós chamamos de Dia do Yuri, em homenagem à memória do filho do senhor e da senhora Damásio. Depois do episódio de suicídio, muita coisa mudou, sentimos muito a falta dele e acho que todos carregamos um pouco da culpa. Ele só era mais uma criança querendo viver, mas o mundo não é tão fácil quando não se enxerga uma mão estendida, uma mão que te puxe para não cair nos primeiros obstáculos, uma mão que bate nas costas dizendo que deve seguir em frente.



Infelizmente, nenhum de nós cedeu essa mão e agora ela está suja de sangue. Desculpe, senhor e senhora Damásio, nunca sentiremos a dor que vocês sentem, mas nos arrependemos muito e isso ainda é pouco. Os esforços para que nenhuma criança se sinta sozinha, isolada, se sinta um peso no mundo estão sendo feitos desde o momento que aquela triste notícia dilacerou a todos nós. É necessário valorizar a importância de cada ser, pois todos são importantes. Por conta disso, em nome dos alunos, em nome dos professores, em nome da escola, pedimos desculpas sinceras. Descanse em paz, Yuri, descanse em paz...

www.facebook.com/umpoetacronico

www.andersonshon.com





O Dia Seguinte

Sarita Bezerra
Juazeiro do Norte/CE

Sempre acordei com minha mãe gritando meu nome e depois que me mudei para a cidade o despertador foi minha ajuda. Neste dia, porém, o calor foi meu auxílio. Senti o suor escorrer da parte direita da minha testa em direção à boca e, antes que acontecesse, usei forças reservadas para momentos que o pedisse -e ali foi um deles- para virar de lado e mudar o curso da gota de suor. Com os olhos entreabertos, percorri o âmbito à procura do ventilador e da razão pela qual ele não estava funcionando. Não o encontrei.

Aos poucos, mexi os olhos, tão lentamente que pude ver o contorno dos meus cílios vagarosos abrindo e fechando. Ainda sonolenta, porém, menos que antes, percebi o despertador, bem como as horas que ele marcava. Eram 15h quando pulei freneticamente da cama e corri em direção ao banheiro. Não dava tempo para o banho, mas o cheiro agriado impregnado a mim não me dera outra escolha. Naquele projeto de banho, tentei compreender o porquê daquela essência, todavia, a preocupação com a hora foi além. Nem me enxuguei, o calor faria isso por mim, prestativamente.

Procurei meu fardamento, não era momento para se perder nada útil. Encontrei-o embolado ao chão, mas não podia parar pra pensar naquele outro mistério e me vesti. Dividia o apartamento com outras duas colegas, sempre adiantadas, e não escutara ainda o grito de nenhuma delas me chamando. Com uma enorme satisfação em estar mais adiantada que elas (mesmo que ainda atrasada), corri pelo corredor, gritando nomes pejorativos que acabara de criar:

- Acordem, lesmas! Vocês estão atrasadas.

Não havia tempo para o café, comeria qualquer coisa na escola. Peguei meu material que, graças ao bom Deus, já estava no centro da sala e fui correndo ao terminal. Lá conclui que realmente me atrasara e que, na verdade, as lesmas já haviam me chamado, eu que não acordara.

Tudo estava deserto. Resolvi esperar o próximo ônibus da linha, visto que o escolar, com certeza, já havia passado. "Antes tarde do que nunca", pensei. "Agora irei gastar com o lanche e condução. O dia começou bem!", pensei sarcasticamente. Tirei do bolso meu Iphone 7, pus Sweet Child O'Mine do Guns e tentei relaxar.

Aos poucos foram surgindo pessoas. Transeuntes vestidos de branco e com folhagem à mão despontavam da parte esquerda do terminal. Quis me assustar, mas eram idosas, algumas famílias aparentemente estruturadas, adolescentes e casais de namorados. Todos de branco e folhagens. A rua logo ficou cheia e formou-se uma procissão. Era tão estranho. Se eu não me torturasse com tapas no rosto e beliscões diria que estava sonhando.

Surgiu, então, em destaque na procissão, ele. Todos de branco, mas parecia que ele vestia um branco especial, mais brilhoso. Todos com folhagens, mas a dele



aparentava mais verde, mais viva. Foi a primeira vez que ele me fitou e eu retribuí, seus olhos assumiram um brilho mágico. George me encantava desde o trote estudantil, ao assumir a posição de defensor meu, levando-me a um lugar seguro e desaparecendo como um herói que iria salvar outras vidas naquele dia. Nunca recebi tamanha atenção, ainda que por pouco tempo, ele preencheu a vaga de protetor que logo foi esvaziada com sua rápida partida. Depois de lembrar aquelas cenas, era lógico imaginá-lo naquela marcha solene de fiéis, uma alma tão bondosa...

George ainda me olhava e aos poucos, vi-me obrigada a desviar dos seus olhos ao perceber o contorno que começava a surgir em sua boca. Pude conhecer, apesar de longe, toda sua arcada dentária. Ele ria loucamente. Como aquelas más crianças que gozam do moribundo que ao tombar, mete a cara no chão.

Ao passo que seus lábios sorriam, os meus se curvavam. Outros colegas o acompanharam no riso. Percebi que as senhoras, as famílias, crianças (essas foram as piores), todos riam de alguma coisa tal que o fizeram abaixar as folhagens e esquecer daquele ritual comum à Festa de ramos.

A coisa tal era eu! Por que eu? O que havia em mim capaz de quebrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém? De repente, vi surgir entre a multidão, como quem procura já rindo, sem nem saber por que, o motivo de tamanho disparate, as lesmas, minhas colegas de apartamento, caçoando também de mim. Sim, elas, que nunca foram praticantes da religião, estavam lá, bem à procura de romances.

Lera recentemente O Corcunda de Notre-Dame e inferi do triste espetáculo que assistia o pesar da humilhação vivida pelo protagonista. Naquele momento eu era o "papa dos loucos", o Quasímodo. Todavia, diferente desse, não me sentia importante com aquela situação. Nunca fui do tipo "fale mal, mas fale de mim!". Eu só queria sair daquilo.

Uma das colegas, a mais "puritana e devota", veio a mim. Sua vontade de rir foi mais forte do que sua personalidade amiga. Tive vontade de esfaqueá-la, mas me contive, queria entender o que estava acontecendo.

- Diga-me, o que é tudo isso?

- Sua louca, aonde você vai de uniforme?

Aquela altura já sabia que havia um engano, um terrível engano. Dormira demais e acordara atordoada, vi as horas e acreditei estar atrasada para aula. Não me acostumara nunca a estudar no período vespertino e me confundi. Na verdade, não era dia letivo, era domingo.

Débora rompeu minha nuvem de esclarecimento com o comentário que deu vazão ao mistério.

-Você não se lembra de nada, não é mesmo? – ela não tirava aquele ar de riso dos lábios.

– Diz logo o que tá acontecendo, mulher! Por que vocês saíram tão cedo de casa?

– Cedo!?! – e mais uma vez ela não conteve o que posso chamar, eufemisticamente, de riso – Já se esqueceu de que são mais de 16h?

Eu esquecera.

-Você entendeu o que eu quis dizer! -respondi em cólera.



-Amiga, ontem, na festa do George, após a sexta aula, você se revoltou por ele não lhe notar, bebeu como uma divorciada traída e dançou com todos os garotos da festa, menos com ele .

-Por isso aquele aroma agri doce, logo pela manhã! – pensei alto, cabisbaixa. Era a mistura dos perfumes doces e azedos impregnados ao meu corpo.

– Você não parava de beber, e, para que não fizesse besteira, a gente te arrastou, quase que amarrada, ao apartamento. Lá, tiramos teu uniforme e rebolamos no chão. Você dormiu como uma pedra.

Um som estridente saiu da minha boca. Sim, da minha. Todos ao longe me olharam e Débora, agora a envergonhada, perguntou-me o que era aquilo. Nem respondi. Só sei que não podia realizar outra ação fora aquela. Rir foi o melhor que pude oferecer. Foi-se qualquer lembrança da noite anterior. Tudo soou muito estranho e me vi obrigada a rir.

Lembrei-me de quando meu pai chegava bêbado, lá pelas tantas da madrugada e minha mãe, no outro dia, cobrando explicações, bufava ao ouvir ele dizer que de nada lembrava. Eu me irava também. “Como pode alguém subestimar a inteligência de outro de tal maneira?”, pensava.

E continuava a rir. Ria da peça que o destino me pregava e das situações do dia seguinte ao outro que nem lembro que vivi.





O Hiato da Vida

Monaliza Cristina Sousa

Teresina/PI

Logo após a sua fecundação, Delfino firmou impensadamente os termos de uso da Vida. Decerto quando notou que passou a usar suas pernas, tortas, fadigadas, cheias de varizes - para seguir rumos e abrir portas, ele já estava fadado da Vida. Com certeza ele apostaria todos seus débitos para comprovar que sua fé na Vida também abatida. Você mesmo, caro leitor. Então, Delfino começou a questionar todas as suas crenças, os "mas" dos mares? A síntese proteica de um vegetal apodrecido, e até mesmo como tudo fez com que chegasse até aqui, e onde será o aqui? Porque nascemos, se tudo morre?

Pensou, pensou, pensou intensamente que teve que se dopar com mais uma cartela de Dorflex. Delfino não conseguia entender o sentido da Vida. O que é fracasso, o que é sucesso? Será que não subestimou o sucesso que todos querem; não deveria ter feito como todo mundo faz, não deveria ter se preocupado? Mas se ao mesmo tempo em que Delfino tivesse tudo, e não ter desejado nada, quantos centavos a mais ou a menos, a Vida deixaria de fazer sentido? Porém, é direita ou esquerda? E qual a lógica de tudo isto, afinal? Delfino suicidou-se antes mesmo de encontrar as respostas.

Delfino foi só mais uma pessoa dessas que morre, e daí? Delfino não teve culpa se a Vida não é para os interessantes, o hiato da vida é para os tristes.

<https://monalizacristina92.wixsite.com/queridasolitude>



O Homem que Chora na Tigela de Sopa

Vitor Luiz Bento Leite
Rio de Janeiro/RJ

A sala branca media por volta de quatro metros de largura por cinco de profundidade. Paredes nuas e recém-pintadas denunciavam-se assim pelo ainda fresco odor de tinta. Ao centro uma mesa solitária de madeira bem polida com uma cadeira de ferro gelada. O piso era de um amarronzado fosco e áspero como uma lixa, seguido por um rodapé feito em mogno e decorando uma pesada porta de ferro gradeada. Pelas frestas das barras um homem trajando uma fantasia de coelho observa o interior do cômodo.

Lá dentro, sentado na cadeira, está um homem nu, de uma magreza indescritível, com costelas que mais parecem as teclas de um piano velho. Ele choraminga e seu corpo é recheado de hematomas. Vez ou outra ele olha para o canto superior direito, abaixando a cabeça e choramingando mais, como se rezasse para Deus ou fizesse promessas aos santos. Seu rosto cadavérico detalha uma barba mendicante e sua cabeça retangular é enquadrada por um cabelo esgrouvinhado e caído pelo rosto.

A porta é aberta e o "coelho" adentra devagar, analisando cada ângulo do ambiente. Sorridente e com um ar macabro, sua roupa é felpuda e incrivelmente suja e velha. A cabeça tem orelhas caídas e carcomidas e é tão suja e velha quanto o resto do traje. O olho esquerdo está quebrado, revelando assim um olho humano por trás do vazado de pano que quase não pisca; está consumindo por completo toda a cena numa mistura de deleite, prazer e poder.

A porta bate e em suas mãos ele carrega uma bandeja com uma tigela de sopa fumegante, um pedaço de pão fresco, uma porção de algo empanado e uma taça amparando uma rosa vermelha. O cheiro deliciosamente torturante, desperta a atenção do cativo faminto que revira os olhos, dividindo a atenção entre a bandeja e o "coelho". Gentilmente ele coloca a refeição na frente do homem nu. Ele contorce o rosto e chora ainda mais, primeiro baixo e soluçante, depois alto e desesperado, ainda olhando para o alto, vez ou outra. A fome é maior que o medo; ele se atira sobre a tigela de sopa e devora tudo com a rapidez de quem não come há semanas.

Seu choro copioso pinga sobre tudo, enquanto o homem vestido de coelho lhe acaricia a cabeça como um pai que consola um filho após uma queda de bicicleta. O desesperado homem nu abaixa sua cabeça sobre a poça de lágrimas que se formara na



bandeja, ainda recebendo os cafunés. Com muito tato o “coelho” puxa delicadamente a bandeja, e volta pela mesma porta, retornando com mais uma refeição completa e servindo da mesma maneira. O homem nu fita aquele rosto de pelúcia, chorando ainda mais, ao passo que seu “garçom” aponta para o prato e sinaliza com a mão direita para comer; flexiona os dedos perto da boca e afagando a barriga rosada.

A fome do homem é tanta que ele mais uma vez se atira por sobre o prato, mas dessa vez, o jantar reservava um número artístico; a tira colo, o homem fantasiado de coelho vem seguido por um pequeno mico de circo, trajando um coletinho vermelho e um chapeuzinho de fez em camurça. A curta coleira de ferro presa ao pescoço do sorridente bichinho não parece incomodar. O “coelho” apresenta o mico como um anfitrião circense numa noite de espetáculos e o homem divide sua atenção entre o final da sopa e a dupla a sua frente. Mais uma vez o “coelho” aponta a mão para o mico e o mesmo corresponde, retirando seu *tarbush* como se agradecesse a aplausos invisíveis. Ele recebe das mãos macias e encardidas do homem fantasiado, uma pequenina bicicleta. Monta e percorre poucos centímetros, deixando a mesma cair antes de completar um metro.

O “coelho” impaciente o faz montar novamente na bicicleta e mais uma vez o animalzinho cai. O rosto sorridente permanece fixo olhando para o fracasso de seu companheiro de palco. Desistindo ele guarda a bicicleta no bolso da fantasia e do outra saca uma bola colorida, entregando-a ao símio que, já sabendo o que precisa fazer, equilibra-se no topo com maestria, abrindo os braços e finalizando o número para a alegria do “coelho”. O homem fantasiado aplaude euforicamente e o pega pela coleira, colocando-o em seus ombros e fazendo-lhe festa. O homem nu assiste ao bizarro festejo e encosta na cadeira quando o macaquinho é colocado na mesa, frente a três pequenos potes. Em um deles, o fantasiado coloca uma pequena esfera de alumínio, misturando freneticamente todos os três recipientes de forma que a atração encontre o material escondido.

Com suas mãozinhas frágeis e peludas ele aponta para o pote do meio que é levantado revelando... nada. O “coelho”, tão impaciente como outrora, recoloca a esfera de alumínio e embaralha todas as opções novamente e para sua frustração, mais um fracasso. O pequeno mico lhe olha com um sorrisinho e o olho de plástico sorri, contrastando com o orgânico que se avermelha de ira.

Mais impaciente ainda ele segura o macaco pela coleira e o suspende no ar com violência, gruindo e berrando no rosto do pequeno animal. Ao fim dos gritos



indecifráveis, ele mais uma vez o coloca sobre a mesa e repete o embaralhar de potes. O macaquinho lhe olha durante alguns segundos, olha para o homem nu, que nessa altura fita o nada com olhar perdido, e volta-se para as três opções com medo e indecisão. Sua mão pousa no potinho da direita. Ao levanta-lo revela-se um grande e assombroso... nada. O rosto de pelúcia sorridente olha para o animal, que sorri de volta esperando resposta.

O homem fantasiado de coelho agarra a coleira e rodopia no ar, enchendo a sala com os gritos esganiçados do pequeno primata, que guincha e tenta segurar-se na pequena coleira de couro. Segue-se o choque repetitivo do corpo magro e quebradiço do animal contra a parede branca, que se tinge de vermelho e se decora com pedaços de pelo. Mais alto que os gritos, o barulho dos ossos quebrado ao impactar com as superfícies, compete pela audição dos presentes, até que apenas o som surdo e abafado do último golpe polui as ondas sonoras. Contrariando as expectativas, o homem nu continua olhando para o nada, sem esboçar nenhuma reação; talvez a fome lhe tivesse deixado louco ou talvez já tenha visto situações piores. O homem vestido de coelho se recompõe e recolhe a massa pastosa e disforme de pelos e vísceras. Acomoda o mingau de macaco sobre a bandeja e retira a mesma da mesa. Ele observa o homem nu. Um longo olhar é trocado e uma lágrima grossa cai do olho esquerdo do único membro da plateia. O "coelho" abre a porta e leva consigo o que trouxera.

O homem nu, agora não tão faminto, eleva os olhos para onde olhara todo o tempo. Numa espécie de prateleira na altura do teto, há uma criança sentada, também usando uma máscara de coelho. Ela está imóvel desde que o homem vestido de coelho, lhe depositara ali há dois dias.





O Tapete Vermelho

Ovidiu-Marius Bocsa

Roménia

Uma mulher muito necessitada, com a morte perto
Ela tinha uma garota muito doente, cabelo muito loiro.
Eles viveram em grande pobreza, tipo de maldição.
A condição da criança estava piorando
quando passou por drogas - muito;
No entanto, para comprar outros, o dinheiro não era.

Com muita dor em seu coração de concurso Eva,
A avó, decidida a sair
sua neta sozinha e vai
para a cidade buscar ajuda. Você sabe:
No único hospital público da região
foi-lhe dito que havia um motivo

que os médicos não poderiam ir para casa ou se mexerem,
e que ela tinha que levar a garota para vê-la.
Ela estava desesperada porque sabia tão triste
como a sobrinha não conseguiu se afastar da cama.
Ela caminhou até uma igreja e decidiu entrar.
Algumas senhoras estavam ajoelhadas em suas orações, no centro.

Ela também se ajoelha e ouve as orações
dessas mulheres, sob as escadas conhecidas,
e quando teve a oportunidade de falar
Ela também disse em voz alta sobre sua garota tão fraca:
"Oi, Senhor! É eu, Maria! Olha, minha neta,
"Ela está muito doente. Eu quero que você vá até ela e cure-a."

"Por favor, Senhor, observe o endereço!"
As senhoras ficaram muito surpresas não menos
por tal oração e continuou a ouvir.
"É muito fácil", ela disse - cara brilhante:
"Você só precisa seguir um caminho de pedra na crista,
"e depois de atravessar um rio com uma espécie de ponte,



"Você tem que andar no caminho do país.
"Saia do canto da loja de presentes, à mão.
Minha casa é a última cabana disso, mais danificada ".
As outras senhoras estavam muito atentas ao selvagem
para esta oração e se absteve de rir das notícias.
"Olha, Deus, a porta está trancada", ela continua:

"Mas a chave está sob o tapete vermelho na entrada.
Por favor, senhor, trate minha avó. Obrigado."
E quando todas aquelas senhoras achavam sua loucura
e que ela terminou, Mary acrescentou
"Oh, Deus, por favor, não esqueça de colocar a chave
de volta ao tapete. Deve haver.

"Se não, não poderei entrar na casa.
"Obrigado, Deus, porque escute minha causa!"
Depois que a Sra. Maria saiu, as outras senhoras
começaram a murmurar, movendo seus corpos
Dizendo: "Que deplorável é ver as pessoas
não sabendo orar sob um campanário ".

Quando a Sra. Maria chegou em casa com esperança,
ela não podia mais saber o quão alto para saltar:
Que alegria ao ver a garota em pé: sua flor!
Ela estava brincando com suas bonecas no chão.
Avó gritou: "Você já saiu da cama"
E a criança, observando-a com serenidade, disse:

"Um médico estava aqui, vovó! Ele me deu um beijo
em sua testa e me disse que eu ficaria bem.
"E, sob o travesseiro, encontrei uma laranja.
"Ele era um homem bonito, primeiro estrangeiro!
"Suas roupas eram tão brancas e pareciam brilhar.
"Oh, ele me disse para dizer que foi fácil e tudo está bem".





O Tempo e o Moço

Diego Rbor

O tempo é precioso

Compreendo que existe tempo mais precioso que o meu

Dia que eu tenho pressa, o tempo me testa:

Esquecimentos, fila imensa, resposta caída, ônibus perdido, sono longo, lentidão na marginal...

E alguma canseira

Tem horas que o tempo luta comigo

Embora eu tente resistir, ele, o tempo, SEMPRE vence

Dando-me duas opções: Ira ou calma

Hoje sou esperto e compreendo

Não existe tic tac na alma

Tem gente mais emergente que eu

Pode ir à minha frente

Tempo corrido é tempo perdido!

O tempo é um sábio velho

E eu

Apenas uma criança nada inocente...





O Último Poeta

Bruno Matos

São Paulo/SP

Sem perceber virei um poeta
Um Caçador de emoções
Refém das minhas próprias ilusões
Sentindo a cada dia o que deixei para trás
E esperando a surpresas que o destino sempre me faz
Vivendo intensamente cada sentimento
Sem nenhuma restrição ou consentimento
Talvez eu só seja um sonhador
Uma pessoa que de fato sentiu o significado da dor
Apegado com minhas falsas esperanças
Vendo o mundo como uma criança





Óculos Escuros

Fernando Antônio Fonseca
Belo Horizonte/MG

Eu morava em um bairro suburbano de Belo Horizonte. As moças de minha idade, do meu bairro -moças de família-, eram todas frescas. Gostavam dos rapazes mais velhos, que tinham carro e frequentavam os clubes grã-finos da cidade. Não davam a mínima bola para nós, rapazes mais novos e simples da vizinhança. Nos contentávamos com as meninas menos preconceituosas, que eram mais liberais e namoravam nos cinemas e no portão de casa. Exageravam nos beijos e nas carícias, e se casavam e iam morar na mesma região, perto da casa dos pais, destino quase que irremediável.

Conheci a Dirce no colégio onde cursava o ginásio, no turno da noite. Ela era da minha turma e usava óculos escuros mesmo à noite, vendando seus olhos. Davam um toque especial ao seu rosto, o que a tornava muito charmosa. Ela tinha os cabelos pretos lisos, na altura dos ombros, era da minha estatura e tinha um corpo "mignon". Um dia eu estava jogando futebol de salão na quadra iluminada do colégio, após as aulas, e ela não foi embora, pois ficou a me observar com um sorriso nos lábios, de quem estava gostando. Então, entusiasmado, pedi à minha mãe para comprar duas calças de tergal para mim, e passei a ir de calças novas às aulas só para lhe agradar. Ficamos trocando olhares e gentilezas por um bom tempo, como num inocente amor platônico. Houve um dia, porém, que tudo mudou, pois um colega meu a convidou para ir ao cinema e ela aceitou. No outro dia o comentário no colégio era só este. Uns diziam que haviam seguido os dois até o cinema e que só viram o meu colega passar o braço em torno de seu ombro; outros diziam que não houve nada, e que eles ficaram mudos um ao lado do outro sem trocar uma única carícia. Havia aqueles que diziam que eles não tinham ido ao cinema, e que a Dirce tinha dado bolo no parceiro, etc...Certo é que, gradativamente, fui perdendo o interesse por ela e seus olhos (ocultos pelos óculos escuros). Ela havia me decepcionado.

Queria viajar para o exterior, conforme descobri nas aulas de geografia e história. Ia me familiarizando com as características de cada um dos países que estudávamos, o que foi alimentando meu desejo de conhecer o mundo: os países desenvolvidos com seu melhor padrão de vida; os países subdesenvolvidos e sua problemática socioeconômica; os acidentes geográficos ao redor do planeta; a fauna e a flora; a variedade de línguas faladas; o meio ambiente; enfim, tudo alimentava meu sonho de voar como um pássaro, e entender as variadas culturas do planeta, como um infatigável antropólogo. Tinha uma obsessão: viajar para a Escandinávia e descobrir seus mistérios, mas me contentava em vir a conhecer



uma série de lugares remotos menos conhecidos, ou por aqui mesmo, por perto. Mais tarde, caindo na real, não consegui ir além de morar por alguns dias na casa de minha tia, quando saí de casa, e rejeitei meu diploma de curso superior, que acreditava, iria abrir para mim as portas do mundo. Assim, voltei pra casa com o rabo entre as pernas. Não havia dado certo. Minhas asas de cera se derreteram com tamanha fragilidade que fiquei contente em não ir para lugar nenhum, temendo uma queda maior, como "Ícaro"-personagem da mitologia grega- que morreu por ter o sol derretido suas asas de cera, quando tentara voar sobre o precipício.

Dessa forma, descobri que o que eu ansiava encontrar estava por aqui mesmo. Aliás, não eram os lugares, e sim as motivações que me impulsionavam nesta busca desenfreada pelo desconhecido.

Fui me interessar por outras garotas no curso científico, após terminar o ginásio, mas nunca me esqueci da Dirce. No final deste curso me preparei para o vestibular de Engenharia, superando as deficiências que possuía nas cadeiras de ciências exatas, especialmente em matemática e física, passando de aluno mediano a melhor da turma. Tornei-me então "expert" em resolver derivadas e integrais, fundamentais para o curso superior que almejava cursar. Só depois de graduado em Engenharia é que eu reconheci que havia cometido o mesmo erro de querer ver o mundo afora: eram apenas ilusões movidas pela minha mente de sonhador, fantasias geradas pela timidez de meus anos de adolescente.

Afinal de contas, o que eu queria, de verdade, era assistir às cores dos olhos da Dirce (ocultos pelos seus óculos escuros) numa sessão vespertina de cinema...





Odor Indecisão

André Luiz Greboge

Nem esperança

Nem medo

Não cheiro

Não fedo

Vejo tudo

Tudo em vão

Nada é sim

Tudo é não

Fusa confissão

Confessa confusão

Vejo tudo sem visão

Odor indecisão

andregreboge@gmail.com





Orquídea

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Orquídea

Orquídea lilás, paz.

Brotou do encontro das palavras e das gentes.

Floresceu poesia a encantar a memória.

Tão logo foi colhida já se fez história.



Os Idosos e o Abandono

Isabel C S Vargas
Pelotas/RS

Um dos grandes dilemas da sociedade atual é o que fazer com o idoso de sua família. Diriam todos que lessem esta frase que idoso não é problema, é uma benção, com o que eu concordo plenamente. Os idosos, os avós são pessoas em geral cheias de experiência, de ensinamentos para passar aos netos e até aos filhos no sentido de harmonizar as relações familiares, entre pais e filhos. São cheios de encantamento e doçura com os netos a quem amam duplamente por estarem tendo oportunidade de reviver sua própria maternidade sem o ônus da responsabilidade de educar porque esta cabe aos pais.

Não raro encontramos idosos colaborando para o sustento familiar com os valores de sua aposentadoria sendo que em muitos casos, nas classes de menor poder aquisitivo é seu provento de aposentado que mantém as necessidades primordiais. Neste segmento, os idosos permanecem junto aos seus pela dependência dos demais.

Não podemos, entretanto, negar as mudanças que ocorreram na sociedade. Em 1970 o Brasil era um país de jovens. Hoje é um país de idosos com muito pouco de políticas públicas para atender o idoso. Ressalte-se que um dos últimos benefícios, além da aposentadoria, até então o único garantido por lei, foi a aquisição dos medicamentos pela farmácia popular o que diminuiu os imensos gastos com medicação a uma população cada vez mais crescente. Também a gratuidade no transporte público veio a auxiliá-lo no plano econômico.

Outro dado importante: Há sessenta anos as mulheres que trabalhavam formavam um contingente infinitamente menor que o da atualidade. O acesso à universidade e ao mercado de trabalho era muito mais restrito. Logo, a mulher permanecendo em casa, havia quem cuidasse do idoso.

As famílias eram mais numerosas e moravam em habitações maiores, podendo morar o casal e os filhos casados no mesmo local. Em geral estas casas deram lugar aos edifícios. Moradias menores, com menos pessoas habitando. As famílias passaram a programar-se e a ter menos filhos. As mulheres tornaram-se tão profissionais quanto os homens. Os pais envelheceram. Aqueles que têm renda própria, condições financeiras de se manter, saúde física e mental, conseguem gerenciar sua vida. Com outras propostas surgidas na atualidade, como universidade para terceira idade, incentivo para viagem, estes conseguem desfrutar da idade avançada com grande qualidade de vida e satisfação pessoal.

A problemática surge quando os idosos tornam-se dependente física e economicamente.



Quem cuida do idoso doente se todos devem prover seu sustento e os filhos menores estudarem? Ai, então surge um dilema sério. Colocar ou não em casas geriátricas? Hoje o número destes estabelecimentos aumentou consideravelmente assim como os valores por eles cobrados. Geralmente estes valores são muito superiores ao poder aquisitivo da classe média baixa e classe média média, seguindo as classificações sociológicas. Há casas, evidentemente, para todos os segmentos, porém o tratamento será diferenciado quanto à qualidade do local e as qualificações oferecidas.

Muitos colocam nas instituições consideradas básicas no quesito de atendimento qualificado e lá deixam seu idoso indo visitá-lo esporadicamente, quando não o abandonam de vez, deixando-os naquilo que poderíamos chamar de limbo. Não estão vivendo, também não estão mortos, não foram encaminhados para o céu ou para o inferno, para aquelas cuja religião assim define o pós- morte, mas na realidade, estão vivendo no inferno emocional, longe dos familiares, daqueles a quem se dedicaram ao logo da vida, privados do convívio que dá sensação de pertencimento e sabendo-se, de antemão mortos no coração daqueles a quem amaram a vida toda e apesar do abandono ainda amam.

Aqueles que durante a vida adulta não tiveram bom relacionamento familiar, saíram de casa por drogas ou alcoolismo e tornaram-se à margem da sociedade constituem-se em outra situação mais difícil ao ingressar nesta faixa etária. Já não se acostumam mais a manter vínculos preferindo viver sem regras e sem vínculos afetivos e emocionais. Não tem familiar ou se perderam dos mesmos anteriormente e não aceitam regras das poucas instituições como albergues públicos que os atendem ou poderiam atendê-los. Muitos já se tornaram casos de atendimento psiquiátrico por perda de referencial e de pertencimento a um grupo. Não é difícil encontrá-los vivendo em companhia dos cães, gatos nas ruas. Tornaram-se desconhecidos para os possíveis familiares e quiçá para si mesmo.

São casos que demandam atendimento específico e de políticas assistenciais próprias para reinserção na sociedade se ainda houver tempo possível. A princípio a sociedade parece só condenar os familiares de quem foi abandonado, mas, infelizmente, sempre há o outro lado da moeda a ser investigado, pois pode ocorrer que aquele idoso que foi abandonada tenha sido um pai distante, que espancava filhos, mulher, que vivia desregradamente sem importar-se consigo mesmo e com a família.

O ideal é que toda a pessoa idosa viva no aconchego de um lar, junto aos familiares, desfrutando desta fase da vida com carinho e amor de modo a ocorrer uma gratificante troca de sentimentos e auxílio mútuo.



Paisagens

**Hilário Aires
Batatais/SP**

destas coisas que vão surgindo
quando normalmente saímos às ruas
coisas que sempre se mostram e mal avistamos
acostumamos com suas presenças constantes
como se fizessem parte de um permanente cenário
como se as olhássemos e não as víssemos
até que um dia partimos e tempos depois ao retornarmos
uma foto antiga nos mostra aqueles mesmos lugares
então aquelas coisas que mal percebíamos
nos encontram e nos chamam
mas nós nos perdemos e não mais sabemos
onde elas ficaram

<http://poesiatalcoisa.blogspot.com.br>



Palpite

Paulo Cesar Silva
Rio de Janeiro/RJ

Teve uma época, que trabalhei para um grande laboratório farmacêutico no Rio de Janeiro, sendo responsável por cuidar, dentre outras coisas, da conservação dos jardins e de uma reserva florestal que adornavam essa indústria. Nessa oportunidade, pude ver e ter contato com muitas plantas exóticas, insetos diferentes e animais de pequeno porte que volta e meia saíam da reserva para passear no parque industrial. Tínhamos funcionários treinados para capturar e levar os pequenos animais de volta para a reserva.

Numa manhã de primavera, eu estava avaliando rotineiramente a conservação dos jardins, quando observei um vulto se movendo ao meu lado. Era a sombra de algo voando, passando quase ao lado da minha cabeça. A princípio pensei que era um pássaro, mas vi logo tratar-se de uma borboleta enorme, com envergadura das asas na medida da junção dos meus polegares com os meus dedos indicadores. Parei e fiquei observando aquele vôo lento e majestoso. Penso que era uma borboleta velha, pois os seus movimentos para voar eram lerdos e tipo sobe e desce, até que ela pousou numa planta. Então eu pude me aproximar dela e me surpreendeu a beleza e as cores artisticamente desenhados em suas asas. As bordas pareciam que eram riscadas com ouro e, partindo das bordas para o centro das asas ia intercalando azul marinho, azul, azul mais claro, azul celeste e azul quase branco, que terminava em um meio círculo vermelho que se completava com todo o mesmo processo na outra asa. Ela ficou como que descansando ali e, depois de algum tempo, alçou vôo e foi embora para a mata. Ah! Pena que naquele momento eu não tinha como fotografá-la.

No final do expediente, tomei o ônibus para ir para casa e, sentei-me ao lado de um colega de trabalho, o seu Severino, um funcionário antigo da equipe, que cuidava das matas do morro atrás da fábrica, contei-lhe o ocorrido. Ele me disse que nunca tinha visto uma borboleta tão bela assim. A viagem foi curta, porque ele seguia no ônibus e eu saltava para tomar outro para o meu bairro na zona norte.

Uns quatro dias se passaram, e numa manhã, nas minhas inspeções de rotina, ouvi o Severino me gritar lá de cima do morro, dizendo que queria conversar comigo mais tarde. Como ele era da minha equipe, e nunca gostei de deixar assuntos para depois, gritei para ele descer e comecei a me encaminhar na sua direção para encurtar a distância entre nós. Ele se aproximou ofegante da longa descida do morro e me disse que, como era sexta feira, ele queria, no final do expediente, tomar umas cervejas comigo. Eu falei, é seu aniversário? Ele disse: não! Se lembra da borboleta que o senhor me contou? Falei: claro! E ele todo sorridente me explicou que, no dia seguinte, jogou ela no bicho e acertou!

Eu costumava chegar em casa às 19 horas. Nessa sexta feira cheguei às 23 horas, feliz pelo Severino, que com o dinheiro disse me que iria adiantar uma obrinha na sua casa. Eu nunca mais vi outra borboleta tão linda assim.



Pão e Circo

Edcarlos Coppola
Ribeirão Preto/SP

As pulseiras em cima da bancada, prateadas, rosas, azuis, brancas, vermelhas, ao lado dos produtos de maquiagem, ajudando-a a incorporar a personagem e que eram arrancados com um toque de fúria, sozinha no camarim, depois que todos os outros foram embora. Algumas lâmpadas amarelas contornavam o grande espelho aonde se enxergava, estando três queimadas e duas com luzes mais fracas. Juliana costumava, algumas vezes, ficar sozinha no teatro após os ensaios com a complacência do porteiro, que, aproveitando que seu ônibus demoraria ainda um pouco para o levar até a sua periferia, não achava ruim esperar mais um pouco até trancar o lugar e ir embora.

Gostava de sentar com ela nas últimas fileiras e ali levar um dedo de prosa, coisas prosaicas como problemas com a esposa, os filhos que davam trabalho na escola, a mais velha cismando de namorar aos 14 anos, o dinheiro que mal dava para a subsistência. Ela, quando de bom humor, dava conselhos ao homem, separada e mãe de dois filhos que mal via por causa do trabalho e, sobretudo, por causa do ex-marido, com quem havia tido uma separação traumática. Os filhos resolveram ficar com o pai, e ela concordou. Aliviada. Sem o peso da criação dos pequenos, que já ficavam adolescentes e começavam a exigir mais do que ela poderia oferecer no momento. Ou em qualquer outro.

Se levanta e volta para casa. Por causa do trânsito carregado do centro da cidade, prefere andar um pouco, quando disposta, ou ao menos pegar um ônibus até em casa, quando coloca a bolsa em cima da cadeira mais próxima, os sapatos vários jogados pelo chão do corredor, e liga a televisão, normalmente no canal que deixara ligado quando saiu, apenas pensando na personagem que conseguira às custas de muito esforço e charme jogado para o diretor, mesmo desconfiando que o homem seja gay. Tanto importasse, ela não gostava de fazer essas coisas para conseguir o que queria, mas lhe faltava a grande personagem: mesmo as protagonistas eram insossas, tinha cara de boa moça, de família, incapaz de uma vilania ou mesmo de roubar o namorado na outra na adolescência. Justo ela, que havia feito isso duas vezes com a prima, quando morou naquela cidade pequena aonde nunca mais pisou os pés e expulsa do colégio católico da cidade: Que coisa pornográfica, menina. Vamos falar com a reitora agora!

Após levar uma boa reprimenda, já a quinta desde o começo do ano, acabou sendo expulsa para não contaminar o sacrossanto lugar, aonde as meninas de boa família rezavam o terço e se preparavam para ser donas de casa,



Amélia as definia. Juliana não se encaixava no papel, desde adolescente se abria das amarras. Casou porque os pais, tradicionais, diziam que namorar sem casar é coisa de mulher da vida, e ela foi de véu e grinalda, mas de unhas marrons, e as mostrando sempre que podia, ao lado da aliança.

E o papel denso, desgastante. Finalmente sua primeira vilã, daquelas de novela das oito, tipo de personagem em que a atriz teria que tomar muito cuidado quando fosse ao supermercado ou à feira, as senhoras lhe dariam bolsadas ou, na pior das hipóteses, um olhar torto como vendo a própria encarnação do Mal. Mas poucos ainda iam ao teatro nesse país de muitos analfabetos funcionais e poucos amantes da cultura, mas ela era a personagem principal, a malvada que atormentava o marido com quem era casada há anos, e que tinha um caso com um garotão do edifício, vinte e poucos anos, muita testosterona, algum amor ao trabalho e quase nada aos estudos. Homem fraco e submisso à mulher, aguentava não apenas a traição, porque ele também aprontava das suas quando ela viajava a trabalho, executiva que era de alto cargo em uma empresa. A questão era a convivência entre os dois, que se tornara insuportável, e aonde ambos pouco ou nada faziam para salvar o casamento e muito menos se desfaziam dele, mesmo não havendo impedimento algum.

- Já sei. Vou colocar aquele meu colar lindo quando entrar pela segunda vez em cena, estala os dedos ao ter esse insight. Mas teria que falar com a produção para ver se era possível uma alteração no figurino, pequena que fosse. Achou que daria um ar mais aristocrático à personagem com a joia, herança de família, tipo de objeto que não tem tanto valor no mercado, mas imponente, que atrairia ainda mais a atenção quando as luzes se focassem nela. E que não tivesse ourives na plateia para julgar se a joia era verdadeira ou falsa, no mundo do teatro, aonde o simulacro é muito mais importante do que a realidade. Que mulher andaria em casa com saltos daquele tamanho, que lhe doíam os pés?

Precisava descansar, pois o dia de amanhã seria bem longo. Fora os ensaios, teria que se ocupar do encanamento quebrado, sem homem em casa que resolvesse o problema, teria que fazer as coisas por ela mesma. Não ela consertar, mas pagar alguém para fazer o serviço, e ela andava apertada de dinheiro esse mês, torcia para que a estreia desse certo, muito público, críticas positivas ou negativas no jornal, casa cheia, aplausos ao final da peça, sexta a domingo, viagens para outras capitais e cidades importantes do país. Mamãe, eu quero ser estrela! dizia desde criança para a sua mãe, que sorria e achava engraçado o jeito da filha se arrumar para as festas de família.

A peruca preta estava em cima da penteadeira. Ela gostava de usá-la de vez em quando, principalmente nos dias em que o clima ficava mais ameno e ela não precisava se preocupar em passar calor, a mesma que a personagem usava



ao final, quando a reviravolta se dava a ela conseguia expulsar o marido de casa, jogando as roupas pela janela. Fui traída!, dizia aos espectadores.

Era preciso incorporar a personagem, anti-Madonna renascentista, fazer-se humana, mesmo que na sordidez, em que suspirava antes de dormir, se imaginando ganhando troféus e sendo reconhecida como artista. Não que ela não fosse, mas sempre vista como boazinha, atriz média, incapaz de segurar a densidade, a que se corta no ar com uma faca, planta forrageira dentre tantas outras do mesmo lugar. Sorriso doce, corpo mignon, protótipo incapaz de proferir uma palavra de baixo calão ao topar com o dedo numa pedra, ou na quina da mesa. Sorria, reclamava um pouco da dor e continuava.

Ao ir ao banheiro, percebe que um dos cílios postiços permanece nos olhos, nem sempre se despe por completo a personagem. Tira o objeto e o coloca em cima da pia do banheiro. O toca suavemente. Meu amuleto. Apaga a luz e vai procurar alguma coisa na geladeira.

<https://www.facebook.com/operipatetico/>





Poema

Àfrica Gomes
Luanda - Angola

Sou a matala
Nas sombras de Kalandula
No deserto espero-te mayombe
Enconto de Angola

Es a curva do moco
A alteza da Kianda
Es a escrava rainha
A poesia de Alda Lara
Tens os encantos de Nzinga,
Lutador es tu Deolinda

Ergue-se a continuidade
Somos escravas por olhares
Zombadas
Por palavras
Tenho que me calar?
Ser espancada
E na calada
Da noite, ter que ceder?
Eu?

Quem disse que tenho que me
Submeter?

Se for para lembrar a escravatura
E ser surrada, me mato
Prefiro libertar minha mente
Nesta eterna semente

Eu apanho da vida
E não, de seres irracionais!
Desculpa
Sou feita de aurora
E não de espinho



Poeminha das Coisas Felizes (Caleidoscópio Sensorial)

Ivenise Nitchepurenco

Paulínia/SP

Shampoo com cheiro de fruta
Perfume com cheiro de flor
Flores com cheiro de cor
Sabonete com cheiro de talco
E talco em bumbum de nenê

Aroma de manga na feira
Poder lavar mão com sabão
Vasinho de manjerição
Secador no cabelo molhado
Arroz embaixo do feijão

Vento em cima da moto
Cheiro de vaca no sítio
Abajur bem do lado da cama
Abrir o vidro de palmito
Meia de lã no pé frio

Melancia picada
E bem geladinha
Gomos de tangerina
E o som da ocarina

Dia ensolarado
Cabelo com cachos
Deitar-se na rede,
Com um livro na mão

Esteira na praia
Pipoca na praça
Cadeira na rua
E um chá de cidreira

Bacon fritando
Açúcar queimando
Conhaque flambando
Cantar cozinhando

Sábado à tarde
Soneca das duas
Ficar de pijama
Lençol perfumado

Tocar afinado
Amigo engraçado
Chocolate amargo
Lápis apontado

Bem-te vi na antena
Escrever um poema
Olhar um aquário
Arrumar o armário

Bife acebolado
Ovinho de codorna
Leite sem lactose
Sorvete de creme

Um batom bonito
Curtida na foto
Sair em viagem
Passar maquiagem

Paisagem da serra
Aluno empolgado



Céu estrelado
Olhar lua cheia

Azar superado
Caiu o salário
Arco-íris na estrada
Criança sorrindo

Um jardim florido
Vaso de samambaia
Chuva no mato
E comprar sapato

Tirar o Band-Aid
Matar pernilongo
Um novo projeto
Rali pelo Congo

Lareira e chalé
Tic-tac do cuco
TV desligada
E unha pintada

Roupa lavada
Em dia de sol
Estar maquiada
E faca afiada

Entregar no prazo
Chorar de emoção
Rir de bobagem
Tirar maquiagem

Água de coco
E pia sem louça
Barzinho na sexta
E a pele da onça

Perfume masculino
Tocar violino
Cachorro que late
Gatinho manhoso

Bruno Mars
Torradeira
Celular
E café.

Girassóis
Minissaia
Avestruz
E você.





Poesia das Dez

Viviane de Paula

Campinas/SP

Vi o mundo de seus olhos
castanhos
claros
parados
no espaço
ao meu lado.

Vi o mundo entre as brechas
doces
caladas
palavras cantadas
no conforto
de seus lábios.

Vi o florescer da vida amarga
dura
velada

presa no cotidiano
quente e inconstante
de um pôr-do-sol estrelado.

Em um poema decadente,
descrente,
imprudente.
Diríamos: indecente.

Castanhos,
doces,
velados,
descreveria eu - antes que a noite
pouse -
a beleza e inconstância dos seus
afagos?

<https://www.facebook.com/pretapoesiapreta/>





Ponteiros Ligeiros

Mônica da Silva Costa
Jacarezinho/PR

Há tempos, venho sentindo que algo está a me faltar.
Ando sobrecarregada – não sei se posso explicar.
O relógio me confunde, às vezes, com seus ponteiros,
pois, vejo que, a cada dia, eles estão mais ligeiros.

Sinto falta de um descanso tranquilo, despreocupado,
sem olhar para o relógio, que as horas mede apressado.
Na cadeira de balanço ou na rede esparramada,
eu queria descansar, sem ter que pensar em nada.

Na minha infância longínqua, a vida era diferente:
as horas duravam tanto que até cansavam a gente!
De manhã até a noite, o dia era mais comprido -
tinha poucos compromissos, mas era mais bem vivido.

Hoje, um dia, para mim, quase nunca é suficiente -
sempre fica a sensação de que algo está pendente.
São tantas preocupações, trabalhos e afazeres
que nem planejo um lazer, recreio ou outros prazeres.

Como é que a vida pode passar tão rápido assim?
Não consigo contemplar nem as flores do jardim!
Que é feito dos meus minutos? Queria tanto saber!
Minhas horas e meus dias sinto que estou a perder...

Antes que a minha vida vá-se embora como o vento,
eu preciso fazer pausas e curtir cada momento.
Por mais que a vida siga em alta velocidade,
eu vou reservar um tempo prá minha felicidade!...

<https://www.facebook.com/mscosta2017/>



Praia de Criança

Olinda Pimentel
Belém/PA

Ceci era um lindo curumim que morava em uma cidade grande. Sua pele tinha a cor de terra molhada, os olhos amendoados guardavam mistérios no seu escuro profundo.

Você sabe o que é um curumim? Curumim é uma criança pequena, filha de família indígena.

Você me perguntaria: "e índios não moram nas florestas?" Porque Ceci morava na cidade?

É que muitos índios precisaram deixar as aldeias e as famílias para residirem nas cidades. Isto por fortes razões como: invasão de suas terras por povos conquistadores, por aventureiros, por madeireiros, por garimpeiros, por fazendeiros, entre outras situações.

Quando Ceci foi com os pais e irmãos morar na cidade, tudo mudou na sua vida. Sua família ficou muito reduzida. Os avós, tios e primos não puderam lhes acompanhar.

A menina sentiu muito não poder estar com seus parentes, como na floresta. Lá ela brincava, dançava, vivia feliz com eles. Disso ela sentia falta. Também sentia falta de ouvir histórias contadas pelos mais velhos. Eram histórias bonitas que falavam da origem e da vida do seu povo. Quando estava no silêncio podia ouvir o forte canto dos guerreiros e das mulheres em suas festas e celebrações. Podia ouvir a voz do velho índio contando histórias. Ceci percebeu que o canto, o ritmo e as histórias do seu povo estavam-lhe no pensamento e no coração.

Às vezes o olhar profundo de Ceci parecia triste, mas não era tristeza, não. É que ela estava pensando e sentindo, e o olhar daqueles que pensam e procuram sentir seus pensamentos às vezes parece triste, pois trazem muitas lembranças. Mas a menina logo ouvia como que dentro do seu peito o som ritmado dos cantos do seu povo marcados pelo forte do pisar dos queridos parentes. Então Ceci sentia dentro dela uma força que espantava a tristeza e trazia serenidade e alegria ao seu olhar de curumim.

Um dia, Ceci foi conhecer uma praia frequentada pelos moradores da cidade. Um passeio diferente de tudo o que conhecia.

Ceci quase não aproveitou, pois no lugar havia muitas pessoas e os adultos estavam sempre falando: "cuidado com isso! cuidado com aquilo! Cuidado! Cuidado!"



Ceci não gostou. Então criou para si uma praia de sonho na qual poderia ir com a família toda, formada por sua mãe, pai e também aqueles que estavam distantes dela - avó, avô, tataravó, tias e tios, primos e primas, mas que povoavam seus sonhos.

A menina deu à sua praia o nome de "Praia de Cara-Caramba", que era linda e era só dela.

A praia de Ceci tinha areias muito brancas e fofinhas como alvas penas de garças em revoada, e as águas transparentes como as lágrimas que rolavam no seu rostinho infantil, quando a saudade do seu povo apertava.

A menina passou a visitar a sua praia de sonho a qualquer momento e lá ela reunia toda a família. Os presentes e os ausentes. Era só deixar o olhar visitar o passado e trazer dele as mais queridas lembranças.

Na praia de Cara-Caramba ela brincava livremente na areia, pois o sol não era tão forte, uma vez que a vegetação que circundava a praia era densa e de um verde-escuro profundo. Ceci comia frutas frescas, também chupava seus picolés preferidos, que ela aprendera a gostar na cidade. As pessoas partilhavam entre si o alimento que traziam e, assim, todos comiam coisas gostosas, brincavam, descansavam e ficavam satisfeitos.

Entre os amigos que Ceci encontrava na sua praia de sonho, estava o Saci com uma perna só, a Cuca, a Yara com um verde olhar transparente, o Curupira, a Matintaperera, e outros encantados, ao lado do Pinóquio com a Fada Azul, a Fada do Dente, que ela conhecera recentemente. Ceci gostava deles, mas sentia que eles não eram seus iguais.

A Yara, em uma grande concha, contava às crianças histórias do reino das águas. Ela gostava muito de ser admirada. Já o Pinóquio queria que todos soubessem o que aconteceu com ele na barriga da baleia. Mas quando ele contava a sua história seu nariz crescia e ele ficava muito envergonhado. O Curupira e a Matintaperera, contavam como desandavam e deixavam perdidos aqueles que estavam devastando a mata ou matando os animais. Enfim, todos contavam vantagens!

Em uma tarde luminosa, quando a menina estava muito envolvida em seus folguedos na sua praia de sonho, ela viu ao longe um vulto. Sentiu-se atraída e correu para ver de perto quem seria. Sentiu um forte palpitar no seu peito. Era um índio idoso sentado à sombra de uma árvore. Ceci não sabia de onde ele tinha saído. Pensou que fosse da floresta, mas depois percebeu que o velho índio saíra-lhe do pensamento e do coração. A menina sentiu um forte desejo de ir até lá com ele então, confiante, correu em sua direção. O índio tinha o olhar misterioso e profundo como o de Ceci e um semblante sereno, como se fizesse parte de tudo ali. Estava rodeado de outros curumins. Eram crianças tinham a pele cor de terra molhada, olhos amendoados e cabelos muito lisos. Tinham o



rosto pintado e traziam consigo pequenos animais como macacos, jabutis, sapos, aves coloridas... Ceci perguntou ao índio:

– Quem é você? Ao que o velho índio respondeu serenamente:

– Sou seu parente distante... Gosto muito de contar histórias pra crianças... Era isso que eu fazia na aldeia... Você quer ouvir uma?

Ceci chamou os amiguinhos da praia. Estes sentaram ao redor do velho índio que os encantou a todos com histórias de Cobra Grande, boto cor-de-rosa, boto-cinza, da Vitória Régia, do Uirapuru, a origem da noite e do dia...

Ceci perguntou por que ele não sabia contar sobre os outros que estavam lá. O velho índio explicou:

– Eles não são do nosso mundo Ceci, o mundo da floresta. São de outro mundo – o mundo da cidade. Não os conheço. Estão aqui porque a sua praia de Cara-Caramba é um lugar de encontro. Encontro da saudade e do sonho, encontro também de diferentes que querem se amorizar. Você é feliz por criar esse lugar que é desejado por muitos corações, mas só o seu coração de curumim é capaz de fazê-lo existir.

Ceci acomodou-se à sombra da árvore e ali ouviu histórias do velho índio até dormir. Quando acordou, estava no pequeno quarto, onde morava com sua família na cidade grande. A sua praia de sonho tinha desaparecido, mas Ceci sabia que a ela estava no seu coração e que naquele sonho bonito ela não estava sozinha. Lá ela podia encontrar com aqueles a quem amava. Podia brincar, cantar, dançar, ouvir histórias e celebrar com eles.

FIM





Preciso de um poema

Flávio P. Costa Júnior
São Luís/MA

Como eu queria hoje fazer um poema
De um dia que é apenas um dia
Mas não o é mais, graças ao poema.
Precisa fazer um poema
Ainda que eu não sinta nada
Nem que seja sobre amor, mesmo que não ame
Só para amar mais com um poema.
Com um sol que lá não brilha
Mas incendeia em letra garranchais
Desvairado em justa medida.
Ser o que sou, sendo eu mesmo
Perdido para se encontrar
Onde estou...
Sinto falta de poesia
Por isso preciso de um poema.
Um poema apertado na parede
Um poema agoniado de sede
Dolorido de fome

Preciso de um poema.





Prematuro

Renata Machado

São Leopoldo/RS

Maísa sente a luminosidade e abre os olhos devagar, buscando reconhecer onde está. As paredes pintadas de azul-claro a lembram que lugar é aquele. Não quer se mexer, tem medo, volta a fechar os olhos, gostaria de continuar dormindo. Aproveita que está tudo em silêncio e sente o calor do sol entrando pelo vidro da janela. Passa a mão pelo seu ventre e se pergunta por quê?

Ao longe, o bebê começa a chorar, ela abre os olhos rápidos e num pulo senta na cama. Mal tem tempo de raciocinar e já está novamente naquele desatino que não a deixa em paz, quer fugir, mas não sabe para onde. Se sente paralisada, imóvel e impotente. Lá está a mulher, vestida com roupas sujas e rasgadas, é uma maltrapilha apesar do vestido antigo denunciar que em alguma época teve poses. Tudo em volta dela é escuro, sujo e estranho, onde pisa, há lama e o quarto claro se torna um lugar sombrio. O único ponto de paz e beleza na cena é a criança que a mulher tem no colo. Parece gozar com o sofrimento da outra que grita e se debate na cama, sorrindo a mulher olha fixo para Maísa e sussurra: ele é meu.

Os enfermeiros entram correndo e a encontram desesperada, chorando e gritando. Uma das enfermeiras acha a boneca no chão, embaixo da cama.

—Meu filho! Meu filho! Ela pegou o meu bebê! Grita se botando contra os rapazes que tentam mantê-la na cama.

A enfermeira intervém pedindo que se acalme. Que não há ninguém ali, que há meses ela perdeu o bebê, que infelizmente fetos morrerem no período próximo ao nascimento é mais comum do que se pensa, que ela precisa colaborar e se esforçar para voltar para casa o quanto antes e seguir a vida, que é jovem. Lembra também que amanhã é dia de visita e ela deve estar bem.

Desde criança essas visões aparecem e ninguém nunca acreditou nela, por anos silenciou sobre isso, mas as pessoas que via nunca tinham interferido na sua vida até então. Enfrentou os nove meses de gestação vendo e ouvindo essa mulher falar que o filho era dela, que estava na hora de acertarem a conta.



Com uma força que surpreende os enfermeiros, se atira contra a parede. Um dos rapazes a segura, ela sente uma queimação no braço, fica tonta e vai para trás, os olhos pesam, o corpo amolece e Maísa apaga.

No dia seguinte, numa sala próxima, o médico conversa com os pais e o marido da moça. Explica que ela tem alucinações, que insistem que vem roubar o filho e que muitas vezes só fica calma quando está com uma boneca ao lado. Afirmar também que já aumentaram a medicação, mas não há nenhuma previsão de alta.

O marido suspira, diz que não sabe o que fazer, também sente muito a perda do filho, mas precisa tocar a vida. A mãe chora e lembra que antes disso, a jovem já havia sofrido outros abortos espontâneos, porém no começo da gravidez.

—Doutor, é uma sina. A maioria das mulheres da minha família já perdeu seus bebês, eu mesma na primeira gestação, consegui segurar só até os seis meses e a partir daí, o feto não se desenvolveu. Diz olhando para o marido buscando apoio e ele confirma balançando a cabeça.

A senhora continua e conta outros casos, a prima que nasceu com o útero virado e nunca conseguiu ter filhos, a própria mãe que perdeu dois bebês recém-nascidos.

—A Maísa cresceu ouvindo essas histórias, porque isso é muito forte para gente. Somos de descendência italiana, Doutor, adoramos parir e cuidar dos nossos filhos, mas para as mulheres com nosso sangue isso é muito difícil.

Quando acorda, muitas horas depois, ela percebe que qualquer pequeno movimento faz o corpo inteiro doer. Olha para o lado e vê que o seu bebê está em segurança ao lado da cama, sorri, ainda bem que não está amarrada, só um pouco zonza.

Pelos vidros, os pais e o marido se chocam junto com o médico ao observar Maísa sorrindo, tentando amamentar uma boneca. Do lado de dentro, uma moça sentada na cama, com os pés balançando, brinca de faz de conta para não enlouquecer.



Presente

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Percebo que hoje respiro
em eterno suspiro...

Revivo momentos
como eclipse, no monte,
em torno do vento.

Divertimento poético,
silencio em meus sonhos
beijos tímidos
num jogo de versos.

O som que ecoou
em estilo único
em noite de frio
sem brilho, nem fogo,
inverno, outono...

Equilíbrio?
Sim, eu vivo!
Vivo, sobrevivo,
respiro
e suspiro.

Repele entre outros versos,
repete entre outros tempos
E o futuro?
Só em Deus.
Prefiro o presente.



PROSOPOPEIA DE SARA



Prosopopeia de Sara

Almir Floriano
São Paulo/SP

Os momentos mais felizes
Que ao teu lado passei,
Impossível esquecer
Eu jamais te esquecerei!
Meus olhos estão cansados
Tão tristes e vazios
Desde o dia em que a menina
Que dentro deles morava
Se foi, um dia partiu.
Eu a tenho e não a vejo
Olha só qual foi meu castigo
Ela está em meu coração
Enxergá-la eu não consigo
Vive nesta fortaleza
Seguro é este abrigo
Isso sempre acontece
Quando ela briga comigo
Não consigo vê-la,
Porém eu posso sentir

Seu corpo está aprisionado
Pulsando dentro de mim!
Ouço sua voz, sinto seu cheiro
Entoando notas musicais,
Vivemos juntos num "só"
Porém eu vivo pedindo

Que ela de mim tenha "dó"
Insisto para que ela saia
Para contemplar o "sol"
Eu não sei por quanto tempo
Vai viver dentro de "mi"!
Ela vive presente
Dentro da minha solidão
Vou amá-la por nós dois
Com apenas um coração
Se esta porta se abrir
Não sei o que pode acontecer
Sei que não vou suportar



E de amor eu vou morrer!
Tentaram me aconselhar
Com palavras bonitas
Para me acalantar
Dizendo que só há um jeito
De voltar a ser feliz;
"Abra o peito meu amigo,
Deixa ela partir!"
Seu coração não vai parar!
Pelo contrário, ele "Sara!"
"Sara"? Assim ele não "Sara!"
Como pode-se esquecer
De alguém a quem se ama
Dentro de mim você sou eu
Para a dor e o prazer
Para o sabor e o saber
Para a emoção de viver
Viagem tão companheira.
Sou eu sim,
Eu sou assim,
Com seu corpo
Em mim!
Ao amanhecer
Não me reconheci;
Descobri que sou agora outro
Em que só existe
O que ontem eu temia.
Ao amanhecer
Haviam desaparecido
A cintilância da madrugada
O sonho mentira da fuga
A competição acabou!
Pobre daquele homem

Vencido num último instante
Por um golpe casual
De um super ego qualquer
Que nem é o meu sequer...
Eu bem que desconfiava,
De que a partida estava fácil demais!
Levei-me então ao hospital...

Ou começarei sem mim de novo?
Não quero mais ser o outro
Aquele que tem o ID engessado
Ferido e envergonhado
Jogando na rua um rosto
Parecido com o de ontem,
Máscara da última
Tentativa de viver.
Algumas coisas ficaram tão pequenas,
Que perderam a importância.
Quando sair daqui
Tentarei eliminar
Tudo que seja triste e pequeno
Tentarei...
Tentarei novas formas
E não chorarei as perdas
Tentarei, vencerei!
De que adianta o sorriso não visto?
A quem alegra o olhar que não se vê?
A quem consola a palavra não ouvida?
A quem abraçam os músculos no
vazio?
Ao sair tudo continua
Tão distante e pequeno.
Não deveis temer
Entrar no recinto portátil
Que acompanha o "ex"...
De que adiantarão
Minhas novas lentes
Se ninguém acreditar
Na minha escala de medidas?
Se eu deixasse
Perder-se a minha poesia
Certamente encontraria
Paisagens e belezas nuas!
Mas não deixarei que isso aconteça.
Decididamente,
Não hei de permiti-lo!
Porque não há perfil,
Nem rua



Nem perfume
Que mereça afogar o cântico
Feito de terra e homem
Do homem feito de terra
Libertando-se de outro homem
E, senhor do mundo!
E porque mando no meu cântico,
Ele não terá lágrimas,
Mas uma vontade nova!
Ele não terá beleza restrita,
Mas grito de guerra!
Não terá sonhos,
Mas planos táticos,...
Não terá lembranças,
Mas todo um programa!
Não terá perfis,
Mas multidões!
Não terá ruas,
Mas trincheiras!
Não terá jasmims,
Mas flor de brejo!
Não terá vinho,
Mas água de serra!
Poucos sorrisos talvez,
Muitos gritos de dor
Mas no fim ressoará uma vitória
Terremoto e convulsão,
Orgasmo da história!
À partir de hoje
Enxugarei minha canção
E destruirei
Toda lágrima lembrança
Todo perfil sozinho
Toda beleza perfume
À tudo enxugarei
Com outra canção!
Amei "Sara"
Mas fui amigo
E mostrei que ela me amara.
Amei a de nome bíblico e a convenci

De que ela queria algo além,
Que eu ainda não possuía!
Amei a mais fogosa
E me levei ao psiquiatra

Que não só extinguiu o fogo,
Como quase me prendeu
Como incendiário!
A todas perdi
Por ser amigo,
E todas ficaram minhas amigas.
Pois bem;
Não quero mais amigas!
Tu és a amante sonho
De expectativas feitas
Tu és as sombras precedentes
Que não puderam me acompanhar
Tu és a soma de todos os sorrisos
Que me abandonaram
Tu és o rastro de todos os amores
A quem amei,
Mas que temeram...
Tu és tudo quanto poderia ter sido
Mas que não foi
Porque elas se atemorizaram.
Tu és todas as minhas tristezas
Nascidas da vontade de amar
Nascidas no momento em que elas
Me viam por dentro e para o futuro
E fugiam...
Tu és a viúva de mim mesmo te
abraçando!
Tu és minha filha
Como o brilho do sol
Antes de nascer sobre o mar!
Tu és o amor hipótese arterial
Pulsação e calor
Que ocupa o latifúndio improdutivo
Da minha tristeza vazia.
Tu és o que não foste



Mas que outras poderiam ter sido!
Tu és o que és,
E o que virás à ser!
Tu és o gênesis sem apocalipse
Da canção projetiva
Tu é a dor não sentida
Nem fingida
Mas, à beira de ser!
Tu és o oceano
De todas as lágrimas não escoadas
Tu és o perfume do sonho

Deste homem entristecido
Tu és a transição permanente
Da vontade para o ser,
Do caos para o começo,
Da tristeza para o oceano.
Tu és a contra partida
De todos os temores
Diante do compromisso
Tu és o elo mais forte

Do poeta militante!
Tu és amante, sonho e síntese
Tu és canção, promessa, é vida!
Tu és!
Sara minha pretinha linda
És tudo isso e mais ainda
Um dia quem sabe
Seus olhinhos pretinhos
Me enxergarão novamente!
Serei importante
Serei seu amante
Serei companheiro
Serei antidiscussões
Serei o que falta
E também o que está sobrando!
Serei sua mão amiga
Que te pega no colo
Tu não serás sozinha
Serei junto com você!
Então assim não apenas
Tu serás,
Eu também serei!!!

www.clubedeautores.com.br/book/236801--METAMORFASES





Próximos Pelo Lixo

Carlos Henrique Barth

Macaé/RJ

Jorge revirava o lixo do 231 à procura das latas de Budweiser. Aqui estão! Definitivamente, a fase da Stella Artois havia passado. Ontem foram só duas. Doutor não gosta de beber muito nas quartas. Amanhã é dia de aparecer a garrafa de uísque no lixo, embora nas últimas semanas esse padrão tenha variado um pouco. Antes as garrafas duravam exatos sete dias. Nas últimas duas semanas duraram cinco e quatro dias, respectivamente. Será que Doutor estaria com algum problema no trabalho? Ou seria no casamento?

Estava preocupado. Já estava acostumado com as caixas de rivotril de Madame no lixo, mas nas últimas duas semanas—que coincidência!—começaram a aparecer também caixas de fluoxetina. A moça da farmácia havia explicado a Jorge que esse remédio é para quem sofre de tristeza. Das bravas. Naquela noite Jorge nem dormiu direito preocupado com Madame. Estava tomando coragem para abordá-la e recomendar que tomasse chá de arruda e erva de São João. Não tem erro, garantia ele. E ainda livraria ela de tomar esses remédios que acabam viciando o paciente.

O problema deve ser o menino! Sabia que isso um dia viria à tona... Havia três meses que as seringas começaram a aparecer no lixo, sempre bem escondidas, mas não o suficiente para escapar ao crivo de quem busca o sustento no que os outros não querem mais. Jorge havia questionado Dogão se era ele quem estava vendendo drogas ao menino do 231. O traficante disse que não, que aquela área não era dele, era do Comando Vermelho. Além disso, o esquema dele era pó e fumo. Esse negócio de injetável era coisa de elite. Jurou por Deus que não tinha nada a ver com isso, que tinha muito respeito por Seu Jorge e jamais mentiria pra ele. Deve ser verdade. Conhecia Dogão desde criancinha. Havia morado com a mãe dele há muito tempo atrás,



mas não haviam se acertado. Mesmo assim conservava um carinho especial pelo antigo enteado.

Deve ser isso mesmo. Ou talvez a preocupação de Doutor e Madame seja a menina. Quando começaram a aparecer os preservativos escondidos no lixo, Jorge naturalmente desconfiou do menino, que já estava na idade de ir pro quartel. Modo de falar, obviamente, pois meninos ricos não vão pro quartel. Eles vão pra faculdade para virar doutor. Além disso, a menina é muito nova. Não faz muito tempo que virou mocinha. Fazem apenas quatro meses que começaram a aparecer os absorventes do dia 15 do mês. Os absorventes que aparecem entre os dias 20 e 25 são de Madame.

Entretanto, na semana em que Doutor havia viajado com o menino para fazerem exames—o nome do exame era vestibular, de acordo com o jardineiro—em São Paulo, os preservativos apareceram todos os dias no lixo. Jorge ficara preocupadíssimo. Madame parecia uma mulher distinta, daquelas que jamais se deitaria com outro. E a menina era muito nova! Seria possível que a danada já estivesse aprontando? Lá na comunidade elas começam cedo, mas essas meninas bacanas são diferentes.

Não sabia o que fazer. Já não dormia direito. Nessas horas é melhor ouvir as pessoas mais sábias. O pastor havia aconselhado a Jorge que caso desconfiasse de algo grave, era seu dever tomar uma atitude. Jesus não havia morrido por nós para que agora ele se acovardasse e se esquivasse às suas responsabilidades. Inclusive, de pagar o dízimo.

- São membros da sua família?—perguntou o pastor
- Bem... De certa forma, são.

Sabia que era um exagero, mas não era de todo falso. Buscando o sustento em meio ao lixo, Jorge acompanhava o dia a dia da família há meses. Conhecia sua rotina e suas preferências. Se considerava, de certo modo, um amigo da família. Admirava Doutor por ter uma família de comercial de margarina. Havia criado, em sua mente, toda uma trajetória da ascensão social de Doutor, desde os tempos duros na faculdade até o cargo gerencial na empresa. Meritocracia, era o que o pastor sempre falava.



Estava decidido. Embora fossem temas delicados, precisava falar com um deles. Se fosse com ele, não gostaria que lhe contassem? Mas é melhor falar com Madame, refletiu. Mulher sempre tem mais tato nesses momentos.

No outro dia pela manhã Jorge estava lá, revirando o lixo atrás das latinhas. A garrafa de uísque também estava, como previu. Naquele dia estava demorando mais que o costume, esperando a deixa para cumprir com sua obrigação de amigo e cristão. Pontualmente, Madame saiu de casa às oito. Fazia pilates às segundas e quartas e yoga às terças e quintas, sempre nos mesmos horários. Duas vezes por mês trocava a aula pelo motel com Arnaldo, quando a esposa dele tirava plantão na cidade vizinha.

- Madame, por favor, se tiver um tempinho... se não for incomodar...
- Desculpa, moço, mas estou atrasada.
- Eu prometo, Madame, que é rápido...
- Realmente, moço, estou muito atrasada hoje.

Ana Cristina estava com o coração na boca. Meu Deus! Era só o que faltava. Ser abordada na saída de casa por um catador. Ela já havia falado a Moacir que pagasse o tal do vigia particular. Era um pouco caro, mas era só combinar com os vizinhos e ratear o custo. No final, todos sairiam ganhando e não ficava pesado pra ninguém. Esse bairro já não era o mesmo desde que fizeram aqueles condomínios de gente pobre no final da rua.

Estava horrorizada. Não podia suportar aqueles favelados que ficavam revirando seu lixo. Tudo bem que eles pegavam as latinhas para vender, e muitas vezes algumas sobras de comida. Mas alguém deveria identificar e botar um crachá nesse povo. E se houvesse um bandido entre eles?

Naquela noite, mais uma vez, Jorge não conseguiu dormir. Não por ter sido ignorado ou humilhado, mas por não ter conseguido ajudar.

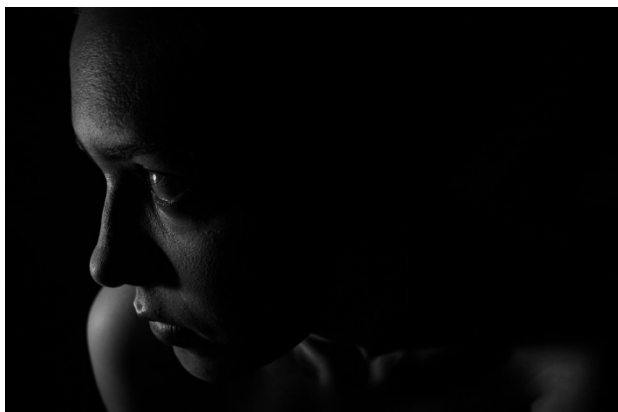




Quando Eu Era Menina

Beatriz Oliveira

Quando eu era Menina
Me roubaram a inocência!
Me fizeram MULHER, Despejo de Material Humano.
SOU aquela menina que pede socorro, a cada ANOITECER.
SOU aquela menina que preenche o pulmão com **TABACO**, para não se sentir **VAZIA**.
SOU aquela menina que bebe, com esperança de acordar em uma outra dimensão.



Talvez a dimensão que eu sonhe, seja uma vida digna. Uma vida de um SER HUMANO, e não essa que eu levo.
Em meio ao entra e sai de **CLIENTES**, refaço a minha maquiagem.
SUBO EM CIMA DE UMA CAIXA, PARA PODER PASSAR O BATOM VERMELHO.
O BATOM QUE ACENDE PAIXÕES E ROUBA AMORES.
Me olho no espelho, e vejo os hematomas em meu corpo. O último cliente, era violento e acabou a submetendo há horrores.

Por dentro não à vida. Há apenas órgãos marcados pelo álcool e cigarro.



BATEM NA PORTA... CHEGOU OUTRO... Em meio aos gozos de um homem adúltero, e aos gritos de prazer, lembro da vida diferente que eu poderia ter. Passa se um tempo, e eu não me sinto bem, será algo que comi no último motel? Ou será apenas o corpo dando o sinal que está nas últimas.

Faço exames E Enfim o resultado...

Gravidez... Estou de 3 semanas. Se nunca tive amor, como vou amar? A Dona do Bordel, já me avisou.. Ou "Aborta ou Rua". Na rua já estou, Mas agora não mais sozinha..Não consigo satisfazer o cliente, e por isso ele preencheu o meu corpo de marcas de cigarro. Acordo numa poça de sangue, A dona do Bordel é a Paloma. Ela era mulher de rua e conseguiu o seu próprio lugar, ela carrega uma cicatriz no rosto feito por um canivete. Talvez por ter roubado por alguns minutos de prazer, a paixão de alguém! O relógio da decisão caminha lento. Sinto Frio. Enfim decidi. Vou abortar. Naquela mesa gelada. Meia Luz. O sangue se espalha no chão, o MEU SANGUE. Tudo teria dado certo, se não fosse, aquele pedaço de algodão contaminado. Ah, aquele pedacinho insignificante. Quem sabe foi castigo da vida, por ter cortado a mais bela raiz que uma flor pode ter. Lembro de quando descia as escadas, com o meu vestido de vermelho e todos me cobiçavam. Hoje na mesma escada, me encontro sentada, tragando um cigarro e dando gole na 51... Meus olhos estão escurecendo...Acordei... Em um hospital, Hoje escuto lá longe o barulho, do soro pingar, o vento na janela bater e o fim chegar. O meu coração está parando..

PARANDO..

ELE PAROU...



Quase Nada Tem Tudo

Amana Baggio Pruss

Porto Alegre/RS

Eu amo todos os animais
e respeito todos eles
não importa se tem pernas de grilo
ou casco de caracol
mas eu acho que vou querer estudar
que a estrela é feita de poeira
e o meteoro, de gelo.
Você se importa?





Queimando aos Poucos

Eduard Traste
Florianópolis/SC

tenho voltado sempre para o mesmo
bar.

a cadeira não é das melhores
mas posso fumar onde quer que eu pare
e o garçom já me reconhece
e traz a mais barata e mais gelada
sem eu precisar pedir.

o que mais eu poderia desejar
de um bar? de uma noite?
de um dia inteiro? de alguém?
de alguém que não sabe quem sou?
palmas? não preciso disso
além do que, não gosto de barulho
embora peide alto e cada dia mais
mas é a vida.. você bebe, você dorme
você acorda, você arrota
e você peida.. tão sagrado
quanto Darwin na Cruz
suspensa.. além disso
e talvez o principal, aqui

embora eu venha todos os dias
já tem anos, ninguém me conhece.
aqui ninguém me vê
aqui não preciso ouvir ou falar
eu apenas sento e bebo e fumo até
me perder.. e quando consigo
ignorar o que não importa
eu acabo conseguindo
me entregar ao fogo
e ao menos queimar em paz
por algumas horas.. e por um
momento
é como se tudo mais virasse cinzas
e eu pudesse simplesmente
soprar tudo para longe
feito à fumaça que exala
do meu corpo,
agora.



Quem Pôs a Pedra?

Samuel Kauffmann

No meio do caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho...
Nunca me esquecerei desse acontecimento...
No meio do caminho tinha uma pedra.
Carlos Drummond de Andrade*

- Quer saber de uma coisa, Sidney? Você conhece um dos meus filhos, aquele que foi estudar no estrangeiro. Eu estou angustiado com as últimas decisões dele... Mas não posso interferir. O que me magoa, que frustra minhas expectativas, é que ele abandonou uma bela carreira acadêmica, optando por escolhas que lhe dão prazer. Claro que, se tivermos oportunidades, sempre escolheremos aquilo que nos proporciona prazer. Porém, sempre disse para ele que precisamos sonhar, mas com pés no chão, preparando, agora, o futuro.

Assim desabafava, com o amigo Sidney Moura, o idoso Tomás Gonzaga. Era inverno de 2002. Mais três meses e se comemorariam o centenário do grande poeta Carlos Drummond de Andrade. Passeavam num final de semana, num dia luminoso – um veranico de inverno. Gostoso receber aquele calor sob o Sol inclinado. Sidney possuía uma capacidade, pouco comum, de escutar com paciência as lamentações alheias, utilizando-se, com sabedoria, do seu preparo como reikiano. Percebeu que Tomás estava, indiretamente, a lhe solicitar conselhos.

Tomás continuou:

- Contudo, o que mais nos preocupava, nos afligia, reconhecendo os problemas emocionais do nosso filho, é o tratamento que ele dispensa à mãe. Chegou a confessar que não suportava ouvir o som da voz da mãe. Sempre a evitava; nem permanecia no mesmo ambiente em que ela se encontrava, retrocedendo em seus passos. A mãe, por sua vez, sofre em silêncio sem qualquer reclamação, isto é, somente comigo. Obtemos, por indicação, a



referência de uma psicóloga, que ele aceitou em fazer uma terapia. Ao término de um ano, ele deu por findo o tratamento, sem que se tenha resolvido a questão com a mãe, que era o importante. Falou comigo que chegou a uma conclusão vocacional. Optou por se tornar músico. Fiquei tão decepcionado, impotente, incapaz de agir com autoridade paterna. Eu o amo muito, muito mesmo. Fico receoso de magoá-lo.

Tomás calou-se, por uns poucos minutos, que pareceram horas. Sidney o incentivou a continuar.

- A vida profissional dele não tem sido nenhum sucesso. Aquele ano que ele passou fora fê-lo perder mercado. Antes tinha um bom número de alunos, a quem dava aulas de percussão. Ao retornar e recomeçar, nunca mais conseguiu recuperar a quantidade de alunos que antes tinha. Passados uns poucos anos, escolheu estudar outra possibilidade profissional, ou seja, ser adestrador de cães. Uma atividade que lhe causa prazer. Ele se dá bem com animais domésticos. E, para ele, as coisas ainda continuam difíceis. Faz um ano, encontrei em casa um objeto de massa, com aspecto de pedra, com a seguinte inscrição: **"Tire a pedra do meio do seu caminho"**. Coloquei no quarto de dormir dele, sobre a estante, à altura dos olhos. E por que fiz isso? Para provoca-lo, para estimula-lo a se inquirir. Julgo, em meus simples conhecimentos, que a questão dele com a mãe é de origem espiritual, como se ele não a perdoasse de algum erro passado. A relação mãe-filho é para incentivar e elevar o amor entre dois seres transitórios, enquanto existirem sobre a face deste orbe. Essa é a "pedra no caminho" dele: não a perdoar, não se aproximar, abraçá-la e beijá-la como um filho faz com a mãe, seja no dia das mães, seja no aniversário, quando se reencontram ou quando se despedem. Enquanto ele assim continuar procedendo, com tal comportamento, a pedra haverá de continuar no caminho dele. Somente com o sofrimento é que ele haverá de despertar espiritualmente. Se ele não tem força suficiente para remover a pedra, procure contorná-la. Já será alguma coisa. O pior é que ele não me dá chance de conversarmos e de nos abrirmos totalmente. Sidney, eu



acredito que estou certo, ou não? Dou-lhe plena liberdade, em nome da amizade que nos une, de falar com absoluta sinceridade.

Sidney o interrompe, dizendo:

- Meu amigo, lembra-se, de que não faz muito tempo, numa conversa semelhante sobre outro filho, que também lhe afligia, eu disse que todos nós passamos por provas. Nesse caso, tanto tu como teu filho. Que quando o discípulo está pronto, o Mestre se aproxima e o ilumina com clareza na consciência. Fique calmo, com aceitação dos fatos cármicos. Porque o que vai acontecer é porque haverá de acontecer. Você sabe disso. Paz em teu coração.

José

E agora José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, José?
E agora, Você?

...

Carlos Drummond de Andrade.





Radicalidade do Eu

Juli Cruz

Taboão da Serra/SP

Uma vez um cara branco, de classe média disse que eu era muito radical. Refleti um instante... E respondi que radical, era a miséria das pessoas, radical era a menina de 5 anos violentada, roubada, usurpada pelo destino. Radical, era a condição da mulher, pobre, do gay, da/do transexual, da/do negra(o), da(o) indígena. Radical, era a fome, a fome de esperança, de justiça.

Radical era a exploração do trabalho, os privilégios da elite.

Radical era a colonização que originou uma nova divisão do mundo que norteava os fortes e consagrava os fracos, vulgo, sulistas. Erro geopolítico. Não, tentativas e erros históricos. Não, seleção natural. Darwin deve estar reflexivo.

Radical, é o branqueamento poético da simétrica de soneto e a marginalização da descontinuidade dos versos da rua.

Radical é a morfema que acompanhado do sufixo realiza uma nova criação, assim, dispensa o pré fixo, pré conceito, exalta o pré destino e por fatalidade social, se determina o irreversível fim. Enfim.

Radical, é a taxa de crescimento do suicídio e do trabalho infantil enquanto pesquisam armas nucleares, linda rosa de Hiroshima.

Radical, é o Universalismo ocidental que ilude os direitos humanos ou será que os humanos direito?! 10% da população mundial é canhota.

Notícia de jornal, manchete estampada: "Noite mais fria do ano". Radical é não saber que pra quem vive das estrelas, a lua tem 4 fases de calor. Talvez você até saiba mas o que a gente prefere mesmo é a meia fase.

Radical, é o batimento da minha revolução, onde se não corre sangue, de fato, corre revolta mas que na vida ,eu sou tudo, menos radical.





Rainha

Erick Bernardes
São Gonçalo/RJ

Sábado passado estava eu estirado e tranquilo tentando descansar. A esteira de palha tinha o poder de colocar a espinha no prumo certo. Debaixo do pé de Jenipapo a tarde parecia mais longa que o natural. Quanto mais eu tentava interpretar um dos contos do Edgar Allan Poe, mais o calor maranhense incomodava o pacto ficcional exigido pelo texto sombrio.

Formigas assanhadas remexiam as folhas caídas no chão barrento. Pus o livro de lado, atentei ao vai e vem das saúvas, imaginando se acaso houvesse algum exército desses seres agigantados. Não recordo em qual momento a imaginação fértil cedeu lugar ao sonho. Certo é que, quando dei por mim, já estava cara a cara com o gigantesco ser. Era uma fêmea. Ela possuía presas que articulavam-se tal qual alicate de corte ante à minha jugular, enquanto seus soldados (ou súditos), bem menores que o bicho medonho, emitiam silvos angustiantes. A rainha aproximou-se aos poucos, senti o rasgar da pele mais embaixo, muito mais embaixo. Dei um grito só: "socoóorro!", e então acordei.

O relógio marcava exatas dezenove horas. Olhei de perto o objeto da dor causada, e foi quando percebi, dentre as muitas malditas que já alcançavam minha panturrilha, uma desproporcionalmente guerreira e despeitada, a morder a verruga rachada, cultivada anos sem conta no meu dedão direito do pé.





Retratos de Uma Mulher

Mauro Caetano Macedo

Luanda - Angola

Avistei o horizonte do teu retrato
Meditei a inspiração do artista plástico
Aprofundei a origem do teu belo
Alimentei os olhos com o leite dos teus
seios

Dos cânticos da zungueira
O arreio da quitandeira
Da cidade até ao Cazenga
O sacrifício do pão na mesa
O postigo e a bailunda
Negra de carapinha dura
Preta, sabor a mucua
Radiante, diamante das Lundas
Serena dos ovimbundos
Negra dos Kimbundos.
Linda dos Nganguelas
Retratos da nossa terra
Pérolas da Huíla
Mulheres Mumuilas

Doce dos kwanyamas
Sabores da banda
Obra pura criada por Deus
Estrela brilhante diante dos céus
Nascente da costela para ser amada
E não dos pés, para ser pisada
Filha do Rei N'gola
Corpo de viola
Energia de Cambambe
Guerreira como Nzinga Mbande
Kikuanga do Congo
Rainha do Ndongo
Alegria no rosto
Motivo dos meus sonhos
Angolana de Matamba
Vaidosa do Sambizanga
Brisa do Huambo
Ilha de Luanda





Rosso - Terra das Bonecas Mortas

Morphine Epiphany

São Paulo/SP

Mila agarrava o pano de sua boneca
Os doces em terras fantasiosas
rondando as auréolas de pensamentos
Confidenciou uma travessura
enquanto o pavor e a gritaria
penetravam a janela, sem convite.

Seus ouvidos acreditavam em fogos de artifício
E todas as bazucas eram de brinquedo em um jogo
Crianças em vermelho, mães em escarlata,
garotos em rubro, sussurros sangrentos

Adolescentes numa frenética ação
pelas ladeiras, morros e residências.
Existia sepultura nos olhos de cada um
Baú de violência, sociopatia nas faces.

Mila acompanhava o Rosso daquela manhã
Tarantinesca em todos os seus ângulos
Gatilhos, duas balas em lentidão avançaram
Em modo estático,
a menina visualizou Neverland.

Famílias em transe, calçadas inundadas de agonia
Formigas empunhando armas, pintando sequências
Vívidas em sangue.



Mila se lembrou da mãe descendo o morro
em busca do pão para o café matinal.
A pequena Dália de sete meses havia despertado
Talvez, a mãe estivesse chegando.

O projétil agora parecia furiosamente veloz
A boneca sofria estrangulamento
Mila e seu aterrorizado olhar,
desacreditava da trajetória.

Boneca amarrotada!
Líquido de medo escorregando pelos olhos
O enquadramento da janela, estampava
os pães caídos e o vestido verde da mãe em denso vermelho.

Mila gravou o insuportável quadro
(A mãe em escarlata com os pães caídos)
A proximidade das balas tingida de reais colorações
Dália esperneou!

A boneca se inundou na mesma cor
Mila não escutou o choro, apenas o impacto
Dália se calou!

O segundo impacto certo em sua touca rosa
Sem dublês, a ação continuava por horas
Neverland desaparecida e um retrato.
" Rosso- Terra das bonecas mortas"

<https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias>



Sem Você

**Edison Gil
Sorocaba/SP**

Sem você tudo é cinzento,
não existe outra cor,
sem você eu não aguento
a minha própria dor,
sem você morro por dentro,
com juras, mas sem clamor.

Sem você todo momento
torna-se escravo do pavor,
sem você não sopra o vento,
não balança a bela flor,
sem você não vale o tento,
serei sempre o perdedor.

Sem você tudo é tão lento,
insensível e sem teor,
sem você eu não experimento
as delicias do amor,
sem você eu me arrebento
desejando o teu sabor.

<http://fb.com/siredisongil>





Sete Luas

Bruno Ribeiro Marques
Divinópolis/MG

Olha-me
E veja como sou por dentro
Descubra o que escondo
Pois teus olhos despem toda a mentira
E são capazes de penetrar até ao mais anódino sentimento.

Eu sou só isso.
É tudo o que trago por dentro:
Amor gasto
Paixões reclusas
Ideias inconclusas
Pesadelos de menino.
Medo de bruxa
Bosta no intestino.

Veja como tenho a alma empoeirada
Rancorosa, carcomida
Perceba em meu peito o prelúdio da asma
E as artérias a entupir-se de gordura.
Penetra teu olhar em cada poro
Em cada ferida.

Não te enganes, não estás cega.
Abreviarei este teu desapontamento.
Veja!
É só isso mesmo que eu trago por dentro.
Meia dúzia de desejos mecânicos
Enferrujando-se sob a tempestade imunda.
Devassa, pois, esta parca alma
E me veja com teus olhos de Blimunda.

<https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/>



Sete Vidas

Tim Soares
São Bernardo do Campo/SP

O que é a vida?

Há quem acredite que a vida não passe de um grande laboratório para um grande ciclo posterior. Então a nossa estadia aqui na terra seria uma preparação para o que viveremos depois em algum outro lugar. Na minha mais humilde e sincera opinião, não faço a menor ideia.

Bom, meu nome é Daniel Dhundee e eu nasci com uma terrível maldição, sete vidas. Sim, como um gato. Mas tudo na vida tem um preço e essa sim é uma certeza da qual eu tenho a mais profunda convicção. N'uma espécie de brincadeira de mau gosto, fui condenado a morrer sempre que me apaixonasse.

É, eu sei, você deve estar pensando 'então não se apaixone, idiota'.

Mas as coisas não funcionam assim. Essa parada de amor definitivamente está fora do nosso controle. Você não escolhe se apaixonar, simplesmente acontece e não há nada que se possa fazer, acredite! Minha epopeia desastrosa começou quando conheci o meu primeiro amor, Olga, no último ano do colégio. Era uma garota legal, bonita e dois anos mais velha do que eu. Apaixonar-se pela primeira vez é experimentar o sentimento mais bizarramente profundo que já havia conhecido. Aparentemente, esse sentimento era recíproco da parte de Olga o que tornava a coisa toda ainda mais intensa. Acontece que n'uma bela tarde, depois de levá-la para tomar um sorvete, a acompanhei até o prédio em que ela morava e ao sair do prédio, ao atravessar a rua, fui atropelado por um caminhão. Morri na hora.

Minha segunda vida, perdi no México. Ah, o México! Fui para lá n'uma daquelas viagens em que eu tinha como intuito farrear, encher a cara e conhecer mulheres. Fui a uma festa com uns amigos e lá conheci Maitê. Nossos olhos se encontraram depois que ela terminou de entornar uma garrafa de cerveja. Um daqueles raros casos de amor à primeira vista. Cheguei chegando e mesmo com um espanhol bem mais ou menos, consegui me fazer entender. Saímos da festa e fomos até uma praia próxima dali. Conversamos, nos beijamos. Uma daquelas noites em que tudo está jogando ao nosso favor. Então decidimos tomar um banho de mar. Tudo às mil maravilhas até eu morrer afogado.

A terceira vida se foi depois que conheci Nadja. Aquela loira russa era um verdadeiro demônio do sexo. A garota mais pirada que eu já conheci. Durante uma puta chuva, resolvemos ir transar no gramado do jardim. Era um dos muitos



fetiches que ela tinha. Foi uma delícia e quando eu estava voltando para dentro de casa, um raio caiu. Agora eu só tinha mais quatro.

Morri pela quarta vez no Madison Square Garden durante um show de Simon & Garfunkel. Um baita público por sinal, mas aparentemente sem nenhum médico. Eles estavam tocando "*The sound of silence*", a música predileta de Jéssica, minha noiva, e uma das minhas canções prediletas também quando eu simplesmente enfartei e morri. De novo!

Depois veio Fernanda e aqueles cachinhos, uma adorável tagarela que sonhava descobrir onde Elvis estava escondido. A garota mais engraçada que já conheci. Passamos a semana inteira indo a uma dessas redes de *fastfood* que estavam dando bonequinhas cabeçadas. Fernanda queria todas as bonequinhas e então na quinta-feira, depois de uma de suas muitas gracinhas que ao cair na gargalhada, me engasguei e morri sufocado com a droga de um hambúrguer.

A sexta vida eu perdi depois de conhecer Rebecca, a bibliotecária da faculdade. Uma mulher linda, inteligente e elegante. Uma das paixões mais arrebatadoras que já senti. Mas ela não me quis e pela primeira vez, experimentei o pior de todos os sentimentos humanos, a rejeição. Morri de tristeza.

Estou na sétima e última vida. Já conheci uma garota legal e acho que já estou me apaixonando. É, eu sei, eu sei. Logo eu vou morrer pela última vez. Não haverá outra vida, outra chance, outra oportunidade. Eu morrerei e será o fim de uma vez por todas. Paciência!

Fico pensando nos gatos, será que eles se apaixonam por sete vezes? Se for esse o caso, felizes são os gatos.





Setembro 25

Flávia Urder
Campo Grande/MS

É só o começo da sua vida em um dia que está quase acabando e você o vê. O cara na sua frente tem aparência que seu gosto estranho aprova e diz coisas que só te provocam riso porque vêm dele. Mais tarde você vai para casa com um pouco de álcool agindo por dentro, mas pensando na visão do lado de fora, naquele moço que te roubou por uma madrugada inteira. Você vai deitar a cabeça no travesseiro e cerveja nenhuma te fará dormir. A partir da noite sem fim, as horas nunca mais passarão mais rápido, pois a vida acaba de desacelerar. É seu primeiro amor, grande amor, sua primeira MPB, seu primeiro filme francês, sua primeira comédia romântica de fim ainda indefinido. E, por destino ou peças que você prega, ele entra na sua rotina e se torna não só a pessoa que inunda suas semanas de ócio, mas seu plano de resolução da vida cansativa e tediosa que leva desde sempre.

Você o encontra por acaso e se pega sorrindo sozinha no meio de uma distração. Fica dois ou três dias sem vê-lo e sente um aperto no peito, uma vontade de ligar, mandar mensagem, gritar o nome. Ele é o cara-dos-sonhos, das noites em branco, o apelo que se repete na sua mente quando você vai lavar louça, estudar para uma prova e conversar sobre amor com os amigos. Vinte e quatro horas é pouco tempo para dois e tempo demais para um. Em algumas noites, o moço vem te resgatar na sua casa, te leva para lugares melhores, te apresenta histórias dele e constrói novas ao seu lado. Em algumas tardes, vocês fogem para lugar nenhum, que ninguém pode encontrar, e são felizes por um curto espaço de tempo. Nas manhãs, o seu motivo de dizer bom dia é finalmente sincero. Ele é o único e o tanto de coisas sentidas nem cabe em um coração novinho que quase não sentia nada antes, só batia.

Você toma uma decisão porque há dias já pensava em fazer algo. Você vai ao topo de seu mundo, grita o nome dele e pede para que fique para sempre,



ainda que "para sempre" seja tempo indeterminado. Seus olhinhos brilham. Será o fim da vontade de encontrá-lo, pois a partir dessa hora ele estará perto em todos os momentos. Será a certeza de que ele é só seu, porque você é só dele desde a noite em que ainda não se conheciam.

A resposta demora. A resposta parece nem querer chegar. Você pensa nas outras demoras, elas não doeram tanto. Pensa nas vezes em que os encontros foram desmarcados e foram mais fáceis de digerir que o sumiço de agora. Pensa demais até que ele aparece e diz: eu não posso ficar, não somos feitos para dar certo. Encerra-se o clímax.

Você se encontra de um lado enxergando o outro: enquanto pensava só nele, ele pensava no trabalho, nas outras mulheres, nos estudos, no que fazer para jantar, por quantos dias a mais duraria o salário. Enquanto você imaginava uma vida mais bonita, ele lutava para se acertar no presente que nunca quis. As saídas, os encontros, os esbarrões faziam os dois felizes, mas a intensidade era para um só, para você.

Então, nessa noite de um ano depois, no mesmo lugar, perdida quase do mesmo jeito, procurando ar para respirar e virando as cervejas fiéis, você o encontra. Ele ainda é a pessoa mais bonita do local, ainda tem a voz que mais chama sua atenção e ainda diz coisas que te fazem rir. Mas não é nele que você vai pensar quando voltar para casa e se deitar na cama. Você tem mais o que fazer, tem alguns problemas, umas coisas da vida que não adianta adiar por causa de amor.





Sonho de Liberdade

Rafael Weiss Brandt

Ele tá vindo. Seguro a respiração, tenho que estar dormindo. Tenho. Lençol tem que cair delicadamente, a expor parte discreta da bunda. Mostrar tudo é coisa de puta.

Pronto. Não dá pra resistir a esse fio dental, não tem como.

Cadáver respirante, eis o papel. Não dá pra ousar mais: latido afasta a onça. Deus, como eu queria ser cachorra. Mas fui feita ovelha.

Gélida a presa, ele o predador.

Tic.Tac.Tic.Tac.

Isso, tenho que empinar. Suspirar profundo pra chamar a atenção: gata preguiçosa, cansa o fardo de conter essa libido.

Os sapatos beijam o chão de borracha como nunca sou beijada, ele larga entediado a vida no paletó suado, no relógio pesado de pulso.

Tic.Tac.Tic.Tac.

Não acendeu a luz. Acabou. Ele não me quer. Não me quer.

Sou gorda. Celulite. Estria. Burrice. Falta de classe, classe proletária demais.

Deixa disso mulher, é idade. Depois dos quarenta não tem mais isso de foder gostoso, de gozar, de pulsar paixão, de ser animal vivo. Aqui e agora somos bestas empalhadas, todas. Nada mais. Depósito de porra insensível e sorridente, dada à obediência e nada mais. Negar-nos a servidão é nos negar a missão divina.

Um baque ao colchão e deita o macho, leão cadaveroso e putrefato.

Mundo velho e cinzento esse, em que toda brasa é fria. É a vida.

Acordo cedo amanhã.

Deixa.

Bom dia.

Bom dia.

Revolução. Essa gente do trabalho nem sabe, mas vez ou outra durante o estupro laboral capitalista, me escondo no banheiro. Meu único e passível ato de revolução nessa existência toma corpo: o orgasmo.

Um vidro de perfume *Cuba* e óleo de amêndoas *paixão* (santa ironia) é tudo o que preciso para arrancar aos dentes esses grilhões. Meu clitóris é a língua que prega o evangelho do prazer proibido: eu ousa ter tesão nesse mundo insosso! Imagino paus. Veias. Paus pulsantes. Corpos femininos. Corpos masculinos, me complementando, me preenchendo, me fazendo divina, me fazendo sublime. Me fazendo tudo o que não me deixam me fazer.

Escorro, deixo marca no vaso: carta vitoriosa, declaração de fé para a próxima rebelde.

Chega de sonhar.

Amanhã acordo cedo.

Deixa.

Boa noite.



Um banquete para Ana

Sandra Godinho
Manaus/AM

Pirulito que bate bate, Pirulito que já bateu, Quem gosta de mim é ela...

Venha aqui para o canto da pia me ajudar a fazer comida, Ana. Lugar de menina é na cozinha, ao lado do fogão, enxugando gelo, engolindo o choro, fazendo comida. Comida de verdade, sem nada de faz-de-conta. Porque tudo nessa casa é de verdade. Até a dor, que a gente esconde, ajeita, empurra na alma. Que de tanto doer, já nem sente. Que de tanto sofrer, já nem importa. A mãe ensina. A filha aprende. Hoje vamos fazer pirulito, Ana. Misturar açúcar, água e mel. Deixar tudo doce. Mexer, mexer até o hábito se firmar. Chorar, só o irmão mais novo com essa tosse de cachorro. E chora, e chia, e soluça com gosto. Só enquanto é pequeno. Só enquanto a tosse não passa porque homem que é homem não chora. Com ele adoentado, mal consigo fazer um bolo. O pai reclama com razão quando a janta não está pronta, o coitado. Passa o dia trabalhando, quando chega quer a paz que nunca tem. Entendo a cara amarrada, o silêncio após o trabalho, a zanga com o moleque que nunca sossega, azucrinando os ouvidos. Vigia ele, Ana. Faz ele dormir, faz ele sonhar com uma vida na cidade grande, cheia de bocas de becos, esquinas escondidas, ruas rasgadas que cortam caminhos para cima e para baixo, caminhos que ninguém imagina, caminhos que ninguém vê. Um morando perto do outro, apertado, solidário na sina sinistra. E quando seu pai chegar e ligar a TV, cuidado para não esbarrar nos brinquedos do Gabriel e fazer barulho. Ela fica irritado. Sei que seu irmão espalha tudo pelos cantos, sei disso, mas ele é homem e homem não liga para detalhes de arrumação. Homem só quer saber de bola, trem de madeira, boneco, bicicleta. Tudo jogado pelo caminho. Gabriel agora só liga para o estilingue e as bolinhas de gude que usa como munição na cabeça dos cachorros. Agora encasqueta com os bichos. Arranca os olhos das lagartixas, abre a barriga dos gatos para ver o que tem dentro. Mijo e merda. Igual ao pequeno. De santo, Gabriel só tem o nome. Mas menino é assim mesmo.

Uni, duni, tê, Salamê, mingüê, Um sorvete colorê...

Hoje vamos fazer sorvete, Ana. Um doce para cada amargo. Um doce para cada monstro, fantasma ou demônio. O demônio de hoje é a Ondina, aquela sirigaita que anda pela venda do João em vestido justo, comprimento pouco e vergonha nenhuma. Rebola as ancas, desequilibrando mundos. E famílias. Fui amolar seu pai com essa história da Ondina. A culpa é da Glória, que insinuou qualquer coisa. Qualquer coisa indecente sobre ela e seu pai estarem se encontrando às escondidas. E eu, boba, fui reclamar com ele. Imagina minha estupidez. Amolar seu pai com essa conversa fútil, essa mentira da vizinha que tem inveja da nossa vida em família. Ele se aporrinhou, com razão. Afinal, ele



trabalha tanto para botar comida na mesa, dar um mínimo de conforto para a gente e eu amolando com uma mentira. Acredita que a Glória teve coragem de inventar que os churrascos que ele vai com os amigos no domingo não passam de desculpa para ele se embandeirar para os lados da casa dela? E não foi só isso que ela disse, aquela enxada. Inventou também que o bar das sextas-feiras é motivo de perdição nas casas das putas. Como tem maldade no mundo, não é, Ana? Aprende, filha. Aprende tudo, para não confiar nas vizinhas que só têm olho-gordo e cara seca de quem se perdeu da felicidade. Seu pai é um homem tão bom, nunca levantou a mão para o filho doente. Por falar nele, vá ver como ele está, Ana, porque ele está meio quietinho. Enquanto isso eu misturo o creme de leite, a baunilha e o leite condensado para fazer um sorvete cremoso. Enquanto eu me perco no hábito, remexer, remexer sempre para que a massa se forme, dissolvendo tudo. Misérias, mágoas e manhas. Que eu tenho muitas, seu pai sempre diz. E ele tem sempre razão.

Um, dois, feijão com arroz, Três, quatro, feijão no prato...

Eu não quero comer, Ana. Coma você. Feijão, arroz, biscoito e pastéis. Como uma mãe pode comer quando acaba de enterrar o filho? Está certo que agora ele não sofre mais. E é uma boca a menos, conforme seu pai disse. Eu sei que ele tem razão. Ele tem sempre razão, mas não consigo esquecer o rosto pequeno e descansado da falta de problemas. Tão puro. Um anjo que não chegou a viver. A gente morre um muito quando um filho desaparece, Ana. Um dia você vai entender. Esse luto sem prazo para terminar, esse desânimo pior que um abate porque é a morte em vida. A Glória falou que se eu não tomar cuidado, seu pai vai procurar atividade fora de casa. Eu não acreditei. Onde já se viu? Mas o homem tem as necessidades, não é? Como fui esquecer disso? À noite seu pai chegou com o diabo no corpo, mas eu não tinha nenhum porque meu anjo ainda me habitava. Eu não queria nada com ele. Um mal-entendido. Ele me estapeou o rosto, sangrou o lábio, ardeu a face, me colocou de quatro feito um animal. E me chamou de cadela. E disse verdades, que eu precisava do dinheiro dele para comer e dormir, então que eu fosse agradecida e desse para ele. Obedeci. Ele me penetrou até a alma, com raiva e razão. Eu lhe devia gratidão. E acalmou o animal que o habitava. E dormiu sossegado porque o dia seguinte era de trabalho e ele precisava descansar. Em poucos minutos, ressonava, a baba pendendo da boca torta, molhando o travesseiro branco e sem paz.

O Papagaio come milho, Periquito leva a fama. Cantam uns e choram outros, Triste sina de quem ama.

O olho roxo? A culpa é minha, Ana. Bem que você disse que quem bate uma vez bate sempre. Pegou o gosto. Mas não o culpo. Se eu pego porrada é porque seu pai está nervoso. Come o milho, Ana. E fecha essa matraca. Eu não quero ouvir que eu tenho direitos, nem que seu pai é um bicho. Você deve respeito a ele. Eu devo respeito a ele. Ainda mais agora que perdeu o emprego. E afoga a mágoa do corpo no copo de cerveja. Ele não tem culpa. Aposto que nem se lembra que me surra a cada noite, quando chega cambaleante da venda do João. Eu é que preciso saber a hora de falar. Nunca soube. Eu sou uma burra. Come o milho e pensa, Ana. Se eu for na delegacia vou ficar sozinha. Sozinha, entende, filha? Não tenho para onde ir. Depois, a gente vai se acertar, eu tenho



certeza. Um casamento é feito de paciência. Muita. Não é no primeiro problema que a gente desiste, mesmo porque ele já me ameaçou que vai me encontrar até no inferno. Não é amor isso, filha? Me seguir aonde quer que eu vá? É porque não vive sem mim. E não quer me magoar, nem me machucar, disso eu tenho certeza. As coisas vão voltar a ser como antes. Deixa ele arranjar um novo emprego. Tem algo a ver com dignidade. Coisa de macho. Vamos fazer um doce, filha? Como? Eu não estou gorda, Ana. Só um pouco acima do peso. É preciso muito doce para sumir com tanta amargura. Ainda me lembro do sorriso do pequeno.

Lá em cima do piano, tem um copo de veneno, quem bebeu, morreu, o azar foi seu.

Eu tive que tomar veneno de rato, Ana. Eu sou uma ratazana que nunca soube criar um ninho. Mereço morrer. Não aguentei quando soube que seu pai tinha ido morar com a Glória. A enxerida, a sem-vergonha. Ele mesmo me disse enquanto enchia a mochila de roupas. Me chamou de gorda, disse que meus filhos arruinaram meu corpo, que pessoas fúteis como eu deveriam acabar sozinhas. Eu me sinto vazia. Onde foi que eu errei, filha? Estou sufocando, estou morrendo. Esse tremor que vem de dentro, que balança meu mundo. Esse suor que é de desgosto, essa taquicardia que é do coração desgastado. Me deixa morrer, Ana. Quando o Gabriel chegar da rua, avisa que deixei a janta pronta. E não esqueça o bolo de chocolate em cima da mesa. Deixem que o doce tire o amargo de suas bocas.

<https://ascontistas.wordpress.com/as-contistas/>

<https://www.facebook.com/sandra.godinhogoncalves>





Um Suspiro

Ícaro T. Silva
Lisboa - Portugal

As casas de pedra resguardam-se perante a neblina
Que esvoaça intensamente nas ruas, e me intimida.
A torre de uma igreja irrompe do clima tenebroso
E é visivo o sino, que quebra o silêncio cioso.
Doze badaladas faz soar, antes de eu mergulhar
Outra vez na imensidão de um véu, debaixo do luar.

A lua cheia sorri no ápice de um céu sem astros,
Enquanto o vento assobia ao acariciar as árvores
Que abraçam esta pobre aldeia, afundada em ignorância.
A obscuridade e a solidão acompanham a minha errância,
Após o apagar das luzes, oriundas de uma casa,
Fazer a paisagem nocturna imergir numa macabra.

Repentinamente, tudo o que é movimento, pára -
A minha respiração gelifica e suspende no ar,
O sangue paralisa no interior das minhas veias
E os meus pés unem-se à viela da pequena aldeia;
A minha pulsação estaca e o meu corpo torna-se frígido,
Enquanto um uivo ensurdecador trespassa os meus ouvidos.

O uivo que me subjugou, perante a sua imensidão,
Não era o uivo de um ser comum - possuía tal perversão
Que terrificaria a mais horrífica besta de Hades,
E que exasperaria o mais devoto orador da paz;
A sua ressonância afligiria a mente mais sã
E extinguiria a chama da vela mais irradiante.



Foi esse uivo que, após arrancar a robustez do meu corpo,
Embrenhou, nas minhas artérias, o pânico e tremor.
A minha inércia cessa ao ouvir o mesmo uivo, outra vez,
Porém mais próximo, acentuando a minha palidez
E reanimando os meus pés, dormentes na ansiedade,
Que romperam pela escuridão numa fuga exaltada.

Escavo submerso no negrume. Nada mais avisto.
A fobia infundável adelgaça a minha alma e espírito,
E encolhe a minha existência neste ambiente soturno.
Está próximo. Posso ouvir o seu fôlego, seguro
De que, nesta ceia, irá se alimentar da minha carne.
No clímax desta obsessão, sou abalroado e finda a caça.

Por fim, observo horrorizado a face do meu assassino.
As suas feições sinistras provocam-me calafrios;
Nasce do seu pelo, negro como o céu que me assolava,
Garras ávidas por desfazer a minha pele fraca.
Fito os seus olhos, vermelhos como a paixão de uma vida,
E vejo um suspiro - o último que eu alguma vez daria.





Um Trem Sem Destino

César Manzollillo

Rio de Janeiro/RJ

Dora acordou cedo, decidida a embarcar no primeiro trem que saísse da estação. Não queria nem saber seu destino. Precisava apenas escapar de casa, deixar sua vida para trás. Tomou um banho, comeu alguma coisa e se arrumou. A mala, pronta desde a véspera, já a esperava ao lado do sofá. Em cima do piano, um bilhete escrito à mão. Parou um momento e sentiu que poderia hesitar. Fitou Valentina pela última vez, enquanto a gata rodopiava pela sala antes de se instalar em sua poltrona preferida. Com um gesto brusco, Dora fechou a porta e seguiu a pé rumo à estação, aonde chegou após quinze minutos de caminhada resoluta. No guichê, uma pequena fila. Diante do funcionário, ficou muda por alguns instantes. Ele finalmente perguntou:

- Para onde, senhora?
- Para Felicidade e Paz, apenas ida. Posso pagar com cartão?





Zé Caô

Rodrigo Alves
Rio de Janeiro/RJ

Caô um adjetivo, uma gíria muito usada no Rio de Janeiro para alguma mentira, alguma balela, como bem disse, uma e não milhares e a todo momento. Caô é a expressão que deu apelido a José Mauricio, mais conhecido pelos amigos como Zé caô. Zé não perdia uma, toda oportunidade dada a ele da palavra, era um descuido e pronto, soltava mais uma de suas pérolas.

Naquela sexta-feira de verão, fim de tarde, como de praxe os amigos do trabalho reuniam-se no fim do expediente para tomar uma, tradicionalmente um hábito na cidade maravilhosa. O papo era sobre tudo, mais o que predominava na roda de amigos, era naturalmente o de sempre, futebol, mulheres e traição, só não valia contar a própria, pois ninguém que se preze exalta suas próprias derrotas. Naquele dia Zé parecia estar preocupado, bebia muito, ria pouco e coçava a cabeça a todo o momento, sempre junto com suspiros profundos, que logo chamaram a atenção dos amigos:

- O que foi Zé, o que te aflige.

Perguntou um amigo da roda a Zé caô.

E o pobre vivente, respondia em tom de tristeza.

- Não é nada, meu amigo, deixa pra lá.

E o papo prosseguia animado. Entre altas gargalhadas, lá estava o coitado do Zé calado, e esse fato intrigava cada vez mais os amigos, que estranhavam esse jeito acanhado do colega, pois sempre costumava ser agitado, e claro, tinha como marca maior, contar muitas, mas muitas mentiras.

De tanto insistência, Zé confessou o drama que estava passando na sua vida. O papo cessou, a risada parou, o clima era tenso, muita seriedade para escutar o problema do colega. Lentamente Zé prosseguiu a relatar seu drama:

- Meus amigos, há dias que não durmo direito, não consigo parar de pensar numa burrada que cometi, e o pior que dessa vez não tem a ver com nenhuma mulher, nem com dinheiro, tão pouco confusão em buteco por conta de futebol, mas o assunto é grave.

Zé parou de falar, apertou os lábios, suspirou e prosseguiu:

- Camaradas, por esses dias, tive um dia daqueles, problemas no trabalho, dinheiro escasso, contas a pagar, enfim, após o expediente fui direto ao bar mais próximo que encontrei pela frente, não pedi chope nem vinho, precisava de algo mais forte e quente, a noite era para conhaque, depois de algumas doses, e de me sentir um pouco mais leve, não fui me meter em nenhum cabaré para



arrematar a noite, nesse dia fui direto pra casa, tomei um bom banho, e depois de discutir com a mulher por conta do cheiro de bebida, fui dormir, já na cama pedi desculpa a patroa, desabafei, fizemos as pazes e já viu né, o coró comeu, foi uma noite daquelas de amor. Os amigos sem entender nada interrompem o cidadão:

- Mais o que tem de problema nisso Zé, até aí tudo normal.

E Zé com uma cara de choro completou:

- Vocês não percebem o tamanho do problema, meus amigos, é simples e grave ao mesmo tempo, o erro foi que não me protegi, acabei por me empolgar e me esbaldei com a nega veia. Bem vocês sabem a mulher está grávida de gêmeos, então o meu desespero está aí, o que será de mim se ela engravidar de novo, e em vez de dois, me venha três ou até quatro, o que será da minha vida, me digam meus amigos, o que será da minha vida?

Não houve outra reação entre o grupo além do que o silêncio, sem falar nada pediram a conta e um a um foram saindo, indignados com que o Zé tinha relatado, para alguns era pura sacanagem desse cara, para outros era somente ignorância, até hoje não se sabe o que passa ou que se passou naquela cabeça desse tal de Zé caô, era preciso isso? tanta imaginação, tanta história fiada para um cara já velho, prestes a ser pai de família, vai saber a verdade, o fato é que no balcão do bar, ficou sentado sozinho, Zé com a mesma cara deslavada de preocupação e entre um gole e outro, entre um suspiro e uma coçada de cabeça na nuca, Zé repetia a mesma frase sozinho:

Mas será possível? Que Deus me livre e guarde disso!





Convocatória: A Arte do Terror – Volume 5 - “A Arte da Guerra”

O projeto "A Arte do Terror", juntamente com a Elemental Editoração convoca escritores de todos os lugares para sua mais nova coletânea *A Arte do Terror – Volume 5 - “A Arte da Guerra”*, que fará uma homenagem ao fim da 1ª Guerra Mundial, que este ano completa 100 anos.

O projeto é totalmente gratuito e digital. Em cada volume o autor pode disponibilizar seu conto de Terror que irá para o volume criado e será publicado pelo selo independente Elemental Editoração.

Não deixem de participar!!

Acessem o site para ler o edital com o regulamento completo e também para conhecer as edições anteriores:

<https://aartedoterror.weebly.com/edital>



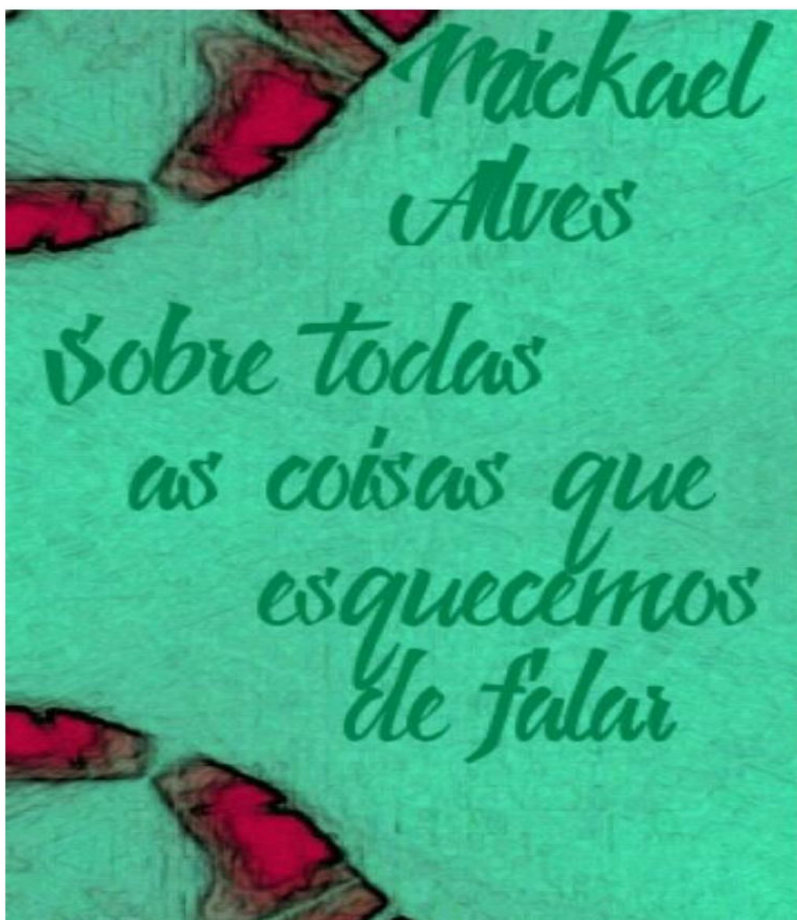


Ebook – Sobre Todas as Coisas que Esquecemos de Falar

Leiam o ebook de poemas do escritor cearense Mickael Alves, o autor é um participante assíduo da LiteraLivre, sendo um dos premiados pelo público na edição especial “Melhores do Ano da Revista LiteraLivre” em 2017.

O autor se destaca por sua escrita versátil e eclética, que faz pensar.

Não deixem de ler esta obra moderna e bonita.



Link para leitura:

Sobre Todas as Coisas que Esquecemos de Falar – Mickael Alves

"O que você esqueceu de dizer hoje?"

https://issuu.com/miihells/docs/mickael_alves_-_sobre_todas_as_cois



Revista Les Diaboliques

A Revista Les Diaboliques, cujo nome é inspirado no filme clássico de Henri-Georges Clouzot, surgiu da necessidade de mais olhares e vozes femininas voltadas ao cinema de horror, assim como da urgência de destacar as realizações de mulheres no gênero.

Criada pela pesquisadora e crítica de cinema Beatriz Saldanha, a revista traz conteúdos cinematográficos variados dentro do tema horror, incluindo artigos, playlists, críticas e a sessão 13 filmes, onde convidados elevem 13 filmes de acordo com um determinado tema e após a comparação das listas um ranking é criado, demonstrando os principais filmes expoentes do tema.

Conheça este belo trabalho que trata o cinema de horror com a seriedade que ele merece!!



<https://revistalesdiaboliques.wordpress.com/>



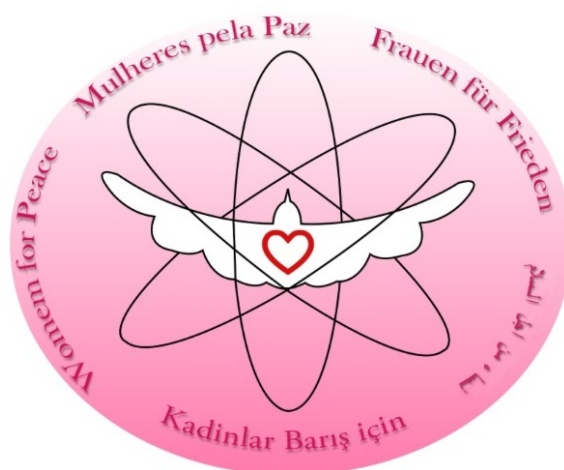
Lançamento da I Coletânea Internacional Mulherio das Letras Pela Paz

A antologia bilíngue (português e inglês) "I Coletânea Internacional Mulherio das Letras Pela Paz", projeto que reúne 50 escritoras e ativistas de vários lugares do mundo, que escreveram poemas e contos sobre e pela paz, foi lançado no dia 8 de março em Augsburg, Alemanha, durante o "IV Sarau da Paz", promovido pela Associação Mulheres pela Paz - "Frauen für Frieden".

O Sarau contou com a presença de artistas e autoridades e também da organizadora da coletânea Vanessa Ratton, que participou de uma maratona de divulgação ao lado da Alexandra Magalhães Zeiner, representante da Associação Mulheres pela Paz.

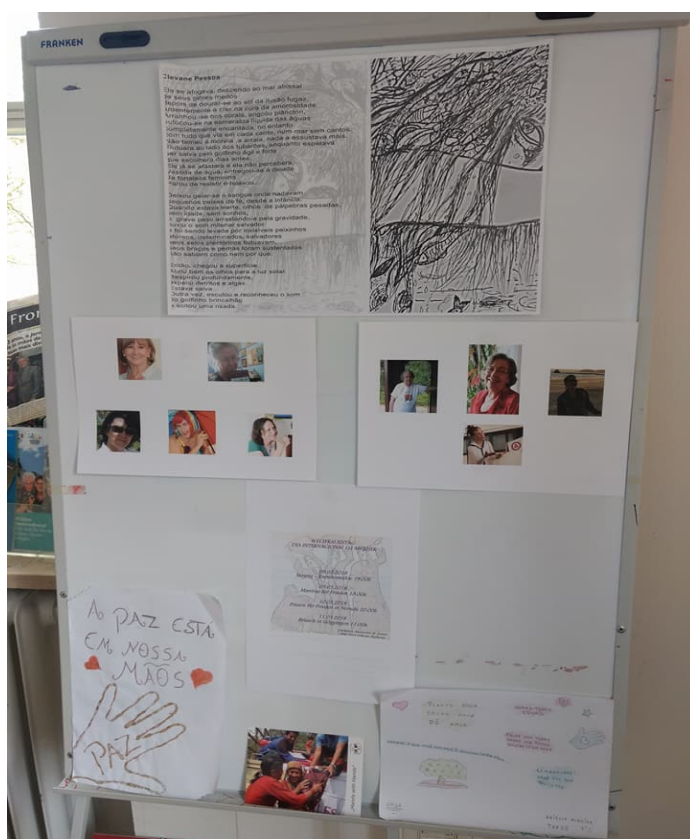
A coletânea contará com diversos lançamentos programados no Brasil, o primeiro deles acontece no dia 2 de maio de 2018 na XIII Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas & Flipoços, que vai de 28 a 06 de maio 2018.

Parabéns a todas as escritoras participantes e aos organizadores do evento!!





autoras homenageadas no sarau



<https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-456642538000869/>



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

<https://concursos-literarios.blogspot.com.br/>

CONCURSOS



LITERÁRIOS



"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

<http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/>



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

<https://www.facebook.com/casabrasil.li/>



“Mulheres Audiovisual”

- uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

<http://mulheresaudiovisual.com.br/>



Elemental Editoração”



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

<https://seloee.weebly.com/>



Rosimeire Leal Da Motta Piredda - Escritora e Poetisa.



E-BOOKS GRATUITOS EM PDF
REVISTAS LITERÁRIAS

**Leia e baixe gratuitamente
e-books com coletâneas de vários autores.**

<https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm>

**Envie seus trabalhos para a próxima edição!!
Quem já participou, pode participar novamente!
A participação é gratuita!!
Não se esqueçam de assinar a revista no site!**

Envie seu trabalho para:

revistaliterallivre@yahoo.com



Participem da próxima edição!!!

O prazo para envio é até 05/04

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

Atenção para algumas mudanças no regulamento.

**Os textos enviados fora do prazo serão reservados
para edições futuras.**



**Vamos mudar o mundo
através das
palavras!!!**

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive>

<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/>